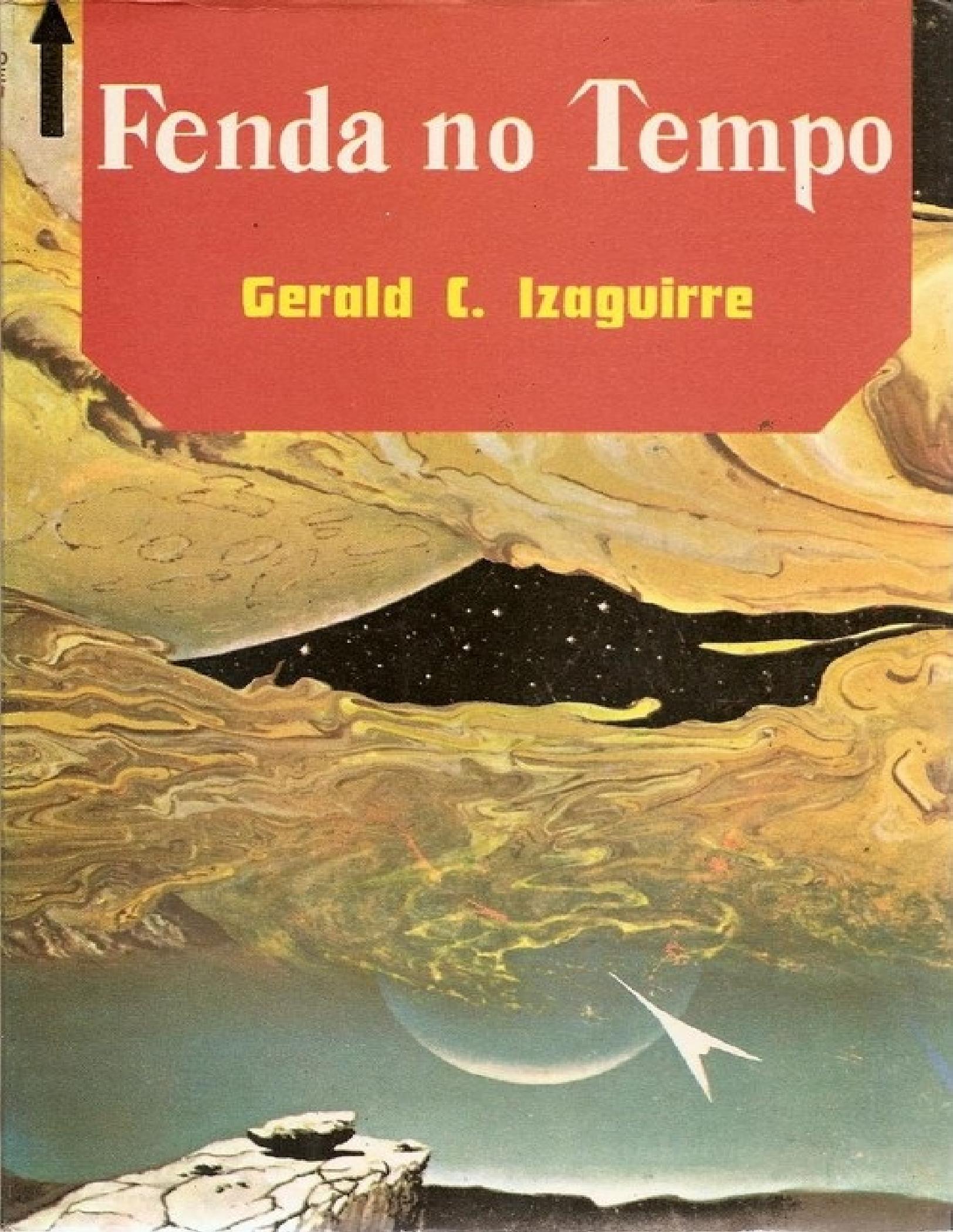




Fenda no Tempo

Gerald C. Izaguirre



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



GERALD C. IZAGUIRRE

FENDA NO TEMPO

NOVA ÉPOCA EDITORIAL

O TEMPO É O GRANDE ALGOZ DA HUMANIDADE.

ALGUM DIA, O HOMEM VENCERÁ O TEMPO.

1

A noite descia triste, chuvosa e escura, com nuvens negras que pressagiavam a continuação, ainda por algumas horas, de muita chuva. A água, rebrilhando no piso plástico da estrada que era iluminada pelo feixe de luz, à passagem do veículo, logo voltava ao seu negrume e à sua quietude. O homem sentado à direção do veículo pensava qual seria a melhor forma de iniciar a inverossímil história que naquela noite deveria contar, já que não poderia ocultar por mais tempo toda aquela sucessão de fatos. Precisava de alguém que o ouvisse, que fosse suficientemente seu amigo e que nele acreditasse de forma a compartilhar daqueles estranhos acontecimentos, como também orientá-lo em alguns pontos que ainda permaneciam nebulosos em toda aquela trama.

Enfim, em poucos minutos estaria estacionando seu veículo, na moradia do Dr. Meilli, seu amigo de muitos anos, a quem relataria toda sua história.

Assim pensando, Cidhar Dim sentia-se um pouco mais calmo e confiante e por isso quando foi recebido por Meilli, sua fisionomia apresentava-se calma e sorridente.

O Dr. Meilli, encaminhando Cidhar para dentro do seu escritório, ia dizendo:

— Já estava imaginando que você cancelaria sua vinda, em virtude da chuva torrencial que neste momento desaba nesta região.

A resposta de Cidhar foi incisiva:

— Por nada deste mundo deixaria de vir hoje conversar com você, pois, tenho um relato muito importante a ser feito e que jamais poderia constar de qualquer relatório oficial da minha vida profissional.

— Se o assunto é tão sério assim pedirei que não nos interrompam, sob qualquer pretexto.

Nesse momento, o visio-comunicador emitiu o seu tic-tac característico durante alguns segundos e logo depois apareceu no vídeo do aparelho, o código de quem estava chamando. Imediatamente, pela lateral saiu uma tira de papel que foi cortada automaticamente. O Dr. Meilli, com um olhar significativo a Cidhar recolheu a ficha para ler seu conteúdo. Depois de um momento, disse a Cidhar:

— Tenho que atender, pois, trata-se do Prof. Luogui, do observatório astronômico Lunar; deve ser muito importante a sua comunicação, pois, para chegar até o meu visio-comunicador ele teve que usar um canal de satélite e um canal de uma estação terrena de recepção. Vou responder:

Manipulando dos botões do visio-comunicador, Meilli fez com que aparecesse no vídeo a fisionomia do prof. Luogui que foi logo dizendo:

— Suponho que você está sozinho no seu escritório, pois, o que tenho a dizer é altamente confidencial.

O Dr. Meilli não hesitou em dizer:

— Estou acompanhado de um alfa especial cujo nome é Cidhar Dim, do Instituto Eclético e agente do governo; se você desejar, ele deixará este escritório, enquanto estamos em comunicação.

— Conheço o nome desse agente, porém não o conheço pessoalmente; ele poderá ouvir nossa comunicação, desde que venha para frente do vídeo, pois, assim poderei identificá-lo em outra oportunidade.

Com um movimento de cabeça, Meilli convidou Cidhar a sentar-se ao seu lado, de forma a também ele aparecer no vídeo.

O prof. Luogui fixou longamente a fisionomia de Cidhar, como que procurando uma completa fixação

mental da sua fisionomia e depois continuou dizendo:

— O que vou dizer é completamente confidencial e extraoficial, pois não consta — pelo menos por enquanto — em nenhum relatório oficial.

“Há quatro noites terrestres — aqui estamos completando a dé cima noite lunar — que estou a postos junto ao nosso computador para escuta extra-solar. Este é um trabalho de rotina e até cansativo, pois, o tempo passa e o terminal do computador permanece inativo através de meses e meses sem apresentar sequer uma novidade.

“Entretanto, há quatro noites e sempre à mesma hora ele sai da sua inatividade e vai imprimindo no papel uma série de letras que no final não compõem uma palavra sequer. A sensação que tenho é que um psicopata avariou nosso computador, fazendo uma estúpida brincadeira. O mais estranho é que quando pedi dados sobre a origem da mensagem e seu significado, o computador gravou no terminal que ainda não poderia fornecê-los por serem ainda muito imprecisos.”

Após uma pausa, continuou o Prof. Luogui:

— Você, Meilli, é o psicólogo do nosso departamento lunar e por isso lhe faço o meu apelo.

Poderíamos ter um doente entre nós?

Enquanto o prof. Luogui fazia a sua explanação sobre os estranhos acontecimentos do observatório lunar, o Dr. Meilli procurava as fichas de saúde e dados psicoanalíticos das pessoas que tinham acesso ao computador ligado ao receptor sideral. Após alguns momentos, conseguia responder com segurança:

— As possibilidades de alguém introduzir no computador, dados extravagantes, é muitíssimo remota. Francamente não vejo condições — pelo menos nas fichas que tenho aqui presentes — de nenhum desses funcionários tomar uma iniciativa desse tipo. Creio, prof. Luogui, que os fatos devem ser encarados por outra ótica.

— Você está insinuando — respondeu Luogui — que o computador está realmente recebendo essas mensagens desconexas?

— Estou insinuando que as mentes dos seus funcionários não poderiam estar tão extraviadas ao ponto de avariar tão seriamente e conscientemente o seu computador. Você deverá procurar outras causas se não quer acreditar na realidade das mensagens.

Cidhar Dim, não podendo mais conter a sua impulsividade, interferiu no diálogo, dizendo:

— Suponha por um momento prof. Luogui — que o computador dentro de algumas horas possa fornecer dados que poderão ser preciosos para a solução ou decifração da mensagem recebida. Não seria de bom alvitre esperar essas informações?

— Bem, desde que o Dr. Meilli não vê possibilidade de avaria do computador, acho que só me resta esperar essas informações. Vou desligar.

— Espere — disse o Dr. Meilli — desejava pedir a você que mantenha contato comigo sobre o assunto e se a minha presença na Lua for necessária, pode chamar--me que irei imediatamente.

— Certo e desligo, disse o prof. Luogui.

Os dois amigos ficaram por um longo tempo, completamente absortos em seus próprios pensamentos. As afirmações do prof. Luogui eram muito estranhas e poderiam ter reais conotações com uma mensagem sideral enviada de algum longínquo planeta habitado por seres inteligentes. Por fim Cidhar quebrou o demorado silêncio:

— Porque não pensar que o Prof. Luogui tem em mãos uma mensagem inteligente, enviada de um planeta de outro sistema solar?

O Dr. Meilli respondeu:

— Você sempre foi daquele tipo verossímil, nunca admitindo teorias amalucadas; porque, de repente você admite uma possibilidade como essa?

— Por que o que eu tenho a contar a você, foge completamente à realidade e entretanto eu vivi tudo o que sucedeu...

— Desde alguns dias adquiri a certeza de que alguma coisa você tinha a dizer-me. É com relação à sua operação e à inexplicável inconsciência que durante horas o mantive em completa imobilidade corporal e mental?

— Sim, Meilli, exatamente sobre essas horas que me mantive inconsciente, que desejo falar ou melhor contar o que sucedeu..

Cidhar Dim continuou, narrando todos os acontecimentos que se sucederam durante o seu período de inconsciência. Dizer da estupefação do Dr. Meilli, seria pouco. Jamais poderia ele pensar que Cidhar passara todas aquelas horas com sua mente completamente ausente do seu corpo, vivendo uma assombrosa aventura, fora da Terra, usando apenas sua energia mental.

— Enfim, Meilli — continuou Cidhar — com todos esses acontecimentos, ficou provado que pode existir um espaço sem tempo e que a recíproca deverá ser verdadeira. Você imagina que se nós pudermos provar que podemos sobreviver no Tempo sem termos o Espaço circundante ou em outras palavras vivermos no Tempo e fora do Espaço, o campo que se abre para pesquisarmos o Passado e o Futuro, será inesgotável...

Meille interrompeu Cidhar perguntando:

— Você já fez alguma experiência com o intuito de novamente separar sua mente do seu corpo?

— Desde que sai do hospital, venho procurando diariamente entrar novamente em inconsciência e provocar essa separação, porém todos os meus esforços têm sido inúteis. Pensava contar com sua ajuda para tentar novas experiências. Talvez com sua ciência médica aliada ao meu esforço, consigamos obter um resultado satisfatório. Não sei como, mas acho que você pode ajudar.

Meilli ficou pensativo por um longo minuto. Sabia que não poderia recusar a Cidhar a ajuda que pedia, mesmo porque a pesquisa científica era sua própria razão de viver. Obviamente faria experiências com Cidhar, mas levaria algum tempo para equacionar o problema, estudando a melhor forma de enfrentá-lo.

— Bem, em princípio, não poderia recusar ajudá-lo, porque acredito na sua história e também porque o simples pensamento de pesquisar sobre o assunto me entusiasma. Ademais, ajudá-lo a repetir essa descorporização, e conseguí-la, será a única forma de provar a veracidade da sua história, para os descrentes.

— Quando começamos? perguntou Cidhar, com certa ansiedade no tom de voz.

Meilli, após alguns momentos de reflexão, respondeu:

— Nestes sábado e domingo, iremos para as montanhas, ao meu pavilhão de caça onde ficaremos completamente isolados e poderemos fazer algumas primeiras experiências; aliás, tenho lá, aparelhos eletrônicos de apoio à ciência médica que poderão ser úteis em certas circunstâncias. Você quer fazer alguma sugestão especial sobre o assunto?

— Não tenho muita certeza, respondeu Cidhar, mas, se tivéssemos algum tipo de anestésico semelhante ao que me foi ministrado na ocasião da operação, creio que poderia ser de alguma ajuda.

— Entendo, replicou Meilli, entrarei em contato com o seu médico anestesista e pedirei a ele a informação que desejamos. Você espera que com esse anestésico possa chegar a um tal ponto de inconsciência que lhe permita fazer sua mente flutuar fora da matéria?

— Talvez esse seja o caminho inicial, porém não o ideal, pois, essa qualidade, a meu ver, não deverá depender de agentes externos e sim, sua dependência necessariamente estará ligada ao meu estado de consciência e à minha vontade.

Durante um longo período ficaram ambos em completo silêncio, cada um raciocinando sobre a possibilidade de Cidhar poder contar em qualquer momento, com a prerrogativa de sua energia mental separarse do seu corpo. Nenhum dos dois amigos sabia ainda como e para que empregar essa qualidade, pois, no momento estavam sendo levados pela curiosidade científica. O Dr. Meilli esperava que a

psicologia pudesse alcançar uma nova fase criando uma nova Classe Alfa à qual seria ministrada a nova qualidade da mente desencorporada, desenvolvendo novos caminhos para a Civilização.

Cidhar Dim, engolfado em seus pensamentos, tentava imaginar uma viagem espacial com muitíssimos anos de duração, na qual seria usado o sistema de vida suspensa, após a libertação da energia mental, de cada uma das pessoas da tripulação; a matéria teria sua vida física suspensa, porém a mente, sendo pura energia continuaria vivendo, pensando, trabalhando e observando todo o tempo da viagem. Seria o guardião da sua própria vida, pois, teria sob sua própria responsabilidade, a vida do seu corpo. Durante uma viagem, fora do seu sistema solar, uma nave com sua estranha tripulação, poderia fazer todo o tipo de observação e trabalho desde que contasse com um equipamento adequado para ser comandado pela energia mental e não normalmente manipulado pelo homem. Sim, seria um grande passo para a exploração das estrelas mais próximas, ou seja, a libertação do homem, do seu sistema solar...

Repentinamente, o Dr. Meilli interrompendo a divagação de ambos, disse:

— Se você puder chegar ao ponto ideal de poder desprender-se do seu corpo, mentalmente, a humanidade dará novo passo para novas conquistas em todos os setores da atividade humana.

— Sim, temos que conseguir esse ponto ideal, Meilli, pois, não posso imaginar que para o resto da minha vida não entrarei mais em contato com Luzia, aquele ser maravilhoso do mundo do Poliedro.

— Realmente o relato que você fez daquele mundo, é impressionante e inverossímil. O simples fato da sua mente estar separada do seu corpo, cientificamente já é impossível, apesar de que teoricamente podemos admitir, se envolvermos um pouco de parapsicologia no assunto. Por outro lado creio que manter contato com os habitantes do mundo do Poliedro — e a única forma seria a separação do binômio mente-matéria — seria uma forma de enriquecer nossos conceitos filosóficos com injeção de pensamentos completamente alienígenas. Na verdade, as ciências humanas seriam engrandecidas a ponto, talvez, de modificar as conceituações do bem e do mal, legados por nossos antepassados do século XX, e até o momento não conseguimos transformações radicais das suas afirmações.

— Você realmente, disse Cidhar, é um verdadeiro soldado da nossa ciência mental, pois, já está pensando na possibilidade de mudar as regras do jogo psíquico aos quais a humanidade até hoje está atrelada...

Meilli com o olhar vago e a flutuar no espaço, disse:

— Se nós pudéssemos ensinar à humanidade que o bem não deve ser ligado, comparado ou equacionado com o mal, evidentemente estaríamos mudando as regras do jogo e faríamos deste planeta o tão sonhado lar paradisíaco.

— De qualquer forma se nós pelo menos conseguirmos comigo, a minha separação de mente-matéria, já teremos dado um grande passo a favor da ciência. Mas, voltando ao nosso fim de semana, vamos combinar a forma de chegar até lá.

— Naturalmente você virá também no meu aero-carro e para tanto, descerei no seu teto, às 18 horas. Não se preocupe com bagagem, pois, como você sabe, tenho suprimento para todas as nossas necessidades, naquele meu refúgio.

— Então, estamos combinados, disse Cidhar Dim, às 18 horas de sexta-feira, estarei pronto à sua espera. Até lá, não creio que nos possamos ver novamente, em pessoa, porém se qualquer novidade surgir nos veremos via visio-comunicador. Boa noite Meilli.

O Dr. Meilli acompanhou Cidhar até o seu veículo que após alguns segundos desapareceu na noite brumosa e fria.

2

Durante quase toda a semana, Cidhar não teve tempo sequer de pensar naquilo que poderia acontecer entre sábado e domingo, durante o desenrolar das experiências que faria junto com o Dr. Meilli. A razão desse aiheamento foi o encargo que lhe deram no Instituto Eclético, de funcionar como observador do congresso de astro-física que somente estaria encerrado no fim da semana.

Cidhar notara que desde o primeiro dia — quando fora inaugurado o congresso — havia algo pairando no ar, entre os congressistas. Quando procurou entre alguns deles, algumas informações sobre acontecimentos que poderiam criar aquele clima de instabilidade, somente obteve respostas vagas, de que alguém defenderia uma teoria maluca que faria o campo da física tremer nos seus alicerces.

Com tais informações ele procurou redobrar as suas buscas, pois, nessa altura, não só o assunto interessava ao Instituto, como também ao próprio governo da Terra, do qual era agente durante cada hora do dia. Quando pensava desistir das buscas e esperar pacientemente que a tal teoria fosse normalmente exposta, encontrou entre os congressistas, um físico que com ele havia estudado no Instituto. Após as recíprocas manifestações de alegria pelo encontro depois de todos aqueles anos, perguntou, como que por acaso:

— Cid, parece que há algo neste congresso que tudo leva a crer na explosão daquela bomba científica. Creio que o nosso professor deveria amadurecer mais as suas idéias e procurar adeptos que pudessem ajudá-lo em campos paralelos...

O homem chamado Cid, parecia haver entendido que Cidhar já estava totalmente sabedor do assunto, pois, suas palavras levavam a crer que assim fosse, por isso respondeu:

— Cidhar, também a mim se me apresenta um pouco inoportuna a ocasião, pois, todos nós sabemos que neste momento o nosso governo gasta rios de dinheiro com as pesquisas sobre o universo infinito, buscando a afirmação do espaço-tempo contínuo. O nosso professor, com sua teoria poderá quebrar essa cadeia de pesquisa. E se lhe faltar fundamentos para continuar? E se a matemática lhe disser não? Teremos um tempo perdido nessa digressão... nossa ciência precisa libertar-se da velocidade da luz, pois, só assim saberemos se estamos ou não sozinhos no universo, porém, não com digressões absurdas que só retardarão nossa chegada a essa meta.

Cidhar estava mais do que treinado para ocasiões como aquela, por isso na sua fisionomia não transpareceu o seu espanto, motivado pelas palavras do seu amigo. Então havia alguém querendo aplicar uma monumental rasteira nas leis de física e ainda mais, desejando mostrar que as pesquisas ordenadas pelo governo estavam completamente fora do rumo certo! Precisava urgentemente saber o nome do professor que estava prestes a cometer tamanha estultícia, por isso perguntou com cautela:

— Você tem uma agenda interna do Congresso para saber a que horas ele vai ocupar a tribuna?

— Já não precisamos dela, pois, o professor Karon Belli já vai começar a lançar a sua bomba...

Era tarde. Nada mais poderia ser feito no sentido de censurar ou não, a tal teoria. O homem já ocupara a tribuna e o silêncio era completo no vastíssimo recinto. Era como a calmaria que antecede à grande tempestade. Cidhar perguntava-se a si mesmo porque o governo não tomara conhecimento antecipado do que estava prestes a acontecer. Mentalmente respondeu à sua própria pergunta: o governo tomara conhecimento do assunto, apenas, achara irrelevante o assunto. Porque?

Mas, teve que abandonar seus pensamentos porque o professor Karon, entrara em cheio no assunto, e dizia:

— Não podemos aceitar as condições infinitas do espaço-tempo, pois, isso seria negar a expansão da vida inteligente do universo, aceitando sermos os prisioneiros que não têm direito ao deslocamento, acima da velocidade da luz...

Por aí seguiu com a parte filosófica da sua teoria. Pouco a pouco a empolgação tomava conta dos ouvintes e Cidhar notava em cada fisionomia um futuro adepto das idéias do professor.

O professor Karon cada vez mais adiantava-se na sua explanação e em determinado momento chegou ao ponto máximo das suas afirmações, dizendo:

— A nossa ciência confirmou os chamados “buracos negros” e logo depois comprovou a teoria da anti-matéria e com isso criamos a dúvida da existência do infinitamente contínuo e se aceitamos essa idéia, podemos aceitar a teoria da descontinuidade temporal. Creio que em algum lugar, o Tempo deve sofrer uma quebra na sua continuidade e essa seria a nossa passagem, para vencer a velocidade da luz e encontrarmos o AntiTempo...

Cidhar estava pasmado pois também ele embarcara no navio das idéias malucas do professor Karon. Aquele astro-físico estava acenando com a possibilidade — e esta era a primeira vez que acontecia — do homem vencer a velocidade da luz e poder pular entre as estrelas próximas e longíquas, relegando a uma posição secundária, distâncias incomensuráveis que até agora cerceavam os maiores sonhos da humanidade...

Os pensamentos de Cidhar foram interrompidos pelos altofalantes que naquele momento davam a palavra ao matemático Alex, Diretor do Instituto de Matemática Universal. O silêncio que se fez entre os congressistas demonstrava o respeito e admiração que todos nutriam pelo velho professor.

— Todos sabem, começou o velho sábio, que há alguns séculos atrás, a empírica matemática dos nossos antepassados, antes mesmo da ciência astronômica conhecia as orbitas onde deveriam flutuar todos os corpos do nosso sistema planetário...

Mais uma vez, Cidhar isolava-se em seus pensamentos e ficava atônito com o rumo dos acontecimentos, pois, já imaginava que o velho sábio não só iria aceitar a teoria de Karon como também oferecia sua ciência matemática para estudar as idéias apresentadas naquele congresso...

— ... e sendo assim, ponho à disposição do professor Karon não só os meus serviços como também os serviços da equipe do Instituto de Matemática Universal.

Todos os congressistas estavam embasbacados. Sabiam todos que o Governo Central naquele momento empregava verbas fabulosas em experiências para provar exatamente o contrário. O silêncio que se fizera após as últimas palavras do matemático, aos poucos foi quebrado e o burburinho de centenas de vozes foi tomando vulto até chegar à sua intensidade normal.

Cidhar cruzou o recinto em busca de um visio-comunicador, pois, precisava entrar em contato com o Instituto Eclético para conhecer a opinião do seu Diretor. Sabia que não estava em missão especial e sim apenas representando o Instituto num congresso que não deveria trazer novidades arrebatadoras como aquela, mas sentia também a necessidade de conhecer a palavra do seu Diretor.

Estabelecido o contato com o Instituto, imediatamente apareceu no vídeo a fisionomia do Diretor que foi logo dizendo:

— Esperava pelo seu chamado, Cidhar e suas ordens são para entrar imediatamente em contato direto e particular com o professor Karon — se por preciso, identifique-se como Agente Alfa exigindo uma cópia da sua teoria, ainda hoje. Todas as autoridades do planeta viram e ouviram pelo vídeo o que disse Karon e esperam que o nosso Instituto, em poucas horas, faça uma avaliação dessa teoria. Você, em caráter estritamente pessoal, tem alguma coisa a dizer?

— Não tenho posição definida, replicou Cidhar, porém devo dizer, confidencialmente, que temos em mãos uma teoria muito coerente com certos acontecimentos. ...

— Quais acontecimentos Cidhar. Esclareça melhor.

— Antes de fazer um relatório verbal ou escrito a respeito desses acontecimentos a que me referi, preciso de mais tempo, talvez quinze dias, no máximo.

— Está bem, respondeu o Diretor. Conheço sua forma de trabalho e não quero apressá-lo. Por enquanto, ponha as mãos em cima dessa teoria maluca e venha imediatamente para o Instituto. Desligo.

Saindo em seguida para a sala dos conferencistas, Cidhar pensava que não seria fácil contactar com o professor Karon, sem a presença de outras pessoas. Claro que em último recurso faria valer sua autoridade de agente federal.

De repente, teve uma idéia absurda! Karon estava no caminho certo, pois, ele mesmo fora parte integrante e principal de uma inverossímil aventura, na qual o Tempo fora uma das peças importantes e primordiais! Não teria sido possível a sua viagem ao “Mundo do Poliedro” se não existisse um Diferencial Temporal de modo a permitir que ele cruzasse um Espaço de milhões de quilômetros dentro de um tempo instantâneo, o que fazia parecer a velocidade da luz como barreira transponível...

Encontrar o Professor Karon não foi tarefa muito difícil mas Cidhar sabia que isolá-lo daquela multidão de gente que procurava respostas diretas para suas perguntas era um trabalho árduo e antipático. Nesse momento, para aumentar as dificuldades de tirar Karon do meio de toda aquela gente, chegava uma legião de representantes de jornais falados que tomaram de assalto os primeiros lugares junto ao astrofísico e quase que exigiam maiores e melhores explicações de uma forma absurda e anti-científica.

Essa confusão propiciou a Cidhar o momento e a oportunidade de não só aproximar-se do sábio, como também sequestrá-lo da multidão, pois, entre os jornalistas que o circundavam, estavam três que conheciam Cidhar e já o haviam auxiliado em uma operação de suma importância para o Governo. Bastaria em palavras rápidas pedir o apoio dos três, para retirar Karon do meio da multidão.

Procurando vencer a impenetrabilidade daquela massa humana, Cidhar aos poucos conseguiu chegar junto a Karon e aos três jornalistas que quando perceberam sua presença, entenderam, mais por olhares do que por palavras — devido ao intenso vozerio reinante — que era urgente a retirada do professor de toda aquela confusão e que Cidhar estava disposto a tanto e confiava na ajuda de cada um deles.

Lentamente, entre os quatro, foram encaminhando-se à porta indicada para ser ocupada pelos conferencistas inscritos para ascender a tribuna. Naquela confusão, ninguém se apercebeu que instantes depois o professor entraria por aquela porta e que todos os demais seriam obstados de entrar, por Cidhar e seus companheiros.

Ainda que sob protestos de todos os que ficaram do lado de fora, após a porta fechada, um dos jornalistas disse:

— Muito bem Cidhar, nós não sabemos porque você está empenhado em retirar o prof. Karon, do meio dos congressistas, mas mesmo assim lhe demos a nossa ajuda. Agora, em compensação você deixará que por alguns minutos, o prof. Karon responda a algumas das nossas perguntas.

Cidhar, dirigindo-se ao professor, explicou: Recebi ordens do Instituto Eclético para entrevistá-lo. Desejo antes de mais nada exhibir a minha identificação. Quanto, aos jornalistas presentes, que me ajudaram na tarefa de retirá-lo da multidão, desejam fazer-lhe algumas perguntas cujo livre arbítrio é todo seu para respondê-las.

Toda aquela confusão não tinha retirado o sorriso de satisfação, dos lábios do astro-físico que continuando a manter a calma, ia respondendo a todas as perguntas dos três jornalistas que tão inteligentemente haviam ajudado a Cidhar, em troca de uma calma entrevista com o professor. Quando terminaram as perguntas e respostas, Cidhar muito polidamente agradeceu e pediu aos jornalistas que se retirassem da sala, pois, precisava manter uma conversa oficial com o prof. Karon, ao qual, quando sozinhos, disse sem mais preâmbulos:

— Fui incumbido pelo Instituto Eclético, que recebeu ordens do Governo Central, de pedir-lhe uma cópia da sua teoria sobre a descontinuidade temporal; o professor deve entender a minha posição de

executor de uma ordem.

O sábio, ainda com um sorriso aflorando aos lábios, tranqüilamente respondeu a Cidhar:

— O Governo Central, do qual sou também um obediente funcionário, não precisaria neste momento vir em busca de uma cópia da minha teoria, pois, em época oportuna, de acordo com o Regulamento do Instituto, enviei um original completo sobre o assunto. Se na ocasião, ao invés de tachar a minha teoria de maluca, tivesse sido procurada uma forma de diálogo, talvez a teoria do infinitamente contínuo, não teria agora uma rival. Naturalmente que você será portador de uma cópia completa da minha teoria sobre a Intermitência Relativa do Tempo.

Minutos após à entrevista com o prof. Karon e já de posse da cópia da sua teoria, Cidhar retirava-se do Congresso e tomando seu aerocarro dirigia-se para o Instituto Eclético, para entregar aquele documento para seu Diretor que ao recebê-lo apresentava uma fisionomia cheia de apreensão.

Durante dois dias seguidos, Cidhar permaneceu dentro do Instituto, estudando e procurando absorver, com todos os seus detalhes, a teoria de Karon. Não estava sozinho. Formara-se uma equipe de três alfaEspaciais que dedicaram-se durante o tempo todo ao estudo e interpretação do assunto. Já ao fim do segundo dia, reunidos com o Diretor e o Assessor para a Ciência Astro-Física, chegaram a algumas conclusões que se fossem publicadas acarretariam uma verdadeira revolução nos postulados a respeito do Tempo, pois, a tendência de todos, no Instituto era a de que o prof. Karon havia usado um raciocínio lógico, merecendo uma atenção toda especial a respeito do assunto, por parte do Governo Central. Evidentemente que a equipe que estudara o assunto, fez um relatório detalhado, no qual dava crédito à teoria da Intermitência Relativa do Tempo.

E assim chegara ao fim a semana de Cidhar, que voltava a pensar seriamente naquele sábado e domingo junto com Meilli e na tentativa de reproduzir o fenômeno da separação da matéria, de sua energia mental. Confiava muito em Meilli, como amigo e profissional. Era um dos melhores em assuntos psíquicos e parapsíquicos.

Quando Cidhar preparava-se para deixar o Instituto, em busca do seu almejado fim de semana com o Dr. Meilli, foi interrompido pelo chamado do visio-comunicador interno. Ao iluminar-se a tela, apareceu a fisionomia do seu Diretor que foi logo dizendo:

— Durante as nossas reuniões com a equipe que está estudando a teoria de Karon sobre a Intermitência Relativa do Tempo, naturalmente não mencionei nada sobre certos acontecimentos aos quais você fez alusão, dizendo que mais tarde faria um relatório. Quero dizer que nada sei sobre o assunto mas suspeito ter alguma ligação com seus contínuos encontros com o Dr. Meilli. Se verdadeiramente eu estou no caminho certo, desejo sugerir que o seu relatório venha antecipadamente verbal para depois estudarmos a forma escrita que irá constar dos anais do Instituto.

— Meu caro Diretor, respondeu Cidhar com a calma de quem não foi surpreendido — naturalmente que você não conhece o assunto, mas sabe que alguma coisa está em curso, pois, neste Instituto o Diretor tem que ser o melhor Alfa... farei como você pede, fazendo meu relatório verbal ou talvez até experimental. Mais alguma recomendação?

— Somente que talvez eu não possa esperar os quinze dias que você mencionou.

A resposta de Cidhar foi vaga e inconclusa:

— Gostaria de na próxima segunda... sim, farei o possível para concluir este assunto muito rapidamente. Desligo.

Cidhar Dim retirou-se do Instituto e dirigindo seu aerocarro rumou para seus aposentos de solteiro. Não tinha muito que fazer em casa pois com algumas ordens pelo visio-comunicador para a administração eletrônica do edifício e mais umas poucas roupas que levaria para passar o fim de semana, estaria pronto para aquela pequena viagem até as montanhas. Estava combinado com o Dr. Meilli que o seu aerocarro estaria às dezoito horas no teto exposto dos seus aposentos e por isso a qualquer instante ele chegaria.

Realmente, uns poucos minutos depois a voz do olho eletrônico do seu campo de pouso, avisava que um aerocarro acabava de chegar e que seu ocupante limitava-se a esperar dentro do veículo.

Cidhar Dim rapidamente chegou ao aerocarro do Dr. Meilli que esperava pacientemente seu amigo. Após estarem acomodados, o aerocarro elevou-se rapidamente passando a viajar no nível de mil metros de altura, com velocidade permitida para velocidades logo abaixo da barreira do som. Logo após à estabilização da velocidade e com os servo-comandos de rota na ligação de piloto automático, o Dr. Meilli quebrou o silêncio dizendo:

— Você está lembrado daquela ligação do Dr. Luogui, do observatório Lunar, sobre uma mensagem malucada e sem nenhum sentido. Pois bem, ele ligou a dois dias novamente dando-me uma notícia simplesmente fantástica, pois, o computador do Observatório apesar de ter sido bombardeado com seis perguntas completamente diferentes uma da outra, replicou sempre com a mesma resposta, isto é, que a mensagem tem origem no espaço compreendido a 150.000.000 Km da Alfa do Centauro que por sua vez está a cerca de quatro anos luz do nosso sistema solar. Responde ainda o computador que os sinais chegados até o Observatório Lunar não são sinais de rádio das estrelas e sim sinais de rádio gerados naquele ponto do espaço.

Cidhar, como se estivesse pensando alto, disse:

— Indiscutivelmente a Alfa do Centauro é um conjunto de três estrelas, sendo que a Próxima realmente está a cerca de 4,3 anos luz do nosso Sol. Es tranho é o computador relacionar o ponto onde é gerado o sinal de rádio ou mensagem com a distância da Próxima do Centauro. E quanto à mensagem, já foi decifrada?

— Nada sei até agora, pois, Luogui desconversou quando lhe fiz essa pergunta e adicionou dizendo que dentro de poucos dias estará aqui na Terra e entrará em contato comigo. Mas, você está muito pensativo.

Tem alguma idéia sobre o assunto?

— Sim, estou imaginando que a distância detectada pelo computador entre a Próxima e o ponto do espaço onde é gerada a mensagem, sugere perfeitamente que nesse lugar do espaço pode existir um planeta. Não seria muito doida a idéia de que nesse ponto do espaço, poderia estar girando um corpo celeste, numa órbita mais ou menos equivalente à da Terra, em relação ao sol.

— E que estaria enviando mensagens à Terra? Ora, isso é impossível!

— Se pensarmos em termos de mensagens diretas à Terra, realmente seria absurdo, porém, se imaginarmos que essa mensagem está sendo gerada para o espaço com o intuito de ser recebida não se sabe como ou por quem, a coisa faz sentido, pois, nós mesmos, no Observatório Lunar temos um posto de escuta sideral e um posto de emissão de sinais, sem qualquer trajetória pré-estabelecida.

Nesse momento o piloto automático do aerocarro começou uma contagem regressiva, assinalando o fim da viagem dentro de vinte e cinco segundos.

O pavilhão de caça do Dr. Meilli estava localizado numa meseta saliente, de um grande despenhadeiro, impossível de chegar por outros meios que não fossem aéreos. Descortinava um panorama enorme por cima de uma reserva florestal, com uma exuberante fauna de pássaros de todos os tamanhos, nos quais poderia ser exercitada a caça em qualquer época do ano, pois, as armas usadas disparavam um raio de luz que quando alcançava o alvo computava um ponto para o atirador, já que ao voltar, acionava um pequeno computador implantado na parte maior da coronha. A ave atingida — portadora de um dispositivo eletrônico — nada sofria com o raio de luz, a não ser um pequeno estímulo para continuar voando naquela área e assim facilitando que a, competição continuasse por muito tempo. Naquela reserva florestal localizavam-se vários pavilhões de caça, facilitando a competição entre seus proprietários em renhidos concursos de tiro ao alvo.

Logo que o aerocarro aterrissou, Cidhar e Meilli trataram de por em funcionamento todo o equipamento elétrico e eletrônico do pavilhão, para proporcionar-lhes iam confortável fim de semana.

Como Meilli havia anteriormente afirmado, o pavilhão contava com vários equipamentos médico-científicos que se destinavam a proporcionar não só recursos médicos imediatos — ele era o médico daquela pequena reserva de caça — como também propiciar a possibilidade de estudos e experiências para o seu morador, que muitas vezes transportava-se para aquele recanto silencioso e isolado, para melhor estudar algum assunto mais urgente na sua vida profissional. A intenção de Meilli e Cidhar era exatamente essa; muito isoladamente estudar e experimentar as condições espantosas de separar a energia mental, da matéria corporal, que Cidhar inconscientemente havia conseguido durante a sua permanência no Hospital. Para tentar esse quase impossível, Cidhar e Meilli teriam dois dias inteiramente dedicados ao problema.

Cidhar não cabia em si de impaciência e não via chegar o momento em que reproduziria a sua experiência passada; por sua vez, Meilli, apesar de estar estranhamente calmo — o que sempre lhe acontecia, nos momentos de grande tensão e expectativa — não deixava de confiar plenamente na repetição do fenômeno. Ele acreditava nas qualidades excepcionais de Cidhar e na sua própria técnica médica que durante tantos anos desenvolvera através de muito trabalho e dedicação. Enfim, confiava que de alguma maneira, os resultados positivos deveriam aparecer.

Naquele momento de silêncio, Cidhar Dim estava com a sua atenção presa num eletrocardiógrafo que o fazia lembrar perfeitamente da experiência obtida, na sala de cirurgia do hospital, quando ao tentar movimentar no espaço a sua energia mental, repentinamente sentiu estar dentro do eletrocardiógrafo que reproduzia o pulsar do seu próprio coração. Lembrava-se que fisicamente nada significara para ele, aquele momento, porém a sua mente rejeitara a situação procurando outra posição no espaço da sala.

Cidhar, procurando quebrar o prolongado silêncio, dirigiu a palavra a Meilli, dizendo:

— Vou ativar as poltronas e sofás desta sala afim de integra-las no ambiente.

Sem esperar resposta começou a manipular os botões de um painel da parede, logo acima de um sofá. Lentamente graduou a entrada de volume de água, para dentro do sofá passando logo em seguida a regular o volume de saída. Ao comprimir um terceiro botão apareceu uma equação determinando a temperatura ambiente que relacionada com a temperatura do corpo humano dava como resposta um calor médio; manipulando outro botão, Cidhar marcou os graus dados pela equação, de forma a fazer com que o fluxo de água que entrava para o móvel, passasse a ter a caloria desejada. O último botão do painel comandava a cor desejada para colorir o líquido e Cidhar escolheu o azul celeste muito de acordo com o seu temperamento. O sofá, totalmente ativado pelo painel de comando tornou-se anatômico com relação ao corpo humano e com um movimento quase imperceptível provocado pelo movimento da água em seu interior. Como era fabricado com um material flexível e transparente, a cor azul da água, dava aos olhos um aspecto agradável e repousante. A operação foi praticada nos outros painéis dos outros móveis que passaram a ter as mesmas características que o primeiro.

O prof. Meilli por sua vez já iniciara seus testes nos instrumentos para verificar se tudo estava em ordem. Ao mesmo tempo estava pensando que poderia iniciar a tentativa, aplicando em Cidhar, via venal, o mesmo pré anestésico utilizado na ocasião da operação. Terminada a manipulação dos instrumentos, disse a Cidhar:

— Antes de mais nada creio será necessário combinar uma forma de comunicação entre nós, caso a experiência venha a dar bons resultados, na primeira tentativa. Pelo que você afirma, sua energia mental tem poder suficiente para movimentar um objeto sólido imprimindo-lhe uma agitação qualquer ou mesmo elevando-o no espaço. Se você conseguir separar a sua mente do seu corpo, como sinal de êxito, você moverá essa pequena estatueta que está aí à sua direita e assim saberei que o novo passo a ser dado será abrir a minha mente para você tentar uma comunicação, via transmissão mental. Creio que se conseguirmos vencer mais essa dificuldade, será muito necessário que durante a nossa comunicação você transmita todas as suas sensações, desde o princípio até o fim da experiência.

Em Cidhar, naquele momento acontecia uma pequena mudança; a impaciência cedia lugar a uma

sensação de angústia e o seu raciocínio repentinamente sentia que seria melhor recuar, pois, talvez ele não estivesse pronto para repetir a experiência.

Pensando que seria melhor pôr Meilli a par das suas apreensões, disse-lhe:

— Repentinamente senti uma angústia que antes não conhecia, junto com uma enorme vontade de não submeter-me à experiência. Você acha que devemos continuar?

— Naturalmente, respondeu Meilli — esse é um momento de fraqueza psíquica. Desde o ponto de vista anímico este momento talvez seja ideal para uma experiência desse tipo. Inclusive, através daquele instrumento iluminado com luz vermelha, posso aumentar em você esse estado de angústia, criando melhores condições psicológicas, para provocar o fenômeno.

— Não percamos mais tempo, Cidhar. Deite-se no sofá e mantenha o estado de tensão enquanto ligo alguns eletrodos e injeto na sua veia o pré anestésico.

Cidhar, sob uma terrível e angustiante tensão, silenciosamente deixou Meilli fazer seu trabalho de ligação dos eletrodos do instrumento de nível de tensão. Nos primeiros minutos, com os olhos abertos e fixos no teto da sala, nada aconteceu a não ser que a sua angústia e a vontade de fugir dali cada vez eram maiores. A tal ponto aumentou a tensão em sua mente que ele decidiu-se a levantar-se e acabar com tudo, obrigando-se mentalmente a fugir daquele inferno psíquico. Quando conseguiu levantar-se entrou em completo torpor seguido de um grande mal estar com um nauseante movimento ondulante que o levava a uma completa falta de estabilidade emocional e o que era mais terrível, não conseguia sentir seu próprio peso ou a natural pressão atmosférica que envolve o corpo humano. Cidhar não saberia dizer qual o tempo que se mantivera naquela angustiante situação. Verdadeiramente não tinha noção do que estava acontecendo, lembrando-se somente do seu último impulso, isto é, fugir daquele inferno psíquico. A bem da verdade não poderia afirmar se estava vivo ou morto. Seu único pensamento, neste momento, era voltar a ter paz na sua mente.

3

O Dr. Meilli estava realmente atônito, pois não encontrava uma resposta para os acontecimentos. Logo após ligar os eletrodos nas têmporas de Cidhar, começou a injetar o pré anestésico na veia do braço, porém interrompeu imediatamente a aplicação porque observou que o seu paciente havia caído em completa inconsciência. Tinha certeza que aquela pequena quantidade de anestésico não acarretaria sequer sinais de sonolência. Abandonando imediatamente o campo das conjecturas, passou a fazer um minucioso exame clínico em Cidhar, começando pela tomada de temperatura, verificação de pressão arterial e metabolismo, constatando que poderia chamar de quase normais as condições clínicas encontradas a não ser pela grande lassidão muscular que todo o corpo apresentava. Meilli tinha a certeza de que clinicamente tudo estava em perfeita ordem e começou a pensar que a única resposta estava no fato de Cidhar ter conseguido completar o ciclo da experiência, com a separação da sua energia mental da sua matéria corporal. Se isso acontecera, deveria apenas esperar, pois, a qualquer momento a comunicação, previamente combinada, deveria sobrevir, e, assim, de alguma forma, ambos deveriam procurar não só manter o contato estabelecido, como também tratar de ampliá-lo a fim de obter todos os dados possíveis sobre a experiência realizada e coberta de êxito.

Assim pensando, Meilli dispôs-se a tomar algumas providências enquanto esperava um primeiro contato com Cidhar. Entre outras providências, desligou os eletrodos das têmporas de Cidhar e logo depois fez as ligações necessárias do eletrocardiógrafo para receber os impulsos elétricos do músculo cardíaco que passaram a ser reproduzidos no osciloscópio acoplado ao conjunto. Com estas últimas providências, Meilli finalmente dispôs-se a esperar qualquer manifestação da energia mental de Cidhar que acreditava, neste momento, estar completamente livre e flutuando dentro da sala.

*

Após aquela nauseante e ondulante experiência que induzia Cidhar a fugir daquele inferno psíquico, repentinamente sentiu uma completa paz dentro da sua mente. Aquele momento de desespero que o mantinha nos limites da vida e da morte haviam passado. Devia entrar em contato com Meilli para informá-lo que aquele instrumento de luz vermelha — que mais parecia um instrumento de terror — devia ter sofrido alguma pane, pois, não mais sentia os seus efeitos. Devia falar-lhe também de que o pré-anestésico não tinha atuado de forma normal, ou melhor, não tinha surtido nenhum efeito. Para dizer tudo isso a Meilli, a primeira coisa que fez foi abrir os olhos e nesse momento entendeu o que acontecera. Sua visão da sala era de cima para baixo e dentro do seu panorama visual além de todos os móveis e toda aquela parafernália médica estava ele mesmo, deitado no sofá, com fios elétricos ligados. Meilli achava-se sentado na poltrona ao lado e com os olhos fixos na pequena estatueta que devia ser o ponto de encontro para a primeira comunicação entre ambos.

Acontecera! A mente de Cidhar estava separada do corpo! Sua energia mental voltava a ser livre. Poderia inclusive fazer uma pequena viagem ao Mundo do Poliedro, e contactar com Luzia...

A energia mental de Cidhar, liberada de todas as ligações com a matéria, sentia-se possuída de uma felicidade e de um poder que em termos humanos não poderia ser medido. Como psiquicamente tinha desaparecido o compromisso inconsciente de defender a matéria corporal, a mente de Cidhar passou a

desconhecer o bem e o mal, como unidades sensitivas, perdurando apenas a idéia fria e filosófica da existência da maldade e da bondade. Para Cidhar, esse era o momento de paz mental que ele tanto desejara no instante em que se processara o desligamento das duas unidades humanas.

Sentindo uma intensa curiosidade com relação à comunicação com outra mente humana, Cidhar muito cuidadosamente começou a prescrutar a mente de Meilli, procurando um contato que realmente não sabia ao certo como fazê-lo. Pensando que o resultado negativo obtido devia-se ao seu excesso de cautela, dirigiu o seu poder mental, com mais agressividade, para o cérebro de Meilli, chamando-o pelo nome, e novamente o resultado foi negativo. Então, procurou inverter o processo, isto é, abrir totalmente a sua mente para tentar captar qualquer pensamento de Meilli. Também não obteve o mínimo resultado. Depois dessas experiências, foi fácil para Cidhar, cujo raciocínio multiplicara-se várias vezes, após a quebra do elo das duas unidades humanas, entender que os seres humanos eram dotados de uma natural barreira psíquica que somente poderia ser levantada por sua própria vontade. Dessa forma, enquanto Meilli não se propuzesse a abrir seus pensamentos, o encontro mental seria impossível.

Para Cidhar — como energia mental — provocar um leve movimento pendular na pequena estatueta que era o centro de todas as atenções do Dr. Meilli, foi obra de um instante, pois, ao dirigir seu poder mental para a estatueta, esta começou a fazer pequenos movimentos pendulares. Meilli com a emoção estampada no seu semblante, saiu do seu silêncio, para dizer:

— Conseguimos Cidhar! Você conseguiu repetir o processo de desligamento, novamente. Precisamos de alguma forma de entrar em contato, para você transmitir-me todas as suas sensações e sobretudo como se processou o desligamento... mas... você está me ouvindo?

Este era o grande problema. Cidhar, apenas através da sua visão mental, registrou o movimento labial de Meilli, porém como sua audição era uma sensação física, como energia mental, jamais poderia ouvir qualquer som. Evidentemente que para Cidhar não seria muito difícil seguir os movimentos labiais de Meilli e entender todas as suas palavras, porém, não havia uma forma de Cidhar fazer-se entender por Meilli, a não ser pela via do contato mental, aliás já tentado sem sucesso, em virtude da barreira mental existente na mente do médico.

O problema tinha que ser rapidamente resolvido por Cidhar e não por Meilli que ignorava até em que lugar de espaço, flutuava a energia mental do seu amigo.

Cidhar poria em prática um processo simples e direto. Na biblioteca da sala tinha um livro — visualizado nesse instante por ele — cujo nome era “Barreiras Mentais”, que poderia servir para fazer Meilli entender e ao mesmo tempo por em prática, a única forma de contato. Assim pensando Cidhar flutuou lentamente para perto da estatueta que servira de primeiro contato. A forma de locomover-se no espaço, anteriormente usada, era de provocar um lento movimento de rotação sobre si mesmo e logo depois, com muita cautela deslocar-se na direção desejada. Com esses dois movimentos conseguiu chegar lentamente até um ponto um pouco acima da estatueta e aí permaneceu imóvel. Dirigindo sua atenção mental para o livro desejado, provocou seu deslocamento. Lentamente o livro atravessou o espaço e veio colocar-se ao lado da estatueta. Nesse momento, conforme Cidhar havia suposto, o médico foi levado pela curiosidade, a ler o título do livro que logo depois começou a abrir-se lentamente, mostrando o nome de um capítulo: “como abrir a mente”.

Para Meilli, um dos melhores médicos psicólogos daquela região da Terra, entender a mensagem de Cidhar, pedindo-lhe que abrisse a sua mente, ou melhor, que levantasse sua barreira mental para que o contato entre as duas mentes fosse possível, foi obra de um instante. Dedicado durante anos ao estudo de contatos mentais ou transmissão de pensamentos, por várias vezes tentara com outros estudiosos, levantar a barreira mental natural, da qual era portador cada ser humano. Agora, aquelas experiências que no passado tinham fracassado, sem razões aparentes, pareciam ser o único meio de entrar em contato com Cidhar. O psicólogo rapidamente acomodou-se na poltrona e começou sobre si mesmo um tratamento

autógeno, determinando uma letargia corporal que teoricamente deveria levantar sua barreira mental.

Cidhar conhecia o processo e por isso sabia o que Meilli estava fazendo. Em média, o tempo necessário para que uma mente humana bem treinada pudesse exercer um poder letárgico-corporal, era de três a quatro minutos. Cidhar estava disposto a esperar que após esse tempo o médico levantasse sua barreira mental. Enquanto o tempo escoava-se, Cidhar começou com muita cautela a enviar ondas mentais na direção de Meilli que pouco a pouco entrava em completa letargia. Repentinamente contactou a primeira mensagem:

— Entendi que a única forma de entrarmos em contato era de entrar em letargia, de forma a abrir a minha mente.

— Bem... você entendeu a minha mensagem quando usei o artifício do livro. Entretanto... creio que o nosso contato deverá ser feito em qualquer momento e independente do seu estado letárgico. Creio que você deve tomar consciência perfeita do momento exato no qual você levantou sua barreira mental, para tentar reproduzi-la, independente de um estado letárgico, devo insistir.

— Você tem toda a razão, somente que a forma não deve ser essa. Lembre-se que o psicólogo sou eu... bem, vou tentar a inversão sem perder o contato mental com você, isto é, sairei do estado letárgico mantendo o nosso inacreditável telefonema mental!

— Concordo, porém, antes de você tentar esse jogo — que pode perder — vamos esclarecer alguns pontos muito importantes.

— Preciso saber, disse Cidhar — quais foram as condições que você usou para ajudar minha libertação mental. Para mim, foi terrível. Sofri um verdadeiro inferno psíquico, seguido de um nauseante mal estar e uma total instabilidade emocional. Evidentemente que estas condições são completamente diferentes daquelas pelas quais passei quando separei minha energia mental, pela primeira vez.

Meilli, usando o mesmo sistema utilizado por Cidhar, para transmitir-lhe aquela mensagem que fora transmitida por palavras que penetravam sua mente e eram interpretadas como se estivessem sendo lidas numa imagem de vídeo, passou a transmitir:

— O que você chama de inferno psíquico foi provocado em parte pelo instrumento de nível de tensão emocional e em parte por sua própria tensão. Esse conjunto tensivo não só estimulou sua instabilidade emocional como também produziu a quebra de ligação da energia mental com a matéria corporal. Quanto ao pré-anestésico tenho certeza não influenciou em nada a quebra de tensão, pois, no momento em que verifiquei que você estava inconsciente, suspendi a injeção, e assim, a quantidade absorvida na sua corrente sanguínea não poderia sequer provocar uma lassidão muscular.

Antes mesmo de Meilli terminar sua mensagem, Cidhar já raciocinara rapidamente que essa instabilidade emocional poderia ter efeitos físicos, desde o ponto de vista cardíaco e para obter novas informações, foi transmitindo para o médico:

— Esse alto nível tensional poderá ter influências nocivas para o meu sistema circulatório e mesmo para o meu músculo cardíaco. Você tem no eletrocardiógrafo a resposta gráfica para tudo que aconteceu naquele momento de tensão que passei. Você quer verificar se houve alguma modificação perigosa?

Meilli imediatamente segurou a tira de papel impressa pelo eletrocardiógrafo e estudou longamente o gráfico de impressão, transmitindo depois para Cidhar, a seguinte mensagem:

— A tensão que você sofreu e a instabilidade emocional sentida, em nada influenciou o seu batimento cardíaco. Encontro uma pequena diferença de batimento em determinado ponto que deve corresponder ao momento da sua inconsciência, porém, não saberia dizer se essa diferença é devida ao desligamento da energia mental ou se foi provocada pela pequena quantidade de anestésico que foi injetada.

— Isso significa que para uma próxima experiência terei que enfrentar novamente aquele inferno psíquico. Não estou gostando nada da idéia e não foi assim que aconteceu o desligamento naquela primeira vez.

— De qualquer forma, respondeu Meilli — o fim foi alcançado por meios diferentes. Mesmo porque

você não poderia andar por aí, tomando anestésico nos momentos menos indicados. Por outro lado, após repetidos desligamentos, esse inferno psíquico tenderá, a elevar-se a níveis mais baixos que o atual.

Mais alguma pergunta?

— Sim, e isto é importante. Neste instante, passo a transmitir, enviando imagens daquilo que quero dizer e não palavras como até agora vinha fazendo; você está percebendo...

— Espere Cidhar, a sua velocidade é muito grande e estou perdendo parte da transmissão. Recomece outra vez.

Com essa experiência, Cidhar desejava apenas medir a velocidade da sua mente e verificar se Meilli poderia acompanhá-lo.

— Muito bem Meilli, vou continuar com velocidade moderada, porém com quadros de imagens e não com quadros compostos com palavras.

Cidhar estava procurando reproduzir a mesma situação anterior, quando pela primeira vez entrara em contato com os seres do Poliedro para os quais a palavra nada significava, ao passo que as imagens eram perfeitamente entendidas.

— Creio que agora, voltou Cidhar a transmitir — devemos pensar em você, isto é, numa forma de mantermos o contato mental independente do seu estado letárgico.

Meilli, após um momento de reflexão, voltou dizendo:

— Muito bem, creio que o melhor sistema será o de transmissão simultânea de forma a mantermos a nossa atenção redobrada, isto é, transmitindo e recebendo os nossos pensamentos ao mesmo tempo e procurando perceber perfeitamente essa simultaneidade de interlocução. Assim, vou tentar sair da letargia sem perder o contato com você.

Meilli sabia que a experiência, apesar de não ser perigosa era muito difícil, pois, requeria a sua atenção no sentido de manter bem aberta sua natural barreira mental e ao mesmo tempo procurar concentrar-se de tal forma a fazer sua mente voltar ao comando muscular do seu corpo. Para tentar manter um bom nível de contato, começou a contar mentalmente, uma estapafúrdia história da sua juventude ligada a um contato sexual com uma belíssima e experimentada mulher alguns anos mais velha do que ele e que usando os enleios do seu sexo procurou tirá-lo do meio universitário.

Imediatamente Cidhar entendeu que o médico estava sacrificando sua intimidade em função de um bom resultado que levasse aquela experiência a um completo êxito. Assim sendo, procurou que a sua história fosse perfeitamente paralela com a que estava sendo contada por Meilli inclusive no que dizia respeito a sexo. Lembrou-se daquele contato mental que tivera com Luzia, momentos antes de voltar para a Terra, cujas recordações quando sua mente estava ligada ao seu corpo, representavam um dos melhores instantes sexuais, vivido por ele. Com essa transmissão, mantendo um assunto semelhante ao que Meilli transmitia-lhe simultaneamente, Cidhar procurou por todos os meios continuar o contato estabelecido.

Pouco a pouco o médico foi deixando o torpor letárgico. Com a sua volta à normalidade física, a mente outra vez recebia os encargos de comando do corpo e as dificuldades para manter o contato mental com Cidhar eram cada vez maiores. Meilli em determinados instantes perdia parte da transmissão do seu amigo e obviamente, Cidhar recebia a história do outro, cheia de trechos em branco. A cada momento, o contato poderia ser desfeito e talvez fosse difícil recomeçar. Algo deveria acontecer imediatamente ou então a experiência teria que ser recomeçada e Cidhar passaria novamente por aquele inferno psíquico... uma outra parte da sua mente começou a raciocinar com uma velocidade fantástica e segundos depois, punha em prática o resultado do seu raciocínio.

A forma encontrada por Cidhar, para evitar a perda de contato com o médico, foi a de transmitir todo o sofrimento que sentira no momento da separação da sua energia mental, da sua matéria corporal. Ele sabia que poderia ser demais para Meilli, mas confiava em que o espírito de pesquisa do cientista seria maior que a vontade de cortar o contato, para libertar-se daquele sofrimento psíquico. No momento em que o médico começou a receber de Cidhar aquela avalanche de pensamentos que faziam com que sua

mente se sentisse agredida por todos os lados, seu primeiro impulso foi de ceder à natural interposição da sua barreira mental. Mas, uma fração de segundo depois, sua curiosidade científica foi maior e ele entregou-se totalmente àquele sofrimento, sabendo que o próprio Cidhar havia passado por tudo aquilo, pouco tempo antes. Se por um lado, Meilli deixou de transmitir para Cidhar, por outro lado ficou completamente absorto pelas incríveis imagens de sofrimento que lhe eram transmitidas.

Quando Cidhar Dim entendeu que a atenção mental de Meilli o mantinha completamente ligado, lentamente afrouxou a tensão da sua narrativa, terminando por transmitir:

— Desculpe, meu velho, mas não tive alternativa; sei que se você não fosse agredido mentalmente, nosso contato estaria perdido, por isso, lancei mão desse expediente. ..

— Tudo bem, Cidhar; como experiência pessoal, posso imaginar agora, o que você convencionou chamar de inferno psíquico. Como experiência científica, posso afirmar que servirá no futuro como base para uma tese de introdução a uma nova ciência sobre a mente humana. Estou sentindo muita facilidade em manter contato com você. Inclusive estou sentindo em minha mente aquele leve “rascar” que você mencionou na sua narrativa sobre os mundos exteriores; creio que essa poderia ser a forma de chamada para mantermos contato-mental.

— Ótimo Meilli, também creio que essa deve ser a forma de chamada, desde que o nosso contato venha a ser natural e...

— Espere, o visio-fone está chamando e já encheu um metro de papel com mensagem. Vamos tentar manter contato ao mesmo tempo que atendo esse alguém cuja importância deve ser grande, pois, deixei ordens para não ser incomodado.

Meilli passou à sala contígua onde estava o visio-fone e qual não foi a sua surpresa quando ao ler a mensagem verificou que era do prof. Luogui. Na sua mente apareceu a interrogação de Cidhar, desejando saber quem o chamava. De uma forma que já se tornava natural, respondeu que era o astro-físico do observatório Lunar; ele ativaria o visio-fone para atendê-lo, pois, o assunto deveria ser importante. Ativado o aparelho, imediatamente apareceu no vídeo o rosto do prof. Luogui que foi logo perguntando se o médico estava sozinho, obtendo a seguinte resposta:

— Bem, Luogui você já conhece o alfa Cidhar Dim. Ele está comigo, porém, neste momento ele está... bem, ele está ausente desta sala. Mas, pelo código desse visio-comunicador percebo que você está no Espaçoporto R. 02 e não na Lua como eu o julgava.

— Sim, acabo de chegar em viagem oficial que me foi autorizada pelo Ministério. Procurei chegar hoje à Terra porque sendo fim de semana, todos os órgãos oficiais estão fechados e sendo assim, somente na segunda-feira vou apresentar-me ao Diretor. Enquanto isso, tenho todo o tempo livre para conversar com você, a respeito dos últimos acontecimentos, com relação às mensagens recebidas pelo nosso observatório.

Como o Dr. Meilli acionava os assuntos de uma forma muito prática, foi logo dizendo:

— Não seria de bom alvitre você alugar um aero-carro. Melhor será que você vá aos aposentos do alfa Cidhar Dim onde encontrará no teto o aero-carro cujo código é CD 09 A 3 IC. Para entrar na moradia de Cidhar diga ao vigia eletrônico o mesmo código que você vai imprimir no minicomputador do aero-carro.

Após dar ao prof. Luogui, o endereço da moradia de Cidhar e as informações e código da rota a seguir até seu pavilhão de caça, desligou o visio-fone.

4

Após terminar o Congresso de Astro-física, a teoria de Karon funcionou como catapulta, atingindo todo o Planeta. Quase que imediatamente, cada um, que por qualquer circunstância ou interesse, estava ligado ao assunto, tomava sua posição junto ao cientista ou contra ele. As correntes favoráveis e que tinham acesso ou eram procuradas pelos jornais falados de todo o mundo eram de opinião unânime de que o governo da Terra devia apoiar a Teoria da Intermitência Relativa do Tempo, dando ao professor todas as condições necessárias para desenvolver o assunto até as últimas conseqüências, ou seja, provar de alguma forma que o diferencial temporal poderia vir a ser uma realidade. Alguns até lembravam que durante a segunda metade do século vinte a teoria dos buracos negros (black holes), apesar da resistência dos cientistas da época, não tinha sido abandonada e no final, a teoria contribuíra substancialmente para a elucidação de vários aspectos que revestem hoje a estrutura da formação das galáxias. A lembrança desta e de outras teorias apoiavam cada vez mais a nova teoria sobre a estrutura do tempo e sua possível qualidade de dissociação do binômio espaço-tempo, até aqueles dias tido como indissolúvel. Os textos de divulgação científica que logo a seguir ganharam as livrarias, editados na forma convencional, ou mesmo como fita magnética video-interpretada, dois dias depois estavam esgotados, dando uma demonstração clara de que a humanidade em geral, interpretava a teoria de Karon como única forma de burlar a velocidade da luz que era o padrão de toda a ciência moderna e que ao mesmo tempo impingia ao homem a restrição ao conhecimento da Via Láctea. Alguns adeptos da teoria de Karon, afirmavam até que sob certos aspectos mesmo a teoria geral da relatividade não era alcançada, pois, partindo do princípio de que existia um diferencial temporal, a dissociação do binômio espaço-tempo acontecia apenas para a matéria que estava utilizando esse diferencial que em termos simples seria uma fenda pela qual a matéria encontraria a forma de sair do espaço circundante. Dessa forma, diziam os defensores da teoria, o espaço-tempo como lei de física continuava indissolúvel.

Os textos de divulgação científica, escritos em linguagem simples e comparativa, afirmavam que o Tempo — interpretado como elemento de física — poderia ter uma ou mil interrupções na sua continuidade; e como exemplo davam seu irmão gêmeo, o espaço, cujas interrupções eram feitas pelo próprio homem, criando colossais estruturas de concreto que formavam verdadeiros bolsões dentro do espaço. Esse e muitos outros exemplos eram dados em apoio à teoria de Karon que cada vez mais nutrida por um enorme contingente de cientistas e interessados, fazia com que o governo central da Terra cada vez mais fosse compelido a tomar qualquer iniciativa.

Mas, não só essas pressões, consideradas externas, estavam pedindo do governo que tomasse uma posição definida. Existiam também as pressões internas, estas lideradas pelo prof. Alex, do Instituto de Matemática Universal que após o Congresso, entrara imediatamente em contato com Karon para acertar as bases logísticas de apoio à teoria de intermitência temporal. Para o matemático Alex, a teoria de Karon apesar de complexa ao ponto de fugir às regras básicas da ciência, estava mais próxima de uma demonstração prática da sua existência ou mesmo da sua inexistência, porque poderia ser adequada a conceitos matemáticos cuja formulação, apesar da sua complexidade, poderia ser programada e inserida no computador do Instituto. Exatamente nesse momento, a reunião entre os dois cientistas, acompanhados dos seus assistentes mais diretores, chegava ao seguinte ponto:

— Assim sendo, dizia o prof. Alex — o astrônomo Johann Bode, em 1778 propôs um meio simples

de calcular aproximadamente as distâncias dos planetas ao sol. Segundo essa proposição, devemos considerar que as distâncias entre planetas crescem em progressão geométrica, cujo primeiro termo é três e razão dois. Durante mais de um século esta regra mnemônica serviu de base para toda a ciência astronômica.

Karon interrompeu a dissertação do prof. Alex para dizer:

— Você encontra base matemática para propor uma equação estruturada numa regra artificial?

— Bem, meu caro amigo, nada nos impede de programar nosso computador partindo de um princípio empírico. As respostas dadas pelo computador poderão até levar-nos a nova formulação e a novos caminhos filosóficos que não mais dependem de sofismas e cujo conteúdo será nosso resultado final.

Como todos os presentes permaneciam em silêncio, a espera de novas e esclarecedoras palavras do cientista, este continuou:

— A nossa proposição terá como base os valores numéricos correspondentes aos campos eletromagnéticos que circundam o planeta. Podemos calcular cerca de vinte e quatro horas de trabalho da nossa equipe para programar e entregar todos os dados necessários ao computador...

Repentinamente Alex emudeceu ao mesmo tempo que fixava os olhos num ponto qualquer do espaço. Karon já um pouco aflito, perguntou:

— Existe algum problema que pode interromper nossos planos?

— Sim e que pode não só retardar toda a operação, como pode simplesmente sustá-la definitivamente.

— Mas isso é impossível! De que se trata?

— Simplesmente precisamos de uma codificação cuja origem deve ser do Controle Central do Ministério. Sem essa codificação, que é inserida diretamente no computador, pelo Controle, a nossa bela máquina rejeitará toda e qualquer programação.

— Mas o Instituto, argumentou Karon — não pode pedir ao Controle Central, uma codificação para essa operação?

— Obviamente que pode, mas não devemos esquecer que a sua teoria não tem nenhum caráter oficial e por isso não pode sequer ser apontada como prioritária para ser programada. Ao mesmo tempo não nos esqueçamos que ela postula conceitos diametralmente opostos a tudo aquilo que neste momento o governo vem apoiando. Não, nosso caminho não pode ser direto. Os nossos Institutos, juntos, não somam uma significativa importância para sermos prontamente atendidos. Temos que encontrar outra alternativa.

Após alguns segundos de profundo silêncio, Karon começou um análise sobre a situação:

— Dificilmente vamos encontrar outro instituto científico, cujo interesse possa estar intimamente ligado ao assunto e que não postule teorias diametralmente opostas à intermitência temporal. Creio que nos resta apenas pressionar o governo através dos órgãos de divulgação.

— Sim, respondeu Alex, essa seria uma boa alternativa, porém, a longo prazo. Mas, estou pensando sobre qual seria a classe executora desse projeto, caso conseguíssemos provar a existência de uma fenda no tempo...

— Você precisa explicar melhor o seu pensamento, pois, talvez eu possa ajudar em alguma coisa.

— Perfeitamente Karon. Imagine que a sua teoria venha a ser comprovada matematicamente. Imagine que os dados fornecidos pelo computador, venham a comprovar que em determinado lugar no espaço circundante da órbita da Terra, existe uma fenda no Tempo. Imagine que o governo deseja encontrar essa fenda. Como seria executada essa comprovação?

— Naturalmente os executores seriam os alfa-espaciais, do departamento de exploração espacial do Instituto Eclético. Mas, com esse instituto não poderíamos contar, pois, sendo o órgão de vigilância do nosso planeta, segue irrestritamente a orientação do governo central. O seu diretor é um urso solitário, sem qualquer contato político — acho que deliberadamente — e seus contatos científicos são meramente formais. Não, com esse não podemos contar para nada.

Após alguns segundos de raciocínio, disse Alex:

— Perfeitamente, não podemos contar politicamente, mas você pode ter certeza de que neste momento deverá haver algum processo de investigação sobre a sua teoria, dentro do Instituto Eclético.

— Você está certo, Alex. Ainda durante o Congresso, fui abordado por um alfa — como era mesmo o nome... Ah! Cidhar Dim — o qual exigiu, em nome do seu Instituto, uma cópia da minha tese sobre o Tempo. Como se o governo não tivesse recebido uma há alguns meses. As vezes penso que a nossa organização governamental não é merecedora de um crédito total. De qualquer forma, essa ação do Instituto, não deixa lugar a dúvida quanto ao fato de haver um processo de investigação sobre a intermitência relativa do Tempo. Aliás o alfa Cidhar Dim poderia estar naquele momento, executando uma ordem emanada poucos instantes, antes do governo central.

— Cidhar Dim — disse pensativamente o prof. Alex — talvez tenha sido meu aluno... vou verificar no computador, se tenho alguma informação a respeito dele, assim, saberemos qual o grau do seu valor, dentro do Instituto Eclético.

Atendendo à solicitação do professor, um dos assistentes que estava presente à reunião, retirou-se da sala a fim de pedir informações desejadas. Poucos minutos depois voltou com um micro-filme e dirigindo-se ao amplificador, inseriu o mesmo na ranhura correspondente ao tamanho do documento, ficando a espera de que o prof. Alex solicitasse a sua intervenção.

Em seguida, a um aceno do professor, começou lendo:

— Alfa espacial Cidhar Dim, neste ano de 2.034 completa 35 anos de idade, tem 1,80 de altura, cabelos pretos, levemente grisalhos, nariz aquilino, cor morena clara, corpo atlético devido a intensos exercícios físicos. Raciocínio e discernimento acima do normal. Até o presente momento, todas as missões que lhe foram confiadas corresponderam a expectativa do Instituto Eclético. Pertence à equipe dos dez alfa-espaciais que são constantemente preparados para a qualquer tempo substituir o Diretor do seu instituto. Outras informações, só poderão ser fornecidas mediante a inserção do "Cod. Conf."

Karon que ouvira atentamente a leitura do micro-filme, repentinamente disse:

— Devemos contatar com Cidhar Dim. Esse alfa poderá ser a porta de acesso ao computador. Alex, localize o nosso homem. Falarei com ele pelo visio-comunicador.

Localizar o simples endereço de Cidhar Dim, levou muito tempo, pois, por tratar-se de agente oficial do governo central, a sua moradia era mantida à margem dos codificadores e guias comuns. Depois de toda uma busca infrutífera, o prof. Karon prontificou-se a comunicar-se com o Instituto Eclético para oficialmente entrar em contato com o alfa-espacial. Após identificar-se e dar suas razões — ainda com certa relutância — lhe foi dado o código de chamada.

Quando o prof. Karon entrou em contato com o visio-fone de Cidhar, a memória do aparelho retransmitiu a mensagem recebida para o visio-fone do Dr. Meilli, no pavilhão de caça. Instantes atrás ali havia chegado o prof. Luogui que jamais poderia supor ter interrompido uma experiência única e fantástica acontecida na superfície da Terra.

Quando Cidhar — ao atender o visio-fone — recebeu a mensagem de que o Prof. Karon insistia em contactar com êle, um pouco intrigado com o acontecimento e ainda mais instigado pela curiosidade, resolveu atender ao chamado de Karon. Como medida de precaução, a fim de não aparecer o código do pavilhão de caça, Cidhar completou a comunicação, usando o visio-fone da sua moradia como ponte retransmissora. Imediatamente a fisionomia de Karon apareceu no vídeo e Cidhar tomando a iniciativa do diálogo, disse:

— Estou realmente surpreso com a sua chamada que deve revestir-se de muita importância. Qual é o assunto, professor?

— Antes de mais nada devo dizer ao alfa Cidhar Dim que neste momento estou acompanhado do Prof. Alex, do Instituto de Matemática e ambos desejamos saber se você está acompanhado, e, se podemos falar livremente de um assunto de uma certa forma extra-oficial.

O raciocínio de Cidhar, num relâmpago entendeu que aquele diálogo abordaria a teoria de Karon e que de alguma forma lhe seria feita qualquer proposta envolvendo a questão. Assim, para que Karon e Alex tivessem a maior cautela possível, foi logo esclarecendo:

— Devo informar ao prof. Karon que em minha companhia estão o Dr. Meilli e o astrônomo Luogui, chefe do observatório Lunar. Além disso nosso diálogo está sendo gravado e será entregue sem minha intervenção, ao Instituto Eclético como rotina comum a todos os seus agentes.

O prof. Karon mostrou-se surpreso pela presença de Meilli e sobretudo de Luogui, pois, quanto ao fato da gravação, sabia ser rotina oficial.

Obedecendo a um mesmo impulso, Karon e Cidhar manipularam seus visio-fones de forma a permitir o aparecimento de todos em cada um dos vídeos. Estava formada uma estranha reunião para um fim de semana, da qual participavam os cinco mais importantes institutos do governo central. Ainda que extra-oficial — e esta era uma situação muito estranha — o assunto a ser abordado era de tal relevância que poderia mudar totalmente as regras do jogo científico do planeta. Por ser uma reunião extra-oficial, Cidhar estava muito apreensivo, pois, qualquer deslize da sua parte, poderia levar a sua carreira e vida profissional, ao ponto final. Ele não tinha dúvida quanto à gravidade da sua situação, pois, a gravação da reunião seria examinada até esgotar totalmente o assunto e suas implicações. De qualquer forma, neste momento já era tarde para recomençar com uma comunicação direta para o visio-fone de Meilli. Nesse instante Karon dizia:

— Estou realmente surpreso com a sua presença na Terra, Luogui, pois, normalmente o meu instituto recebe comunicação sobre as viagens de pessoas importantes como você.

— Bem, Karon, tenho certeza de que você receberá comunicação sobre o fato, pois, minha viagem é oficial; apenas como cheguei no fim da semana, ainda não entrei em atividade oficial e estou aproveitando para visitar amigos pessoais. De qualquer forma, se sua conversa com Cidhar tem caráter privado, posso retirar-me com Meilli, para outra sala.

Com a proposta de Luogui, as fisionomias de Karon e Alex ficaram estáticas por uma fração de segundo para imediatamente depois, Karon dizer:

— Creio ser providencial que na companhia do alfa Cidhar tenhamos encontrado o Dr. Meilli e você, pois, o assunto que nós desejamos abordar, poderá ser perfeitamente discutido por todos os presentes. Assim sendo, seria interessante o prof. Alex explicar o problema que temos em mãos.

Alex iniciou a sua longa exposição dos motivos pelos quais se propusera a apoiar Karon na sua tentativa de comprovar a teoria da intermitência relativa do tempo. Procurando fazer com que Cidhar ficasse realmente interessado no assunto, enfatizou a possibilidade de uma experiência prática, no caso de vir a ser localizada uma fenda no tempo, pela qual poderia passar uma nave espacial; dizia o professor que se isso fosse possível, essa nave cobriria qualquer distância sem contar qualquer fração de tempo. Entretanto o assunto deveria ser estudado e equacionado de tal forma a propiciar que o computador do instituto pudesse dar todas as respostas, após sua cautelosa programação.

A explanação do prof. Alex deixara atônitos os três homens que estavam frente ao vídeo do pavilhão de caça. Cidhar e Meilli lembraram-se imediatamente da conversa que haviam tido sobre o assunto e Luogui imaginava a possibilidade que se abria para pesquisar “in loco” a mensagem maluca que o seu observatório recebera de uma provável órbita da estrela Próxima.

Karon e Alex notaram a perplexidade estampada nas fisionomias dos seus interlocutores e ficaram apreensivos quanto ao rumo dos acontecimentos, pois, entenderam de uma forma errônea que eles achavam tudo aquilo um absurdo. Quebrando a longa expectativa que se seguiu ao silêncio de Alex, tomou a palavra o Dr. Meilli, dizendo:

— Ainda não entendemos aonde entramos nesse jogo, tendo Cidhar como o principal interessado.

— Na verdade — disse Karon, intervindo — já esperávamos por essa pergunta, e, devemos responder que não temos meios de programar o computador do Instituto sem uma codificação do

Controde Central que é soberano para fazê-lo. Nosso pensamento ao contatar com o alfa Cidhar Dim foi o de instar sua intervenção junto ao Instituto Eclético a fim de que apoie o Instituto de Matemática, na obtenção oficial de um código para a operação.

As palavras de Karon ficaram flutuando no ar. Meilli e Luogui eram a própria inexpressividade fisionômica, pois, sabiam que a gravação seria estudada nos seus mínimos detalhes. Ademais, conheciam suas respectivas posições e a cautela lhes dizia que aquele assunto não era para ser tratado extra-oficialmente, era soberano para adotar a resolução de arquivar o pois, o governo central não permitia a quebra de disciplina das chamadas classes científicas. Entendiam também que o Instituto Eclético ao examinar a gravação documento ou instaurar um processo, a partir dele. Uma coisa porém era certa, desse momento em diante, a palavra era de Cidhar e de ninguém mais.

Devido ao seu longo treinamento, exatamente para enfrentar situações como essa, Cidhar já sabia qual deveria ser sua resposta que não comprometeria a ele e seus amigos Meilli e Luogui, dando por outro lado uma chance a Karon e Alex de bater em retirada, provocando o simples arquivamento da gravação. Mas, por outro lado, como agente alfa, sua obrigação era saber até onde aqueles dois eminentes cientistas levariam a indisciplina, em confronto com a ciência. Esperava apenas que Meilli e Luogui não tomassem partido das suas palavras. Disse com cautela:

— Vocês sabem que esse pedido, feito assim extra-oficialmente é uma perigosa quebra de disciplina que poderá ser punida severamente pelo governo central. Por outro lado o meu instituto ao dar apoio à pretensão de vocês nada tem a ganhar; ou tem?

As palavras de Cidhar ficaram vibrando no ar por muito tempo. As fisionomias de Alex e Karon eram de estupefação, pois, aquele alfa-espacial estava a ponto de propor qualquer tipo de tráfico de influência que seria severamente punido pelas autoridades governamentais. Quanto ao Dr. Meilli, este permaneceu calmo pois, entendera que Cidhar naquele momento testava a lealdade de dois homens, ao governo central. A fisionomia de Luogui era de completa indignação e não fora um gesto de Meilli, ter-se-ia retirado da sala.

O prof. Alex, mal refeito da sua estupefação, disse:

— Desejamos deixar bem claro que o Instituto de Matemática nada tem a propor ao Instituto Eclético e que lembramos o alfa espacial Cidhar Dim simplesmente porque ele foi o contato que teve o Prof. Karon, no Congresso de Astro-física. Se nada mais têm os senhores a dizer, desejamos encerrar esta reunião.

— Perfeitamente prof. Alex — respondeu Cidhar — antes de desligar, devo dizer que levarei seu pedido ao meu Diretor assim que chegue ao Instituto. Desligo.

5

Aquela estranha reunião que havia posto em confronto importantes cientistas do Ministério das Ciências do governo central da Terra, terminara abruptamente fazendo com que os acontecimentos mantivessem Cidhar e seus amigos, calados por longos minutos. A interrupção daquele prolongado silêncio viria obviamente, do astrônomo que estava deveras intrigado com a atitude tomada por Cidhar Dim com relação aos dois eminentes cientistas. Após ouvir as palavras indignadas de Luogui que não se conformava com a proposta desleal de Cidhar, incitando Karon e Alex a propor um tráfico de influências, Cidhar muito calmamente respondeu:

— Minha posição não poderia ser outra, pois, o meu instituto, à altura da nossa conversa, precisava saber até que ponto Karon e Alex levariam sua empolgação pelo projeto, em detrimento da disciplina. Sabemos agora que mesmo não concordando com qualquer ordem emanada do Ministério, eles cumprirão a risca as instruções recebidas. De qualquer forma, meu caro Luogui, o meu trabalho é esse quando estou a disposição do Instituto aqui na Terra, isto é, zelar pela paz e pesquisar todo e qualquer acontecimento que venha a perturbá-la. A gravação da nossa reunião estará amanhã no instituto e depois de amanhã, naturalmente serei chamado pelo Diretor para opinar sobre o assunto. Caso ele não concorde com as minhas explicações, será instaurado um processo para esclarecer e determinar qual o destino da gravação.

Meilli achou que chegara o momento de interromper o assunto e por isso interveio muito naturalmente, dizendo:

— Tudo isso é rotina, Cidhar, e Luogui não veio da Lua até aqui para falar sobre esse assunto; imagino que você Luogui deseja continuar aquela nossa conversa sobre as maluquices do seu computador!

— Na realidade procurei você para tratar desse assunto que você classifica de maluquice mas que será uma verdadeira bomba nos meios astronômicos. Há dias atrás quando estabeleci ligação visio-fônica com você pela segunda vez, estava tão emocionado com os resultados obtidos que deixei o restante desta história louca para relatar pessoalmente.

— Você está querendo dizer que não só as mensagens continuam mas que o seu computador encontrou elementos e decifrou todos os sinais de rádio?

— Não só decifrou como também localizou o ponto no espaço onde são gerados os sinais. Em virtude da avalanche de informações que o computador registrou, entrei em comunicação com o ministro de Ciências para pô-lo ao corrente dos acontecimentos e por essa razão recebi ordens para nesta segunda-feira, apresentar-me em seu gabinete. A coincidência do fim de semana não foi proposital, mas, aproveitei para, antes de entregar meu relatório, conversar com você sobre o assunto, pois, tenho a impressão que o Ministro pedirá um observador médico que obviamente será você.

Cidhar, cuja curiosidade havia alcançado um nível muito elevado, interrompeu perguntando:

— Você acabou de afirmar que o computador identificou o ponto do espaço onde está sendo gerado o sinal ou mensagem?

— Exatamente. Correspondeu a um ponto determinado a cento e oitenta e quatro milhões de quilômetros da estrela Próxima G4. Esse ponto corresponde — segundo as probabilidades computadas — a um corpo sólido, sem luz própria e que no momento da emissão dos sinais teoricamente descrevia uma órbita elíptica ao redor da estrela Próxima, estando naquele instante — há cerca de quatro anos atrás

— no perihelio orbital. O peso da massa não pôde ser determinado, mas, de acordo ainda com os cálculos de probabilidades, levando em conta a grandeza da estrela Próxima e do movimento orbital da massa, em relação ao seu deslocamento e distância da estrela, seu diâmetro deve ser da ordem de quarenta e cinco mil quilômetros. Portanto, as informações computadas indicam a presença de um planeta mais ou menos do tamanho da Terra. Determinamos também a paralaxe e sabemos que a massa dectada está a 4,22 anos luz da Terra. Como vocês podem verificar, tudo indica que a origem dos sinais de rádio é uma órbita planetária. Esperamos voltar a fazer novos cálculos dentro de trinta dias para determinar um possível deslocamento do ponto de emissão e assim poder comprovar a teoria de uma órbita elíptica.

Cidhar, ainda não conformado com o que estava ouvindo, tomou mais uma vez a palavra e disse:

— Todos sabemos que a estrela Próxima G4, da Alfa do Centauro, de acordo com o exame espectral não pode ser considerada como um astro em cujo sistema planetário, se o há, possa haver forma de vida avançada. Os exames feitos indicam que se trata de uma estrela muito mais jovem que o nosso sol e possivelmente ela ainda não chegou a um estágio de tempo suficiente para garantir uma evolução biológica e subsequente vida inteligente.

— Foi exatamente por essas razões que programamos várias vezes e cansativamente o nosso computador que sistematicamente e sem lugar a dúvidas, voltava sempre às mesmas afirmações. Diante disso, que podemos chamar de absurdo científico, senti que devia consultar autoridades a nível ministerial, para uma tomada de posição, mesmo sabendo que a distância existente entre a Terra e aquele ponto no espaço é tão grande que não nos deixa nenhuma alternativa.

O Dr. Meilli, perguntou:

— É possível medir ou saber a quanto tempo essa mensagem está sendo transmitida?

— Bem — respondeu Luogui — não seria possível precisar, entretanto, podemos considerar que o nosso programa de escuta sideral, está varrendo a nossa Galáxia há três anos mais ou menos, de forma ininterrupta e quero crer que nada comparável a estes sinais, recebemos até o momento. Evidentemente que temos todos os registros de escuta e neste momento está sendo feita uma pesquisa para comprovar se anteriormente recebemos a mesma mensagem. De qualquer forma, por enquanto sabemos que a mensagem está no éter há cerca de 4 anos e alguns meses.

— Já foi estudado algum tipo de resposta, perguntou Cidhar.

— Sim, respondeu o astrônomo, apesar de sabermos que a nossa resposta levará cinquenta e um meses para chegar até aquele suposto planeta, não resistimos à tentação de responder. Obviamente os sinais de rádio, viajando à velocidade da luz, em apenas quatro anos e três meses, estarão chegando ao seu destino, mas se levarmos em consideração a velocidade que neste momento estamos usando para nossas viagens dentro do nosso sistema planetário, para chegar até àquela estrela — com estes meios — levaremos cerca de quatrocentos anos viajando. E podem crer que não temos outros meios de aumentar essa velocidade simplesmente porque o corpo humano não poderá agüentar maior pressão produzida por maiores acelerações e conseqüente velocidade.

A conversa neste momento parou abruptamente, pois, cada um dos três personagens fora assaltado por uma série de pensamentos ligados ao assunto que estava sendo abordado, porém, estranhos até então às rotineiras normas científicas.

Luogui e Cidhar estavam praticamente com a mesma linha de pensamento, pois, ambos imaginavam que a teoria de Karon poderia de alguma forma resolver o impossível de viajar quatrocentos anos numa nave sideral. Para Luogui, a teoria de Karon poderia ser comprovada tomando como ponto de partida, os acontecimentos verificados pelo seu radiotelescópio e tendo como finalidade a de atender aquele apelo lançado pelo planeta da estrela Próxima. Empolgado como estava com a descoberta dos sinais de rádio, Luogui inconscientemente já estava admitindo a idéia de apoiar a teoria de Karon.

Com Cidhar acontecia algo muito semelhante, pois, admitindo que a mensagem recebida pelo observatório da Lua, tinha como procedência incontestável um objeto sideral que flutuava nas imediações

de uma das estrelas da Alfa do Centauro e paralelamente aceitando a teoria de Karon, criava-se a possibilidade de uma astronave dar um fantástico salto em um tempo tão curto que praticamente seria desprezível. Assim, sem maiores dificuldades, ficaria desvendado todo o mistério que rodeava aquela inverossímil mensagem recebida na Lua.

Meilli, cujos pensamentos eram mais voltados para assuntos humanos, entendia que quatrocentos anos de viagem não seria um tempo muito longo se os homens pudessem dispor de uma astronave em cujo interior toda a tripulação humana estaria com a vida em suspenso por um período que seria auto-determinado, pois, com a nova possibilidade de separação, da matéria corporal, da energia mental, como havia sucedido com Cidhar Dim, os corpos da tripulação, com a vida em suspenso, teriam como guardiães suas próprias energias mentais que ao mesmo tempo fariam todo o trabalho de bordo, com um máximo de eficiência. Seria um verdadeiro salto no tempo sem a contagem do mesmo para a tripulação da nave. Naturalmente que Meilli não estava pensando em atender especificamente o apelo recebido por Luogui, pois, quatrocentos anos solucionam qualquer problema de uma civilização em apuros.

Depois daquele longo período de silêncio, Luogui como que continuando nas explicações que vinha dando sobre o assunto, aduziu:

— Na realidade, se pudéssemos usar a teoria de Karon, seria possível chegar à região da estrela Próxima mais rapidamente e num período de tempo que mais dependeria da comprovação da teoria do que propriamente da viagem.

Cidhar com um sorriso nos lábios, disse:

— Pelo que podemos deduzir, meu caro Meilli, o prof. Karon acaba de ganhar mais um importante adepto na pessoa de Luogui.

— Sim, disse Meilli, seria uma forma de provar a curto prazo que o computador do observatório Lunar não está precisando dos meus cuidados médicos para curá-lo das suas maluquices!

Ainda sorrindo da jocosa saída de Meilli, dirigindo-se ao astrônomo, perguntou Cidhar:

— Afinal, podemos saber qual a mensagem que foi decifrada pelo seu computador e qual a resposta que foi cifrada e dirigida à Próxima?

Luogui com um olhar indeciso para seus dois interlocutores, disse textualmente: Recebemos a seguinte mensagem:

ESTA CIVILIZAÇÃO ESTA EM VIAS DE EXTINÇÃO PROVOCADA POR UM DESEQUILÍBRIO BIOLÓGICO. PRECISAMOS DE AJUDA. VENHAM.

A resposta foi a seguinte:

ESTA CIVILIZAÇÃO RECEBEU SUA MENSAGEM. ESTAMOS A 4,22 ANOS LUZ. COMO AJUDA-LOS?

Com o enunciado das mensagens, Luogui pela primeira vez sentiu-se ridículo, tratando daquele assunto. Entendia agora que havia uma grande diferença entre os momentos que passara junto com seus auxiliares mais diretos, não só vivendo o problema mas também sentindo-se um protagonista dos acontecimentos, e, aquele momento em que dois homens o olhavam friamente como que esperando uma desculpa pela formidável brincadeira de mau gosto. Luogui não sabia como defender-se. Não tinha palavras nem para dizer que tudo era verdade. Sempre imaginara que a posição mais ridícula de um homem, seria satisfazer suas necessidades fisiológicas diante de uma irônica e ruidosa multidão. Pois, neste momento, mentalmente ele encontrava-se nessa maldita posição.

O Dr. Meilli sentindo que a situação de Luogui era deveras embaraçosa, em virtude do insólito desfecho da conversa que repentinamente tornara-se um tanto ridícula, mas que afinal e na realidade era de esperar-se que toda aquela história forçosamente teria que terminar daquela forma, saiu em socorro do astrônomo dizendo:

— É deveras embaraçoso o desfecho, quase infantil, de um assunto tão sério como esse, mas, devemos pensar que a simples iniciativa de estabelecer uma escuta de sinais de rádio, varrendo a nossa Galáxia, pressupõe pelo menos a esperança de receber alguma mensagem e como decorrência a prosaica posição que você imagina estar neste momento.

— Deste momento em diante — respondeu Luogui — perdi um pouco da confiança que tinha em mim, com relação ao relatório verbal que farei segunda-feira, ao Ministro. Creio mesmo que seria mais conveniente fazer essa participação oficial por escrito e procurar esquivar-me ao contato pessoal.

— Aqui estamos nós — interveio Cidhar Dim — procurando prejudicar o que poderá acontecer nas próximas quarenta e oito horas, sobre assuntos com possibilidades de mudar totalmente o panorama científico deste planeta. Sugiro um merecido descanso com uma noite de sono que fatalmente devolverá às nossas mentes, a tranqüilidade necessária para podermos tomar a posição que melhor nos convém.

Naquela noite, muitos homens estavam precisando de um sono reparador e poucos deles poderiam sequer imaginar que seus destinos estariam intimamente entrelaçados e diante de um futuro muito próximo.

Muito cedo, naquela manhã de domingo, os três moradores do pavilhão de caça do Dr. Meilli, estavam fazendo seu desjejum. Realmente, a noite e o sono tinham sido reparadores pois todos estavam alegres e bem dispostos. Naquele momento, o prof. Luogui dava mostras da sua descontração matinal, dizendo:

— Há muito tempo não entro numa competição de caça ao pássaro já que na Lua é verdadeiramente impossível fazê-lo pelos meios convencionais. Creio que a manhã apresenta-se ideal para pormos em competição as nossas habilidades de caçador, pois, com a bruma que se eleva do fundo do vale não será muito fácil atingirmos a caça.

— Creio que essa competição, disse Cidhar, vai ser sensacional se pudermos encontrar no raio de ação das nossas armas eletrônicas, uma ave tão veloz como um falcão.

— Vejo que todos estamos dispostos para essa competição, disse o Dr. Meilli e por isso estão convidados a passar para a sala de tiro ao alvo. Se tivermos sorte, em pouco tempo encontraremos uma ave veloz que poderá comprovar nossa habilidade como caçadores.

A sala de tiro ao alvo era uma perfeita obra de engenharia, pois, para chegar até ela tinha sido escavada na rocha de um pico que se elevava cerca de 15 metros do pavilhão de caça, um poço por onde trafegava um elevador que ao chegar ao nível do piso da sala de tiro, sua cabine desligava-se automaticamente da sua plataforma, de tal maneira que a sala mencionada ficava completamente livre das quatro paredes de um elevador. Um bom observador descreveria a sala de tiro como um ambiente com seis metros de diâmetro — de forma hexagonal — cujo teto móvel, poderia ser escamoteado fazendo-o deslizar para junto das paredes laterais. Um painel de comando elétrico facilitava todas as operações dentro daquela sala. As armas estavam dispostas em seus nichos, diante de cada um dos seis lados do hexágono, sendo que seu movimento lateral, cobria um raio de sessenta graus e para cima atingia um raio de cem graus. Estes movimentos delimitavam o campo de tiro de cada um dos competidores que não poderiam alvejar um pássaro ao mesmo tempo, o que criaria um campo de energia perigoso para a vida da ave.

Os três competidores tomaram posse das suas armas e ficaram a espera do aparecimento de uma ave que a qualquer momento poderia aparecer nos espaços abertos na bruma da manhã. No instante em que o pássaro fosse atingido com um tiro, ficaria energizado e começaria a voar em círculo tendo como centro a sala de tiro. Entretanto, seu vôo não obedeceria a uma linha horizontal e sim a altitudes variadas e a

grandes velocidades; ajudado ainda pela brumosa manhã, os competidores seriam seriamente obstados em seu tiro ao alvo.

Aos poucos minutos de espera, surgiu a caça; era um Gavião-Belo, de cor marrom e cabeça branca, dotado de grande velocidade. Enquanto a ave passava no ângulo de tiro do rifle de Cidhar, entusiasmado com o acontecimento, Luogui fazia o seguinte comentário:

— Será uma bela competição e servirá para provar a rapidez dos nossos reflexos.

Já nesse momento Cidhar apertara o gatilho da sua arma e imediatamente o painel eletrônico marcara oito pontos a seu favor, demonstrando que seu tiro atingira o pescoço do gavião. Com a energia eletromagnética recebida, o pássaro começou a voar em círculo e os tiros da empolgante caçada generalizaram-se. As armas, tinham guardado o ruidoso estampido das suas irmãs do século passado, para que o entusiasmo dos competidores fosse cada vez maior, ao longo dos sete minutos de competição que ao escoar-se finalizaria a caçada com o automático desligamento dos circuitos, deixando que a caça voltasse ao seu vôo improvisado. Devido à rapidez com que se sucediam os tiros, era impossível para os contendores, sequer olhar para o painel computador de pontos. Assim, somente após o fim da caçada, cada um sabia a sua posição.

Os sete minutos terminaram, dando fim à competição. O GaviãoBelo libertara-se daquele vôo circular e desaparecera. Restavam apenas os três homens que tinham os olhos fixos no painel. O maior número de pontos fora feito pelo rifle número cinco que havia sido disparado pelo prof. Luogui que neste momento ostentava um brilhante sorriso de vitória.

Meilli interveio, dizendo:

— Meu caro Luogui, você confirmou a posse da medalha regional de ouro, recebida o ano passado. Se me for perguntado, direi ao Ministro, amanhã, que o seu computador pode estar maluco, mas você tem perfeita coordenação motora, reflexos rápidos e melhor pontaria que um alfa-espacial.

Com as palavras de Meilli, durante uma fração de segundo, houve silêncio, mas, logo a seguir todos riram da brincadeira do médico.

Quando todos já se dirigiam ao elevador que os levaria ao andar de baixo, disse Cidhar:

— Se os meus caros amigos permitem, vou trabalhar um pouco no meu relatório que será apresentado amanhã ao meu Diretor.

Luogui perguntou:

— Você fará algum comentário a respeito do que aqui conversamos, em relação aos acontecimentos no Observatório Lunar?

— Na realidade pensei inclusive em não fazer alusão ao assunto, pois, nossa conversa foi informal e amistosa e por isso meu arbítrio prevalece.

— Quanto a mim, disse o astrônomo, você está em completa liberdade de relatar os acontecimentos aqui mencionados. Acredito que a divulgação dos fatos nos meios científicos dos institutos que se interessam pelo assunto, poderá criar um ambiente mais agradável à teoria de Karon e às observações lunares.

— Vejo que você está sumamente interessado na teoria de Karon.

— Sim, vejo naquela teoria uma forma de escape para o homem, do sistema solar, possibilitando visita, quem sabe, ao sistema planetário da estrela Próxima.

Depois de um período de silêncio, Cidhar respondeu:

— Ontem à noite enquanto esperava pelo sono, estava pensando o seguinte:

“Se nós estamos diante de um universo fechado, temos que admitir a deformação e conseqüentemente uma curvatura do espaço-tempo. Nesse momento lembrei-me que neste caso um raio de luz lançado em qualquer sentido, dentro desse universo fechado, fatalmente voltaria ao seu ponto de partida, parecendo ao observador, dois raios de luz PARES. Assim, estaria provada a continuidade temporal e a teoria de Karon ficaria liquidada.”

— Mas, disse Luogui, essa teoria, apesar de todo o apoio da radioastronomia, não ficou literalmente provada. Quem poderá contestar que essa comprovação foi obstada porque o raio de luz perdeu-se através de uma fenda temporal? Por outro lado constatamos que o universo desenvolve-se simultaneamente no espaço e no tempo; a relatividade diz que dois acontecimentos não podem ser simultâneos; como consequência as medidas absolutas de tempo, não impossíveis. Diante de todos esses enunciados físicos, verificamos que a teoria de relatividade não destroi o princípio de causalidade, modernamente modificado.

Brejeiramente, Cidhar respondeu:

— Você esqueceu de mencionar — a favor de Karon — que a quarta dimensão da relatividade não intervém nas equações das três dimensões de espaço...

A intervenção de Meilli evitou uma longa discussão entre os dois amigos:

— Creio que todos nós precisamos ordenar nossos relatórios — eu mesmo farei um — que dependendo dos seus conteúdos, poderão fazer rolar muitas cabeças...

6

Aquela manhã de segunda-feira prenunciava tempestuosas reuniões em vários institutos. Sem que tivesse seguido um planejamento determinado, os acontecimentos dos últimos dias, pouco a pouco foram envolvendo e aproximando o que poderia ser chamada de cúpula científica da Terra. Ninguém poderia dizer que os acontecimentos seguiam um esquema planejado, pois, todos os cientistas envolvidos, menos o Dr. Meilli, desconheciam a faculdade adquirida por Cidhar Dim de poder separar sua matéria corporal, da sua energia mental. Por outro lado, Karon e Alex ignoravam completamente que o observatório Lunar recebera qualquer tipo de mensagem atribuída a um ponto do espaço planetário da estrela Próxima, da Alfa do Centauro. Por sua vez, o astrônomo Luogui desconhecia a teoria da Interminência Relativa do Tempo exposta pelo prof. Karon. Quanto ao Dr. Meilli e o alfa Cidhar Dim, eram os únicos que estavam — até certo ponto — a par dos acontecimentos, mas, por razões óbvias mantinham-se distantes e imparciais sobre as confusas convergências que reunidas formaram uma verdadeira tromba d'água prestes a desabar sobre cinco Institutos que não estavam preparados para desaguar tamanha enxurrada. No Instituto Eclético, por exemplo, acabava de ser introduzido no gabinete do seu Diretor, o alfa Cidhar Dim, conduzido pela Assistente do Instituto, a alfa-espacial Gendra; ambos dirigiram-se diretamente à grande mesa de reuniões onde o Diretor já os esperava sem procurar dissimular a impaciência estampada na sua fisionomia. Depois dos cumprimentos matinais, o Diretor procurou imediatamente situar posições:

— Muito bem, Cidhar. Nós temos muitos assuntos a tratar nesta reunião que aparentemente não têm nenhuma relação entre si. Durante nosso último contato pelo visio-comunicador, você mencionou “certos acontecimentos” e disse que mais tarde voltaria ao assunto. Desejo saber se você tem relatório escrito para apresentar, ou, será verbal.

— Bem, Diretor, o meu relatório sobre “certos acontecimentos” é verbal. Quanto à missão que me foi dada sobre a teoria do prof. Karon, tenho um relatório escrito-falado, elaborado pela comissão de pesquisa nomeada por você.

O Diretor, dirigindo-se à sua assistente, disse:

— Gendra, você continuará e despachará os meus assuntos rotineiros. Logo que entrarmos no assunto não gravado, você será chamada para fazer parte da reunião.

Enquanto Gendra retirava-se, Cidhar disse:

— Mas, Diretor, esse assunto é confidencial e eu desejaria que...

— Perdão Cidhar... você sabe que neste Instituto, os assuntos tratados em reunião devem ser escritos, gravados, ou a reunião será de pelo menos três pessoas. Creio que Gendra por ser minha assistente e ter demonstrado interesse no seu trabalho, é a pessoa indicada.

Depois desse diálogo, ambos entregaram-se ao trabalho de estudar detalhadamente o relatório sobre a teoria da intermitência relativa do Tempo que revolucionara tudo aquilo que vinha sendo postulado pela astrofísica. As conclusões a que chegara a comissão encarregada da pesquisa, eram surpreendentes, pois, ensejava a possibilidade de consentir e mesmo apoiar um sistema que permitisse dar um passo avante na comprovação da teoria. Obviamente esse passo seria dado pelo Instituto de Matemática, cujo Diretor já se declarara disposto a fazer a sua parte.

Ao terminar o exame do relatório, disse Cidhar:

— Como você sabe, neste fim de semana estive com o Dr. Meilli, no seu pavilhão de caça. Fomos

surpreendidos pela visita do prof. Luogui que com sua presença modificou um pouco a pauta dos assuntos que desejávamos tratar. Entretanto a sua interferência foi benéfica, pois, o nosso Instituto, ainda que extra-oficialmente, sabe da missão do professor, junto ao Ministro de Ciências, não só é muito importante como por demais insólita.

Por outro lado, Karon e Alex mantiveram conosco um diálogo pelo visio-comunicador. Toda a conversação foi gravada e dentro de poucas horas o Instituto receberá cópia. Para evitar a espera, tenho comigo a gravação feita no visio-comunicador do Dr. Meilli. Aqui está e gostaria que você reproduzisse na tela.

Ao ver e ouvir a gravação, o Diretor cada vez mais ficava surpreso. Quando terminou a fita, veio o comentário do Diretor:

— Pelo que presenciei, Karon e Alex estão determinados a levar o assunto avante sem medir sacrifícios. Quanto a você Cidhar, qual é a sua opinião pessoal com respeito ao pedido de apoio deste Instituto à pretensão de Karon e Alex?

— Devido aos acontecimentos havidos no observatório lunar, objeto da entrevista de Luogui com o Ministro, cujo relatório será oficioso, unido ao que você chamou de “certos acontecimentos”, cujo assunto é altamente confidencial, devo admitir que a minha opinião é favorável a que o Instituto Eclético apoie o pedido de codificação do projeto proposto por Karon e Alex.

— Preciso saber se você está biologicamente envolvido em todo esse assunto.

— Sim, estou Diretor.

— Você sabe que pode ser o fim da sua carreira como agente?

— Sim, sei. Sei também que haverá uma nova era biológica para os alfa-espaciais, a partir das minhas experiências. Creio que você deve chamar Gendra para podermos continuar este assunto.

O Diretor, na medida que ouvia Cidhar ficava cada vez mais confuso e foi um homem cheio de incerteza, que chamou Gendra para tomar parte naquela reunião que se tornava cada vez mais absurda.

No começo, tudo foi bem. Cidhar relatou os acontecimentos do observatório lunar, a perplexidade de Luogui ao constatar que realmente estava diante de uma mensagem extra-terrestre. A informação computadorizada do local gerador da mensagem. A impossibilidade de atender ao apelo da mensagem, devido à distância de quatro anos luz a percorrer. Por fim, relatou a opinião do prof. Luogui quanto à Intermitência Relativa do Tempo que poderia vir a ser a solução para a viagem dos homens às estrelas. Ao ouvir o relato de Cidhar, o Diretor não deixou de comentar:

— Mais um Instituto, o de Astro-Física, que deverá apoiar a pretensão de Karon e Alex. E dirigindo-se a Cidhar, disse:

— Qual o seu parecer sobre os acontecimentos do observatório lunar?

— Naturalmente — disse Cidhar — se existe um projeto de escuta estelar que está em curso a tantos anos, será normalmente presumir que esperamos, a qualquer momento, um contato extra-terrestre. Partindo desse princípio, o meu modo de ver é que conseguirmos um primeiro contato com seres inteligentes e como decorrência devemos tratar o assunto com seriedade e levá-lo até às últimas conseqüências. Para Luogui — empolgado pela mensagem recebida — não só devemos comprovar a teoria de Karon, como também pô-la em prática, isto é, fazer uma expedição à estrela Próxima.

— Você acha possível viabilizar esse projeto, perguntou Gendra, falando pela primeira vez:

— As garantias de vida para um alfa-especial fazer essa viagem, são mínimas e sobretudo imprevisíveis as possibilidades. Entretanto, se um projeto desse tipo contar com alguém que tenha condições de sobreviver a toda e qualquer situação que se apresente contra a vida humana, então, temos boas chances de chegar até os nossos vizinhos da Próxima.

A resposta de Cidhar provocara uma paralisia facial nos seus dois interlocutores, pois ambos entenderam que havia chegado o momento de ouvir o relato da segunda parte confidencial.

Dessa forma Cidhar começou a relatar a espantosa qualidade que tinha de poder separar a sua energia mental, do seu corpo físico. A experiência que fizera com Meilli com amplos e satisfatório resultados. A janela que se abria para a humanidade com essa separação biológica, adquiria dimensões nunca pensadas. Cidhar explicou longamente todas as experiências passadas, para finalmente chegar ao ponto alto da sua explanação.

— Se nós começarmos a raciocinar sobre os vários pontos de meu relatório e por hipótese admitirmos que através da intermitência relativa do tempo, vamos encontrar uma fenda no tempo que nos permitirá cruzar quatro anos luz, sem contagem de tempo, até alcançarmos o planeta que gravita ao redor da estrela Próxima, ao mesmo tempo fazendo uso da prerrogativa de ter a energia mental livre do corpo, as chances que temos de chegar ao nosso destino, sobrevivendo a todas as peripécias imprevisíveis, são muito boas e vale a pena correr o risco.

O Diretor do Instituto Eclético era uma rígida estátua humana, pois, jamais sonhara que ouviria do seu melhor alfa-espacial um raciocínio desse tipo. Para completar aquela história espantosa que acabara de ouvir, sentia que não conseguia resistir ao pensamento de que Cidhar estava certo nas suas conclusões. Pouco a pouco entendia que tinha fortes razões para apoiar o projeto de Karon e Alex, mesmo mantendo em sigilo as qualidades de Cidhar. Estava consciente de que o seu instituto seria o peso definitivo na balança, para levar avante o projeto da intermitência do tempo, pois, em última análise, a viagem espacial à estrada Próxima, seria feita a partir da direção e dos homens do Instituto Eclético.

Gendra, interrompendo os pensamentos do Diretor disse:

— De todas as pessoas envolvidas nesta fabulosa história, existe alguma que tenha pensado ou emitido uma opinião sobre quais são as dificuldades que serão encontradas no planeta que orbita a estrela Próxima?

— Ainda não ouvi nenhuma opinião, respondeu Cidhar. A mensagem tem um espírito genérico, porém, muito claro quanto ao fato de estar acontecendo um desequilíbrio biológico. Por um lado deixa a impressão de que o processo é lento mas inexorável, pois, sendo uma civilização suficientemente adiantada para usar uma tecnologia capaz de transmitir sinais para outro sistema planetário, podemos supor que o processo biológico levará um longo período para provocar a extinção de todos os seres vivos. Por outro lado ainda com base nesse desenvolvimento tecnológico, podemos imaginar que o processo biológico que conduz ao desequilíbrio, não tinha sido controlado pelas técnicas científicas, até quatro anos atrás, quando a mensagem começou a ser enviada. Supondo que uma nave espacial lançada da Terra para ajudar os nossos vizinhos, possa chegar imediatamente, usando a teoria de Karon, desde já podemos ter a certeza que o nosso tipo de ajuda será exclusivamente na área biológica.

Gendra parecia muito empolgada com o rumo da conversa, pois, interrompeu Cidhar para dizer:

— Pela primeira vez na história do nosso planeta e do nosso governo central, aparece uma oportunidade para provar que a reunião de todos os institutos do Ministério de Ciências, poderá criar uma força tão poderosa ao ponto de levar alfa-espaciais para fora das nossas fronteiras planetárias. Não seria apenas uma viagem de pesquisa ou aventura. Estaríamos atendendo a um chamado de socorro de seres inteligentes.

O Diretor, muito calmo e verdadeiro, aduziu:

— Não esqueça, Gendra, que por enquanto estamos diante de uma hipótese de comprovação da teoria de Karon. Entendo perfeitamente o seu entusiasmo, sobretudo porque a biologia sempre foi sua área predileta. Entretanto, devemos saber ainda qual será a posição do Dr. Meilli no meio de tudo isso. Você, Cidhar, poderia emitir uma opinião?

— O Dr. Meilli, devido às experiências de separação da minha energia mental, preparou um relatório para o Instituto biomédico no qual deixa clara sua posição favorável no sentido de apoiar o projeto de Karon e Alex. De comum acordo comigo não fez menção às nossas experiências que são desconhecidas de Luogui e todos os demais.

— Dessa forma, disse o Diretor, podemos imaginar que temos mais um instituto favorável a esse projeto que aparece entre nós como uma super-nova. Vamos, entrar em contato com Meilli para saber alguma novidade.

Imediatamente Gendra manipulou o visio-comunicador e instantes depois aparecia na tela do aparelho a fisionomia de Meilli:

— Vejo que vocês estão em plena reunião. Se querem saber, as afirmações de Cidhar, ainda que fantásticas correspondem à realidade.

O Diretor, usando de certa cerimônia, disse:

— Agradecemos o seu apoio ao relatório do alfa Cidhar e desejamos perguntar se o seu instituto tomou posição quanto ao projeto de Karon.

— Não posso afirmar que este instituto tenha tomado uma posição definitiva, porém posso dizer que a intenção é afirmativa.

— Dr. Meilli, obrigado e desligo.

Voltando a falar para Gendra e Cidhar, o Diretor apenas confirmou o pensamento de todos os presentes.

— Está decidido, o Instituto Eclético apoiará o projeto de comprovação da intermitência do tempo. Reunião encerrada.

Já fora da sala do Diretor, pela primeira vez Cidhar sentia que poderia fazer um convite a Gendra.

— Bem, não sei se você aceitará, mas... poderíamos sair esta noite... se você quiser ouvir mais sobre a energia mental.

— Cidhar, há dois anos que espero por esse convite e você ainda está gaguejando como um gurisão. Claro que espero você a noite. Venha.

Cidhar, agarrado de surpresa por aquela resposta, ficou ainda por alguns instantes, na frente da porta que se fechara por trás de Gendra que com estratégia feminina, batera em retirada.

Os acontecimentos daquela segunda-feira, pouco a pouco, a princípio e depois cada vez mais acelerados, começaram a precipitar-se. No Instituto Eclético, a decisão havia sido tomada. Seria apoiado o pedido de codificação para computadorização do projeto do prof. Karon. Obviamente a decisão somente seria divulgada quando o pedido de apoio fosse oficializado. Essa posição do Instituto era muito importante dentro da estrutura que se formava ao redor do projeto, pois, além de ser uma unidade básica no sistema integrado do governo central da Terra, era ainda o detentor do elemento humano das viagens espaciais que em última análise — na suposição de uma viagem para comprovar a existência de uma fenda no tempo — seria os únicos que correriam riscos imprevisíveis. Com relação às viagens espaciais, o Instituto Eclético tinha sido no passado, a palavra final para aprovação de projetos que se destinavam à exploração de outros planetas do sistema Sol. Os homens e mulheres subordinados a esse instituto eram considerados a elite dos cientistas nexoecléticos do governo central que basicamente governava a Terra tendo como principal alicerce a inteligência, preparação e dedicação dos alfa-espaciais.

Quando Karon e Alex, já ao anoitecer daquele dia, contactaram diretamente com o Diretor do Instituto Eclético e souberam que o seu pedido de codificação para o projeto seria apoiado, poucas dúvidas restavam quanto ao sucesso que teriam junto à Central de Codificação.

Mas, a vitória dos dois cientistas chegava mais fortalecida do que eles esperavam, pois, o Dr. Meilli no seu instituto, advogava o apoio do projeto. Mesmo ocultando os fatos relacionados com a energia mental de Cidhar Dim, o assunto era tão importante que facilmente empolgava a todos. Numa reunião de vinte pessoas dentro do Instituto Bio-médico, após a explanação de Meilli, as conclusões foram as de que após muitos anos de desenvolvimento científico, a Terra poderia provar que o desenvolvimento dos vários ramos científicos, servira de uma forma transcendental, qual seja a de atender a um apelo extra-terrestre vinda dos nossos vizinhos galáticos. A decisão daquela assembléia foi unânime, isto é, apoiar o

projeto, enviando representação direta ao Ministro de Ciências.

Incidentalmente, essa mensagem enviada ao Ministro cruza com uma outra que o próprio Ministro envia ao Instituto Bio-Médico, pedindo informações ao Dr. Meilli a respeito do relatório de Luogui. A entrevista do astrônomo com o Ministro inicia-se com muita agitação, pois, a princípio o assunto mais parece ligado a uma colossal farsa do que a uma situação de fato, pois, a recepção de uma mensagem do espaço parece ridícula e inconcebível. Mas pouco a pouco o Ministro começa a encarar a história do prof. Luogui como verdadeira, já que o relatório apresentado vai descartando todas as possibilidades de farsa. Atendendo às instruções de Luogui, o observatório Lunar em poucos minutos passa a transmitir para o terminal de computador do gabinete do ministro não só a história toda como ainda as precauções que foram tomadas que obviamente impediriam o observatório de cair na armadilha de uma farsa.

Três horas depois da entrada do Prof. Luogui no gabinete do Ministro era definitivamente confirmado que o Observatório Lunar tinha em mãos uma mensagem vinda do espaço, que viajara quatro anos luz. Por outro lado o ministro sentia crescer o apoio à teoria de Karon, pois o próprio prof. Luogui apresentava como única alternativa para atender à mensagem do espaço, a comprovação daquela teoria e sua viabilização prática. O recebimento da mensagem do Instituto Eclético solidificava mais a posição de Karon que era abertamente apoiado pelo prof. Alex do Instituto de Matemática.

O Ministro de Ciências aos poucos compenetrava-se de que muito cedo teria que tomar uma iniciativa que poderia ou não ser acatada pelo governo central, através do Triunvirato.

Logo após terminar a entrevista com Luogui, o Ministro entrou em contato direto com o Instituto Eclético e sem fazer rodeios perguntou ao seu Diretor qual era a sua posição frente aos acontecimentos do observatório lunar, assim como diante do posicionamento dos institutos — inclusive o bio-médico — que apoiavam o projeto da intermitência temporal. A afirmativa de que diante do conjunto de acontecimentos o seu instituto devia curvar-se à realidade, não surpreendeu o ministro.

No outro dia pela manhã, Karon e Alex reunidos no Instituto de Matemática, enviaram uma mensagem para a Central de Codificação de Computação, solicitando um código de programação para o projeto de comprovação da teoria de intermitência relativa do Tempo. Da mensagem constava o nome de cinco institutos científicos que desejavam colaborar no projeto de forma voluntária e nunca compulsória. Era a vitória final do prof. Karon, pois, o Ministro de Ciências não tinha meios de resistir à pressão de cinco dos seus institutos; mandou registrar o projeto e ao mesmo tempo enviou uma mensagem ao Triunvirato do governo central, prestando contas da sua atitude. Durante uma hora ficou a espera do veto que o levaria à demissão do cargo. Nada aconteceu. A teoria de Karon estava em curso de comprovação. A humanidade estava às portas de nova era espacial ou do fiasco total.

Na mente de Cidhar Dim ainda estava flutuando a palavra gurisão que Gendra havia usado. Não podia deixar de concordar que naquela noite ele sentia-se um gurisão, pois, corria ao encontro de uma mulher que ele conhecia há cerca de dez anos e que desde sempre era para ele inacessível. Pensando bem, Gendra vinha durante todos esses anos povoando a mente de Cidhar como a mulher que ele gostaria de ter ao seu lado, trabalhando junto e em igualdade de condições. Sem dúvida que, como valor sexual, Gendra deveria corresponder a qualquer expectativa masculina. Agora, quando pela primeira vez consegue falar com Gendra, fora de assuntos profissionais, porta-se como um gurisão diante de um fato consumado; Gendra de há muito esperava que Cidhar tomasse aquela iniciativa. Naquele momento lá estava ele, na porta da morada de Gendra, sem saber sequer que sabia falar...

— Vamos, não fique aí na porta como se estivesse com medo de entrar. Creia que nem sempre as minhas mordidas são dolorosas!

— Gendra, você me surpreende. Eu pensei pelo menos dois anos ensaiando convidá-la para acompanhar me uma noite e de repente entendo que durante todo esse tempo você brincava comigo.

— Não Cidhar, nunca brinquei com você, apenas não consigo entender a sua falta de iniciativa,

quando sempre estivemos tão perto um do outro.

— Mas sempre julguei que o tratamento solícito que você sempre teve comigo, era de caráter estritamente profissional.

— Bem, você pensava assim... e pelo meu lado, pensava que a sua falta de iniciativa, traduzia seu desinteresse pessoal.

— Enfim, Gendra, esta noite estamos perto um do outro, como um homem e uma mulher que desejam a comunicação humana em toda sua plenitude mental e física.

Como Gendra pela primeira vez tinha Cidhar só para ela, aproveitou para dar um toque feminino a esse encontro de longo tempo deseja do. Como se não tivesse ouvido as palavras de Cidhar, disse muito naturalmente:

— Nosso jantar teve um toque especial da culinária da última década do século vinte. Sei que você gosta desse tipo de iguaria e por isso mandei preparar algo muito saboroso. Vamos à mesa que já está tudo servido.

Para Cidhar tudo parecia um sonho, pois Gendra era uma mulher admirável, de pele clara, cabelos curtos contornando simetricamente a testa, orelhas e pescoço, olhos negros, grandes e fluídicos, um metro e setenta e cinco de altura, trinta e dois anos de idade. Naquela noite trajava calça e blusa branca brilhante, totalmente coladas ao seu corpo bem torneado e que dava aos seus seios a posição de agressão aos espaços estelares. Caminhava com movimentos suaves e lânguidos, dando a impressão de que até o vento lhe seguiria os passos.

Durante o jantar o assunto obrigatório foi tudo aquilo que acontecera nas últimas horas. Gendra, ao abordar a possibilidade de uma viagem espacial, não escondeu seu entusiasmo e desejo de participar de um projeto tão emocionante.

Quando um homem e uma mulher encontram-se a sós — havendo interesse mútuo — chega um momento em que a primeira decisão deve ser tomada, pois, até o diálogo aos poucos vai morrendo. Cidhar e Gendra viviam esse momento.

Para cortar o silêncio e procurando ser natural, Cidhar aproximando-se de um lado da sala, comentou:

— Vejo que você tem um Biomusisom. Gostaria de tentar uma composição a dois; você quer?

— A dois? Você não acha que seria uma tentativa um tanto prematura? Não esqueça que a nossa experiência está começando hoje e o Biomusisom, através de uma composição musical a dois, pode mostrar diferenças que depois jamais serão superadas.

— Na realidade — disse Cidhar — a minha mente está preparada para aceitá-la há muito tempo e o Biomusisom apenas vai mostrar, através da nossa música, que temos afinidades totais. Estou pronto a correr o risco da confrontação de egos.

Para Gendra era um passo definitivo, pois, jamais havia feito a confrontação de ego com um homem. Há muito tempo usava o Biomusisom, porém apenas para seu próprio prazer e também para provocar o relaxamento do seu complexo glandular. Nunca havia ativado o Biomusisom para confrontar seu ego com outro, através de uma composição musical. Sabia entretanto que uma peça musical criada durante uma confrontação de egos, apresentaria como resultado uma composição musical cheia de amor e suavidade ou então uma peça desritmada e plena de erros musicais.

Gendra tomara uma decisão definitiva:

— Apesar de jamais ter pensado que nesta noite seríamos tentados a fazer uma experiência desse tipo, estou disposta a submeter-me à confrontação.

Ambos sentaram-se nas poltronas adequadas, tomaram dos controles remotos e iniciaram a ativação eletrônica do instrumento. De comum acordo escolheram criar uma composição musical rítmica e sensual. Nesse momento, saindo do instrumento, na direção de cada um, aproximou-se uma haste tendo na sua extremidade, cinco pontos de luz. Imediatamente cada um encostou as pontas dos cinco dedos que

iriam manipular o controle remoto. Passados alguns segundos a haste retraiuse para dentro do instrumento. Uma pequena tela de vídeo iluminou-se no centro do Biomusisom, mostrando as fisionomias de Gendra e Cidhar. Desse momento em diante ambos podiam começar a compor uma música mental que seria transmitida para o instrumento, o qual funcionando como um realimentador cerebral entregaria a cada um os impulsos elétricos do outro.

Quando três minutos depois a experiência estava terminada, Cidhar sentiu que não deveriam ter feito tal tentativa.

— Gendra, talvez não devêssemos ouvir a reprodução da música que acabamos de criar. Podemos sofrer uma irreparável decepção. Pode ser que a continuidade do nosso relacionamento venha a contribuir para uma melhor afinidade.

— Sou mulher, Cidhar, e, neste momento a minha curiosidade é enorme. Agora sou eu que estou disposta a correr o risco. Vou reproduzir a nossa melodia pelo circuito de difusão sonora.

Quando o som da melodia começou a brotar de todos os lados Cidhar e Gendra estava de pé no centro do aposento, sob forte tensão emocional. Mas a melodia veio limpa, cheia de ritmo e sensualidade, dando a impressão de ter sido feito por uma só pessoa.

A reação de ambos, foi imediata. Abraçaram-se. Beijaram-se. Mãos carinhosas procuravam fazer carícias jamais sonhadas. A música penetrava por seus ouvidos, tomando conta das suas mentes, dos seus corpos que instintivamente procuraram o conforto do leito onde o delírio do sexo completou o apogeu daquele amor.

7

Para o movimento científico da Terra, não só para os cientistas propriamente ditos, como também para os observadores e sobretudo para os administradores e políticos, aquela semana tinha sido plena de acontecimentos que há muitíssimos anos não ocorria. Aquele congresso científico que apenas visava — como tantos outros — concatenar e dar uma forma estrutural e organizada da ciência que se desenvolvia no planeta, transformara completamente o panorama e os parâmetros conhecidos sobre a unidade Tempo. Até então, quase nada se modificara no que dizia respeito à unidade Tempo, dentro da teoria geral de relatividade. Ainda que de uma forma um tanto axiomática, o Tempo continuava sendo aceito como se fora uma quarta dimensão, independente das três dimensões do espaço.

O professor Karon não divorciara a sua teoria desse conceito físico. Sua proposta era de que o Tempo não deveria ter uma continuidade infinita, num universo finito, cujo espaço sofria uma curvatura, sendo óbvia sua trajetória finita. Dentro desse contexto, a proposta de Karon quanto à intermitência temporal, em princípio fora aceita como razoável por todos os Institutos Científicos que diante da resolução do Ministro de Ciências de dar integral apoio ao projeto que se propunha a estudar e comprovar a teoria ou rechaçá-la de uma vez, procuraram por todos os meios contribuir para um rápido andamento do projeto.

Dentro do Instituto de Matemática o movimento tornara-se até certo ponto febril e ansioso, pois, o professor Alex, tomando ele mesmo as rédeas do projeto, reuniu toda sua equipe de matemáticos e programadores de computação, começou o gigantesco trabalho de transformar a teoria de Karon, em números, símbolos, teoremas, equações e possíveis diferenciais.

A equipe do prof. Alex e vários minicomputadoies cujas memórias armazenavam muitos milhares de respostas a conceitos matemáticos, não estava trabalhando isoladamente, pois, a cada momento os visio-fones do instituto estavam recebendo ou solicitando dos outros institutos, informações, observações, anti-projetos de programação, dados de astrofísica, compostos e substâncias químicas de várias regiões do espaço interplanetário. Todas essas informações eram canalizadas para a memória de um computador do Instituto, cuja única finalidade era de receber a programação do projeto para estudá-lo, reprogramá-lo e realimentá-lo com todas as informações adicionais contidas nas suas memórias. A reciclagem dessas informações diminuía consideravelmente a possibilidade de erro na programação.

Os sistemas de comunicações visuais, falados e escritos, em questão de minutos, levavam a todos os cantos da Terra o trabalho que estava sendo desenvolvido pela ciência. Os chamados jornalistas de notícias científicas procuravam as mais diversas formas de explicar o problema aos seus ouvintes ou leitores. Entretanto, foi a maior cadeia de difusão de notícias, através do seu repórter de assuntos científicos que usou um sistema prático de dizer ao público o que estava acontecendo, trazendo como exemplo paralelo à intermitência temporal, a chamada Lei de Bode, astrônomo do século XVIII que usando um conceito menônico identificador das distâncias dos planetas ao Sol, antes mesmo de se saber da existência dos planetas, sabia que naquela posição devia existir um astro orbitando ao redor do Sol. Dessa mesma forma, — dizia o repórter— usando a matemática, os cientistas estão procurando localizar uma fenda no tempo, ou seja, uma descontinuidade temporal por onde uma astronave possa escapar ao Tempo, fazendo com que desapareça o fator velocidade para vencer as distâncias.

Outra notícia que correu célere por toda a Terra, foi a mensagem recebida de um astro orbitando ao redor de um dos sóis do complexo Alfa do Centauro, chamado Próxima. Foi tal o entusiasmo da

Humanidade que os visio-fones do Observatório Astronômico Lunar ficaram superlotados de chamadas que pediam às vezes as informações mais absurdas.

Nada foi mais fácil para os comentaristas e jornalistas, juntar a notícia sobre a intermitência temporal, à notícia da mensagem interestelar e veicular boatos sobre uma próxima viagem de uma astronave que usando uma fenda no tempo, chegaria em poucas horas ao planeta que estava pedindo auxílio à Terra. E como em todas as épocas os jornalistas foram sempre os maiores descobridores dos mais sérios segredos de estado, chegaram ao ponto de veicular notícias sobre a indicação do alfa-espacial Cidhar Dim, para comandante da astronave que navegaria até a estrela Próxima.

Mas, paralelamente a todas essas notícias, os trabalhos de programação para o Computador Central, continuavam febrilmente. Com o passar dos dias o seu equacionamento tornava-se cada vez mais excitante, pois, o volume de informações somava um enorme cabedal científico até então sequer imaginado.

Por outro lado o Instituto de Mecânica e Eletricidade demonstrando alto interesse pelo projeto de comprovação da teoria do prof. Karon, começou a pedir informações aos institutos competentes sobre ondas eletromagnéticas, forças gravitacionais, sistemas referenciais, composição química provável de certas regiões do espaço sideral e mais uma série de elementos científicos que obviamente empunham um elemento de dados necessários para um projeto de construção de uma astronave destinada a cruzar os espaços exteriores do nosso sistema solar.

A colmeia científica da Terra fervilhava e vibrava mais do que durante os últimos cinquenta anos. Os visio-fones ficaram literalmente congestionados, pois, as chamadas eram gravadas e armazenadas nas memórias eletrônicas. Cada instituto viu-se obrigado a montar um esquema racional de atendimento às solicitações de informações e ao mesmo tempo programar seus pedidos de informação de forma simples e direta.

O Instituto Eclético, dentro desse esquema de troca de informações, estava sendo o mais sacrificado, pois, as outras unidades científicas sabiam que o cabedal de informações armazenados nos micros arquivos do I. E., era o mais completo do mundo, devido à sua própria condição de detentor da ciência Nexo-Eclética que possibilitou à Terra um perfeito ou quase perfeito equilíbrio entre ciência-poder. Durante cerca de quase trinta anos uma equipe de cientistas de todas as áreas da ciência humana, trabalhara para lançar as bases da Nexo-Eclética, cujo desenvolvimento possibilitou esse equilíbrio de forças.

Dessa forma, o I.E., representava o maior centro de informações científicas, já que os alfa-espaciais passavam uma vida inteira estudando e comprovando a ciência em todas as suas formas, assimilando todo o tipo de tecnologia as mais modernas e avançadas. Por essas razões, os visio-fones e os terminais de computador do I. E., estavam completamente congestionados, pois, os pedidos de informações gravados e memorizados, chegam de vários institutos e simultaneamente por todos os canais disponíveis. Diante desse congestionamento no tráfico dos visio-fones, o I.E. viu-se na contingência de criar um sistema referencial, partindo basicamente da abrangência científica, tinha possibilidades quase totais de dissecar um pedido de informação com a intenção de poder catalogá-la entre as milhares de respostas já programadas e memorizadas no computador, de forma tal a poder responder alguns segundos após e pelo mesmo canal visio-fônico usado ao ser formulada a pergunta. Quando a pergunta definitivamente não se enquadrava entre as respostas programadas, o computador ao rejeitá-la registrava a solicitação de informações para o seu centro de memória.

Criado o sistema, as condições de respostas melhoraram sensivelmente, dando oportunidade ao computador do I. E., de ser usado em assuntos de grande relevância interna. Obviamente, um desses problemas — certamente ligado ao projeto da intermitência temporal — era o de projetar um laboratório biológico provido de recursos os mais modernos possíveis. Esse laboratório deveria ser instalado no exíguo espaço do interior de uma astronave e por isso mesmo enquadrava-se numa perfeita

subminiaturização de equipamentos cuja manipulação deveria ser feita através de botões em painéis eletrônicos, pois, seria impossível sua manipulação direta. O projeto de subminiaturização surgiu muito naturalmente de um pedido de informação do Instituto de Mecânica e Eletricidade que desejava saber qual o equipamento e o espaço que o I. E. precisava dispor dentro da astronave. Como medida de orientação, o I.M.E., esclarecera com um ante-projeto arquitetônico que a nave deveria ter oitenta metros de comprimento e setenta e cinco toneladas de peso, definindo ainda os compartimentos de comando, trabalho, laboratório, lazer-saúde e intimidade. Além dos motores de propulsão, a astronave seria dotada ainda de vários compartimentos de estocagem específicos. Não faltando um hangar miniatura contendo um módulo planetário para dois astronautas

O professor Karon não divorciara a sua teoria desse e próprio para navegar em atmosferas mais densas do que a nossa, com propulsão elétrica, movida por uma pequena pilha atômica. Com o recebimento desse anteprojetado o I.E., redobrou seu entusiasmo com o projeto do professor Karon.

Decorridos dois meses, o mundo científico da Terra estava pronto para receber o maior impacto de todos os tempos, pois, o Computador Central, deveria receber dentro das próximas oito horas, toda a programação sobre a Intermittência Relativa do Tempo. Por incrível que pareça, todos estavam preparados para receber o impacto de uma das duas únicas alternativas do projeto: o fracasso total da teoria ou a comprovação de que o Tempo não era contínuo e que em algum lugar, dentro do espaço circundante do sistema solar e mesmo por toda Via Láctea, existiam fendas, verdadeiras fugas à imensidão do espaço, por onde poderia o Homem penetrar vencendo enormes distâncias, sem contagem de tempo.

Oito horas e cinco minutos depois da programação e funcionamento do Computador Central, a Terra entrou em colapso. A humanidade toda paralisou. Os visio-fones durante vários segundos mostraram apenas fisionomias apalermadas ou inexpressivas.

O Computador central, após magnetizar no seu vídeo, a primeira resposta sobre a intermitência temporal, ficara paralisado porque o técnico que deveria ter apertado um simples botão para que a máquina pudesse continuar com as respostas exigidas, não o fizera. Estava tonto com a resposta. A Terra inteira estava. O computador imprimira a seguinte resposta: O Tempo é descontínuo.

8

Para Cidhar Dim o momento era muito solene, pois, naquele instante ocupava um dos lugares, na grande mesa de reuniões da Central Diretora do Instituto Eclético. Como se não somente isso bastasse, o complexo sistema eletrônico tri-dimensional usado apenas para reuniões de suma importância entre órgãos governamentais e homens pertencentes ao primeiro escalão do poder central, estava sintonizando o canal de transmissão e recepção do Ministério de Ciências, fazendo com que todas aquelas pessoas que estavam fisicamente em lugares diferentes, estivessem com suas imagens, sentadas ao redor daquela mesa, no Instituto Eclético, e, ao mesmo tempo na sala de reuniões daquele ministério. Jovem, sorridente e incisivo, dizia o Ministro: — Após tantos meses de trabalho, conjugando esforços para o mesmo fim, paradoxalmente podemos dizer que recém chegamos ao ponto de partida. Esta manhã iniciamos a contagem regressiva para o lançamento da astronave que levará dois alfa-espaciais ao conjunto estelar Alfa do Centauro, obedecendo à teoria do Prof. Karon sobre a Intermitência Relativa do Tempo. Reconhecemos e identificamos os pontos obscuros da teoria do professor mas julgamos que a margem de erro torna o risco tão insignificante que vale a pena levar avante o Projeto. A vida do homem foi construída sobre uma base de riscos e aventuras, fazendo do futuro da humanidade uma grande incógnita e não seria agora que estamos na iminência de podermos contactar com nossos vizinhos estelares que deixaríamos de cumprir a missão que nos foi destinada. Todos sabemos que um dos pontos obscuros é a viagem de volta, pois, a Equação Temporal para retornar à Terra poderá depender de outro sistema referencial a partir do sistema solar da estrela Próxima. Porém, uma coisa é certa: a astronave Temporal será a primeira a vencer a velocidade da luz, mostrando que a humanidade não será mais prisioneira do tempo, podendo facilmente pular entre as estrelas.

O Ministro calou-se, porém todos continuaram em silêncio até o momento em que Cidhar Dim, obedecendo a uma informação no painel eletrônico, começou dizendo:

— Posso afirmar que nunca estive numa operação que se caracterizasse tão difícil como esta. Naturalmente não estou calmo, mas, como fui educado para enfrentar momentos como este, todas as minhas energias estão voltadas para soluções e não para ansiedades e inquietações. Neste momento reduzo meus pensamentos a levar a nossa nave ao sistema planetário da estrela Próxima e a partir do momento que entrarmos em órbita, a alfa Gendra Pohe usando sua referencia anímica,^[1] iniciará as primeiras experiências biológicas. Sabemos que nossa comunicação com a Terra será cortada no momento em que penetrarmos na fenda temporal. A partir daí contaremos apenas com os recursos da astronave e com os nossos próprios. Enfim, estamos decididos a cumprir a nossa missão.

Novamente o silêncio envolveu aquela estranha reunião de imagens tridimensionais. O painel eletrônico, obviamente comandado pelo Ministro, informou que o canal de transmissão estava aberto para o Diretor do Instituto Eclético.

— A astronave Temporal, — começou a dizer o Diretor — tripulada por Cidhar e Gendra, como não podia deixar de ser, fugiu às características das naves que exploram o nosso espaço interplanetário, pois, para diminuir o risco de vida humana ao mínimo (Cidhar e Gendra somente), instalamos três micro computadores, sendo que um deles fará toda a astronavegação da Temporal, dotado que foi das mais adiantadas técnicas de astrometria. Quanto aos outros dois: um deles será o engenheiro eletro-mecânico, ligado a todos os equipamentos e máquinas existentes a bordo e o outro será a memória auxiliar do

laboratório biológico da nave. Esses computadores não terão enlaces entre si ou mesmo com o computador central; as informações adicionais terão que ser feitas através de Cidhar e Gendra. Ademais, qualquer irregularidade ou anomalia detectadas, serão impressas em micro placas que automaticamente aparecerão no circuito de vídeo de toda a nave, para conhecimento dos tripulantes. Essas medidas cautelares têm a finalidade de manter nossos cosmonautas a par de qualquer irregularidade. A impressão das micro placas serão transitórias, pois, após setenta e duas horas desaparecerá das placas, passando a fazer parte da memória do computador. Com esta reciclagem, a quantidade de micro placas ficou muito reduzida ocupando um pequeno espaço com um mínimo de peso.

Após um longo minuto de silêncio, durante o qual o Ministro manipulou seu vídeo-monitor a procura de algumas notas, outra vez o painel eletrônico abriu um canal de transmissão, desta vez para o professor Alex, coordenador do projeto temporal:

— Todos trabalhamos juntos neste projeto, começou dizendo o prof. Não foram as circunstâncias fortuitas que reuniram fatores preponderantes ao redor deste gigantesco trabalho, como por exemplo, a mensagem recebida pelo prof. Luogui do Observatório Lunar, talvez o desenvolvimento do projeto, ocorresse em forma mais lenta e compassada; Quiçá a Temporal não tivesse sido dotada de tantos recursos científicos. De qualquer forma sabemos que o menor risco científico transforma uma experiência técnica numa aventura humana. Assim, nossos cosmonautas estão cientes de que a astronavegação da Temporal tem como finalidade precípua, encontrar a fenda no tempo no lugar do espaço cujas coordenadas foram determinadas depois de tantos meses de trabalho, e, depois desse encontro que marcará a maior descoberta para a libertação da humanidade em direção a todos os pontos do Universo, virá o encontro com os nossos vizinhos cósmicos.

O Ministro de Ciências passou por todos os circundantes da grande mesa, o seu olhar sorridente, como uma última mensagem de entusiasmo, e desligou os circuitos.

A ilusão ótica, de que todos estavam presentes, desapareceu, pois, ao desligarem-se os circuitos, a televisão halográfica deixou de criar a ilusão de “estar presente”, restando apenas naquela grande mesa, a presença do Diretor do I. E., e Cidhar Dim.

— Muito bem, Cidhar, disse o Diretor, trabalhamos muito para chegar ao atual ponto de partida, isto é, ao lançamento da Temporal, em menos de setenta e duas horas. A partir deste instante seu único dever para com a Terra é levar a Temporal até a órbita da estrela Próxima e trazê-la de volta através de uma Fenda no Tempo...

O lançamento da Temporal foi perfeito. Em menos de três minutos ela estava descrevendo uma órbita ao redor da Terra, antecipadamente determinada e obedecendo rigorosamente à trajetória elíptica que a levaria a vencer as forças gravitacionais do planeta. Em terra, os trabalhos de rotina davam a certeza de que com mais três revoluções orbitais, a Temporal alcançaria a velocidade necessária para escapar em direção ao planeta Plutão, em cuja rota seria encontrada a fenda de passagem, cujo local em termos de tempo de viagem, dentro da velocidade prevista, levando em conta aceleração e desaceleração, deveria estar a dezoito dias e vinte e uma horas.

No interior da Temporal, após a aceleração para a orbitagem, tudo parecia normal sendo que Cidhar aproveitava aqueles minutos que faltavam para a aceleração final de escape às forças gravitacionais, para repassar do computador para sua mente, as coordenadas de viagem em direção a Plutão. Gendra a bióloga da nave, por sua vez manipulava os instrumentos que em alguns minutos fariam toda a reciclagem do ar no interior da Temporal, a fim de purificá-lo ao nível do outro que seria gerado pelo equipamento adequado. Logo após ao escape da Terra, aqueles macacões espaciais seriam substituídos por roupas muito sumárias — costume adotado há muitos anos pelas tripulações de naves sem passageiros — em virtude da temperatura constante de 23.º centígrados, no interior da nave.

O computador central de bordo da Temporal começou a contagem regressiva, que levaria alguns

segundos, até a aceleração de escape da Terra. Com essa manobra a nave sofreria durante dois dias terrestres uma aceleração cada vez maior, para poder alcançar uma velocidade tal, que a levaria em poucos dias à região do espaço, nas imediações de Plutão. Cidhar e Gendra acomodados em seus módulos compensadores que fariam com que pudessem resistir a tamanha aceleração, prepararam-se para pacientemente vencer alguns milhões de quilômetros, antes da paralização motora e conseqüente entrada da nave em queda livre. Dentro dos módulos compensadores poderiam locomover-se na ponte de comando e efetuar vários trabalhos indispensáveis para essa segunda etapa de navegação.

Durante alguns milhões de quilômetros, a Temporal cruzou o espaço em regime de aceleração uniforme, obrigando seus tripulantes a restringir suas atividades à programação previamente estabelecida, contando-se entre elas longas comunicações com as estações de rastreamento da Terra. Esse contato seria mantido até o momento da astronave penetrar na fenda do tempo em direção ao planeta em órbita na estrela Próxima. Depois desse instante teoricamente essa comunicação estaria irremediavelmente cortada.

Quando a aceleração da Temporal chegou ao nível previsto, com a propulsão desligada, a nave entrou em queda livre, permitindo que Cidhar e Gendra saíssem de seus módulos compensadores. As atividades a bordo da nave durante dias e dias já estavam estabelecidas e cada um dos tripulantes teria todas as suas horas tomadas, pelo trabalho, pelo lazer e para descanso. As comunicações com a Terra seriam incentivadas com contatos radiofônicos e com transmissão de TV. O computador central receberia por sua teleimpressora, as notícias dos jornais escritos. Todas essas informações manteriam os dois tripulantes em constante contato com a Terra, nos seus momentos de lazer aos quais seriam dedicadas sete horas, das vinte e quatro horas do dia-terra.

Cidhar havia sido treinado para enfrentar situações como a que se apresentava para todos aqueles dias de viagem que antecederiam à chegada da nave às proximidades da fenda no tempo, detectada na imensidão do espaço. Seus afazeres, durante sete horas seriam divididos entre outros, na inspeção rigorosa de todos os lugares da Temporal que por qualquer razão merecessem uma atenção especial. Através do monitor de TV, no posto de comando, ele podia entrar em contato visual com o interior da nave e se algum ponto viesse a merecer sua atenção especial, a imagem poderia ser transferida para uma câmera telescópica que faria uma reprodução de tal forma aumentada que seria possível constatar uma simples rachadura de um décimo de milímetro na seção exposta ao exame.

Ainda no posto de comando, Cidhar poderia utilizar outro monitor de TV que recebia, em seqüência, todas as imagens enviadas pelas câmeras externas, dispostas ao longo da fuselagem da Temporal. Essas câmeras, quando ativadas pela solicitação do monitor de TV, obedeciam a um movimento giratório programado, focando todos os pormenores ao longo do seu curso. Essas imagens de TV, tanto externas como internas, poderiam ser fotografadas e passadas ao computador central que imediatamente as enviaria às estações de rastreamento da Terra.

Cidhar e Gendra, enquanto durasse a viagem até as imediações de Plutão, teriam a cada vinte e uma horas terrestres, encontros de uma hora terrestre para troca de informações sobre os trabalhos de rotina e mesmo qualquer tipo de diálogo pessoal. Na eventualidade da tripulação da Temporal^[2] ser composta de um homem e uma mulher, e, existir entre eles um colóquio sexual, todos os trabalhos do posto de comando, manipulados pelos tripulantes, poderiam excepcionalmente, serem conectados no computador central que teria como única alternativa, a iniciativa de fazer soar uma estridente sirena de emergência, como alerta a qualquer anormalidade.

Quanto aos trabalhos de rotina de Gendra, eram os mesmos de Cidhar sendo apenas os horários diferentes. Hierarquicamente Cidhar era o Comandante da Temporal, ainda que esse comando fosse apenas perceptível nas comunicações com a Terra. Entre os dois não havia apenas um enlace profissional de dois tripulantes empenhados numa espantosa viagem espacial que poderia leva-los irremediavelmente à morte. Havia também um enlace sentimental e amoroso que deveria mantê-los sempre numa perfeita

união de valores profissionais e pessoais. Quando o diretor do Instituto Eclético, propôs Cidhar e Gendra para a composição da tripulação da Temporal, entre outras razões, esclareceu que entre ambos havia uma afinidade espiritual e sentimental — atração essa identificada pelo Biomusisom — que muito contribuiria para o enlace profissional tão necessário, para uma missão cujas condições somente poderiam ser previsíveis enquanto a astronave estivesse vogando dentro do Espaço-Tempo conhecido.

Com a velocidade fantástica alcançada pela Temporal, Cidhar já começara a avistar vários satélites de Saturno, através das câmeras externas. As imagens no seu monitor de TV sucediam-se mostrando não só os satélites como também Saturno e seus tênues anéis que rebrilhavam à luz do sol. Aproveitando as exposições das câmeras, Cidhar acionava os filmes fotográficos que logo depois de revelados pelo computador central, eram enviados à Terra. Naquele momento era tão grande a distância entre a Temporal e seu planeta mãe que essas imagens fotográficas levavam uma hora e meia para chegar ao seu destino.

As comunicações com a Terra, em virtude da enorme distância em que se encontrava a Temporal, tendiam a ser cada vez mais demoradas, apesar da forma utilizada, que era a de responder ou esclarecer imediatamente o assunto ventilado, na medida em que estava sendo exposto. Esta quase simultaneidade era possível em virtude dos canais de recepção e transmissão serem completamente independentes. No começo da missão, quando as distâncias foram ficando cada vez maiores, este sistema tornou-se um tanto confuso, pois, o monitor de TV recebia imagem e voz respondendo às perguntas que haviam sido feitas a mais de uma hora passada. Inicialmente essa situação provocou hilariedade até tornar-se rotina de um trabalho diário, que muitas vezes fazia esquecer o verdadeiro destino da missão da Temporal, isto é, comprovar todo um complexo científico formado ao redor da Teoria da Intermittência Relativa do Tempo e como segunda fase a incumbência de chegar até a estrela Próxima, procurando contactar com um planeta em sua órbita.

No interior da Temporal, para Cidhar e Gendra o tempo escoava-se entre trabalho, descanso e lazer divididos entre dias e noites terrestres que pouco a pouco perdiam sua dimensão habitual e cotidiana para serem substituídos pelas efemérides astronômicas. A medida que a astronave avançava no espaço, suas coordenadas com relação ao Sol e a estrela Próxima iam sendo levantadas e registradas, formando novas tabelas de efemérides astronômicas que diariamente eram transmitidas à Terra. Essas informações, junto com outras sobre planetas e satélites que a Temporal encontrava em seu caminho, em direção à órbita de Plutão, estavam formando um volumoso e riquíssimo compêndio astronômico que seriam necessários alguns anos de trabalhoso estudo e pesquisa para elucidar dúvidas e formar novos conceitos sobre o espaço solar circundante.

Durante os meses anteriores à viagem da Temporal, as notícias sobre o desenrolar dos acontecimentos relativos à fenda no tempo, já ocupavam lugar de destaque no cotidiano dos quinze bilhões de habitantes do planeta. Após o lançamento da Temporal, essas notícias passaram ao primeiro plano, galvanizando praticamente toda a humanidade. Todos os veículos de comunicação adotaram três horários diários para divulgação dos relatórios que chegavam da Temporal. Na medida em que a nave aproxima-se do seu destino, o suspense tornava-se mais angustiante, pois, cada vez mais claro ficava o fato de que penetrar na fenda do tempo poderia ser uma aventura irremediável. O próprio Governo Central titubeava ante a atitude a ser tomada.

Mas, o tempo é inexorável e com o passar dos dias, a ciência da Terra colheu os resultados da sua semeadura, pois, pela madrugada de um dia como qualquer outro, uma das estações de rastreamento da Terra, recebeu do Comandante Cidhar Dim, ratificado pela Alfa Gendra Poe, em lacônico relatório, que a astronave humana Temporal, estava diante da Fenda e pronta para receber ordens para lançar-se no seu interior.

9

Afanosamente, através dos visiofones, Gendra procurava localizar Cidhar, em algum ponto da astronave. Ao encontrá-lo, foi direta ao assunto:

— Cidhar, o computador acaba de anunciar que dentro de setenta e dois minutos, devemos entrar no período de desaceleração, pois, estamos a menos de setenta três horas das coordenadas da fenda. Precisamos ultimar nossos trabalhos, antes de entrarmos nos módulos compensadores.

— Muito bem Gendra, aqui na sala do reator está tudo em ordem e esta é a última inspeção a ser feita. Vou guardar o equipamento de vistoria e em alguns minutos estarei na sala de comando. Seria bom ativar o telescópio micro-eletrônico para termos uma idéia visual destas paragens, antes da desaceleração.

— O telescópio está ativado e o computador neste momento enquadra a angular de acordo com as coordenadas da fenda. Esperando por você, desligo.

Minutos depois, Cidhar estava na sala de comando e dizia:

— Todos os pontos pseudo-vulneráveis da nave, estão em perfeitas condições de sofrer a desaceleração. Acredito que dentro das horas previstas, estaremos diante da fenda.

— Precisamos ainda de todas as informações que o computador auxiliar colheu, quanto aos equipamentos eletro-mecânicos da nave. Para maior segurança, vamos obter essas respostas pela tele-impressora.

Em alguns segundos de manipulação de controles, o computador começou a preencher uma fita plástica circular que logo após passar sob uma câmera de TV era apagada para imediatamente receber nova escrita que depois de gravada pela câmera seria apagada e assim sucessivamente até o final da mensagem. Por sua vez, o monitor de TV reproduzia no cinescópio e ao mesmo tempo gravava em microfitas que passavam a pertencer aos arquivos da Temporal.

Ao terminar as informações do computador, Gendra que também seguia com atenção as informações recebidas, disse:

— Temos todas as informações necessárias. A Temporal poderá entrar em desaceleração sem prenunciar qualquer problema técnico.

— Tudo bem, Gendra, temos várias horas pela frente, que serão dedicadas ao nosso telescópio. Faremos antes de mais nada uma varredura espectral completa, do espaço circundante. Tudo que for detectado a menos de cem mil quilômetros de distância será objeto de pesquisa. A varredura será de trezentos e sessenta graus e contínua. Dessa forma, quando a fenda entrar em nosso telescópio, — isso fatalmente acontecerá quando estivermos no fim do período de desaceleração — o foco ficará paralisado sobre ela.

Gendra, preocupada com o seu laboratório biológico, disse:

— Você terá minha colaboração dentro de alguns minutos, pois, vou até o laboratório para ativar o computador e pô-lo em condições de trabalho a partir do momento em que a fenda estiver identificada.

Alguns minutos depois, os dois astronautas estavam atentamente manipulando o telescópio micro-eletrônico. Obviamente que o computador central, minutos depois, daria início à última fase da contagem regressiva. A partir desse momento, os controles do telescópio passariam à ação automática, pois, Cidhar e Gendra teriam que proteger-se do formidável aumento das forças gravitacionais, provocadas pela desaceleração, entrando em seus módulos compensadores.

A preocupação de Cidhar, quanto ao espaço ao redor da Temporal, era perfeitamente normal, pois, poderiam encontrar algum corpo celeste suficientemente grande para exercer uma força gravitacional sobre a Temporal que poderia desviá-la da sua rota, durante o período de desaceleração. Um objeto desse tipo poderia estar naquela região e nunca ter sido detectado pelo observatório lunar, devido ao seu pequeno volume e à sua localização a enorme distância.

A bordo da Temporal, os minutos foram passando sem acusar nenhuma anormalidade. Chegado o momento da desaceleração, anunciada pelo computador, nada saiu do seu ritmo. Todos os controles foram passados para a automatização. Cidhar e Gendra acomodaram-se em seus módulos compensadores de onde poderiam manipular e comandar por controle remoto, algumas situações de emergência como acender e apagar luzes, abrir e fechar as portas de comunicação com o resto da nave, regulagem e provimento de ar, usar um canal de transmissão para a Terra e como emergência final a parada dos propulsores em caso de perigo iminente. Poderiam ainda, como de fato estava acontecendo naquele momento, assistir, pelo monitor de TV, a varredura do espaço circundante que o telescópio, indiferente a tudo, continuava fazendo. Como havia entre os dois módulos compensadores um canal de recepção e transmissão, os dois navegantes poderiam manter longos diálogos.

A desaceleração fora programada para terminar quando a Temporal tivesse alcançado a velocidade de trinta e cinco mil quilômetros horários e a duas horas terrestres do local da fenda. Dessa forma, a pouco menos de três horas, antes de chegar ao espaço previamente programado, Cidhar e Gendra viram pela primeira vez o contorno da intermitência do Tempo. Mesmo para os dois alfa espaciais, não deixou de ser assustador ver as imagens daquilo que, até poucos meses atrás, poderia ter sido parte de uma inconcebível história do tipo de ficção científica do passado século vinte. O contorno daquela falha no Tempo, era toda esfarrapada, como se alguém tivesse rasgado um pedaço de papel, fazendo um furo sem simetria, no centro de uma folha. Na base da imagem do monitor vinha a informação de que entre os lados mais distantes havia oitenta mil e quinhentos e dois metros e entre os lados mais próximos havia trinta e oito mil e cinco metros.

Terminada a desaceleração — assinalada pelo computador — a Temporal passou a navegar no espaço a trinta e cinco mil quilômetros horários, permitindo a Cidhar e Gendra, saírem dos seus módulos. Com uma grande dose de excitação, Cidhar imediatamente dedicou-se a levantar os dados de composição química do espaço ocupado (ou não ocupado?) pela fenda. Todos os resultados foram negativos. Não havia sequer um átomo de hélio ou hidrogênio — gases normalmente encontrados no espaço. Nada. Procurou então fazer o levantamento de características físicas. O espectrógrafo nada registrou; não havia sequer um raio luminoso dentro daquela fenda. Na sua parte externa não havia um corpo sólido sequer, nenhuma turbulência, nenhum campo magnético, nenhuma força gravitacional. Nada.

Realmente, pesou Cidhar, estou diante do impossível, pois, o binômio Espaço-Tempo, por uma infinitesimal fração de tempo, sofre uma descontinuidade de tempo. Mas, nesse momento, entrando na sala de comando, Gendra completamente atônita, estava dizendo:

— Esse lugar não existe biologicamente, pois, todas as minhas experiências para encontrar um elemento co-autor de uma formação de qualquer tipo de vida, foram inúteis. Não tenho nenhum elemento para examinar. Nada. Tenho a impressão de que se nós entrarmos nesse buraco também vamos ficar reduzidos a nada. Que faremos agora Cidhar?

— Bem, se nada existe, não faremos nada! Ou melhor, faremos com que a velocidade da nossa velha Temporal, seja reduzida também a nada!

Se as palavras de Cidhar eram jocosas, o ato de reduzir a velocidade da Temporal era muito sério, pois, se continuassem aquela trajetória, entrariam por aquela fenda, antes de fazer o último contato com a Terra. Assim, manipulando os comandos dos propulsores, Cidhar foi reduzindo muito lentamente a velocidade da nave. Em determinado momento ele desligou os propulsores. A Temporal estava estacionada no espaço, a pouco menos de cinquenta quilômetros daquela enorme fissura do tempo.

Gendra acabara de enviar à Terra o lacônico pedido de autorização — formalização protocolar, pois, esse era o objetivo — para penetrar naquele espaço sem tempo, quando foi surpreendida por Cidhar:

— Temos mais de seis horas de espera, até chegar a resposta da Terra. Vou aproveitar esse tempo para examinar de perto aquela coisa lá fora. Para tanto, vou utilizar minha energia mental. Meu corpo, por segurança, ficará dentro do módulo compensador. Alguma pergunta?

— Sim, você tentará entrar na fenda?

— Não; apenas chegarei tão perto quanto a minha segurança permitir. De qualquer forma, farei o possível para estar a bordo antes de chegar as notícias da Terra.

Cidhar entrou em seu módulo compensador e após acomodar-se, começou a pensar naqueles momentos angustiantes que aconteciam antes da separação da sua energia mental. Em seguida, o inferno psíquico começou, um grande mal estar apoderou-se dele e aquele nauseante movimento ondulante quebrou completamente sua estabilidade emocional. A partir desse momento não sentiu mais seu próprio peso. Logo depois alcançava uma deliciosa paz mental ao mesmo tempo que visualizava do alto, toda a sala de comando com Gendra tendo os olhos paralizados sobre seu próprio corpo, dentro do módulo compensador. Sua energia mental estava livre. Sentia que seu raciocínio se avolumava; que sua inteligência transbordava, Estava pronto para fazer o reconhecimento que pretendia.

Sair da Temporal e encontrar-se no espaço estelar foi obra de uma fração de segundo. Cidhar já estava habituado a imprimir vários tipos de velocidades à sua mente e agora no espaço aberto, dirigiu-se rapidamente ao local daquela fissura no tempo. Sabia que chegaria a algumas conclusões não encontradas pelos equipamentos de bordo. Sua curiosidade estava dirigida sobretudo a uma circunstância muito singular: Qual seria a espessura daquela fenda. Seguindo essa mesma linha de pensamento ele se perguntava: como seria do outro lado da fenda? Existiria o mesmo buraco? Se tal acontecesse, como poderia a Temporal chegar até a Próxima da Alfa do Centauro? E se aquela fenda fosse apenas mais um dos já conhecidos “buracos negros”? Enfim, todas essas perguntas teriam uma resposta quando ele pudesse visualizar o outro lado daquele maldito buraco!

Cidhar cautelosamente diminuiu a velocidade quando chegou bem próximo à fenda. Claro que não tinha ouvidos para ouvir qualquer tipo de ruído. Mas seu desenvolvimento mental dava-lhe a vantagem de uma espécie de dimensão premonitória sobre qualquer tipo de perigo iminente. Tudo estava calmo. Aquele buraco era tão sem vida que poderia nem existir. A energia mental de Cidhar estava tão próxima daquelas bordas que se pudesse contar com mãos, poderia até tocá-las. Eram vermelhas puxando para violeta. Não havia uma perfeita definição de contorno. Tudo era muito confuso porque não havia qualquer cor de fundo. Não havia nada dentro da fenda. Nem claro nem escuro. Nada a que se pudesse comparar. Era como se alguém quisesse adivinhar o futuro. Impossível.

Cidhar lentamente retirou-se daquele lugar, procurando afastar-se uns duzentos metros para baixo daquela abertura. Ele queria olhar do outro lado. Talvez encontrasse algumas respostas. Quando achou que a distância tornava o próximo passo, bem seguro, avançou no espaço procurando ultrapassar o paralelo da fenda.

Do outro lado não tinha nada. Apenas o espaço, luz e estrelas no fundo negro do universo!

Não satisfeito, Cidhar procurou a linha paralela da fenda e avançou lentamente, numa linha reta, em direção a uma das pontas da fenda. Já bem próximo da greta, repentinamente sua energia mental entendeu todo o problema na sua profundidade. Restava apenas voltar para a astronave e dizer a Gendra as conclusões tiradas sobre aquela fenda no tempo.

Como acontecera no passado, Cidhar fora acomodando-se lentamente dentro de si próprio e muito naturalmente, corpo e mente, continuaram juntos o seu ciclo de vida. Tornando-se novamente consciente, ele saiu imediatamente do módulo e dirigiu-se a Gendra:

— A unidade homem, durante milhares de anos procurou sondar e mesmo penetrar no seu futuro. Criou máquinas, criou teorias, admitiu conceitos absurdos, mas nunca conseguiu transpor a

impossibilidade porque a barreira do Tempo sempre esteve presente. Sim, todas as preocupações sempre estiveram voltadas para o tempo futuro e o presente sempre foi desprezado.

— Mas o presente, inexoravelmente será o passado conhecido e no entanto o mesmo presente nunca será o futuro. Cidhar, este assunto já foi inúmeras vezes abordado e confirmado. Você tem alguma dúvida?

— Nunca tive dúvidas, mas agora, ao examinar a fenda, lá fora, entendi que as nossas teorias a respeito do presente e do futuro são totalmente infantis. Gendra, você conhece uma boa teoria ou sequer definição para o Presente? Você sabe se foi possível dimensionar a quantidade de tempo que o presente requer para existir? Creio que jamais alguém conseguiu ir além de dizer que o “o presente é o momento dado”, que na realidade nada define em termos de quantificação de tempo. Pois bem Gendra, nós estamos diante do Presente e do Futuro. Aquela greta no espaço representa para nós, o Presente, e, tudo aquilo que não existe depois dela, será o futuro, o nosso futuro, no momento em que a usarmos.

— Mas, você ainda não explicou porque e com que dados chegou a essa conclusão!

— Perfeitamente. Quando procurei um ponto no espaço que me permitisse visualizar a secção de espessura da fenda, entendi que essa espessura é uma quimera fugaz, não tem consistência, não tem tempo, isto é, ela existe porque o passado e o futuro não podem tocar-se ou encontrar-se; por isso essa espessura tão fina e fugaz como uma quimera, traduz-se como o presente a equilibrar-se entre o passado e o futuro. Eis porque o presente não pode ser quantificado em termos de tempo.

— Você está querendo dizer que ao entrarmos nessa fenda nós estaremos fora do tempo e viajando para um futuro que acontecerá dentro de quatro anos luz?

— Exatamente isso, Gendra. Esse é o nosso destino logo que recebermos a próxima comunicação da Terra. Quanto tempo você calcula faltar para chegar a próxima transmissão da Terra?

— Bem, pelo relógio terrestre, faltam apenas alguns minutos para recebermos a comunicação.

Repentinamente o monitor de vídeo do computador da Temporal iluminou-se mostrando uma imagem abrangente da mesa de reuniões do Instituto Eclético onde estavam representados todos os institutos de ciências.

— Muito bem Cidhar Dim — disse o Ministro — por algum tempo, desde que recebemos sua mensagem, estudamos a possibilidade de ordenar-lhe que voltasse para a Terra. Entretanto, decidimos autorizá-lo a levar a Temporal através da fenda. Titubeamos diante dessa decisão porque a prova que procurávamos sobre a existência da intermitência temporal já havíamos obtido e decidimos ir avante porque estamos conscientes do nosso dever humano, frente aos nossos vizinhos cósmicos. A partir deste momento você é soberano para tomar qualquer tipo de atitude. Desligo.

— Assim sendo — disse Gendra, um tanto cáustica — você acaba de tornar-se herdeiro de uma astronave e de uma alfa espacial!

— Não diga tolices, Gendra. Se você não quiser penetrar naquele maldito buraco, nós voltaremos para casa agora.

— Você pensa que eu viajei milhões de quilômetros tão somente para tirar fotografias desse rasgo? Dentro da Temporal ou mesmo andando a pé, eu entro nessa coisa!

— Então está decidido. Vamos ultimar nossos preparat...

— Espere, Cidhar. Parece haver uma falha na sua teoria sobre o presente. Olhe, se nós entrarmos naquele buraco, em determinado momento estaremos com uma parte da Temporal no passado, uma parte no presente e uma parte no futuro e essa situação configura uma impossibilidade física.

Cidhar, com um sorriso nos lábios, respondeu:

— Se você tivesse deixado escapar esse detalhe, não poderia estar viajando na Temporal. Mas, claro que essa impossibilidade física não pode existir porque a fina espessura que é o Presente, funciona como uma membrana elástica de forma tal que a medida que avançamos ela dilata-se, envolvendo a Temporal totalmente. Ao completar-se esse envolvimento, instantaneamente o Presente rompe-se entregando toda a

Temporal àquele espaço sem contagem de tempo, que nós estamos chamando de Futuro. Dessa forma, nossa astronave passará do Presente para o Futuro, sem ter estado no Passado.

— Nunca duvidei de que você teria uma boa resposta, em um minuto estarei pronta e acomodada no meu módulo compensador.

Em poucos minutos Cidhar ativou os três computadores, programou as placas que marcavam as coordenadas que seriam seguidas, transferiu o comando para o seu módulo compensador e nele acomodou-se, dando partida à nave que em menos de cinquenta quilômetros alcançaria a velocidade de quarenta e dois mil quilômetros horários, exatamente no momento de entrar na fenda.

O fato é que um instante depois a Temporal encontrava-se sob um firmamento cheio de estrelas onde se destacava um grande sol branco como se fosse uma enorme lua cheia.

A fenda fora transpassada pela Temporal que da mesma forma inverossímil, havia em um instante transposto quatro anos luz, havia também mantido a mesma velocidade. Tanto assim que Cidhar precisou alguns minutos para desacelerar a astronave, até o seu estacionamento em pleno espaço. Durante esses preciosos minutos de desaceleração, haviam avançado mais de mil e quinhentos quilômetros.

Cidhar e Gendra saíram dos módulos compensadores e começaram imediatamente a levantar as coordenadas do espaço circundante e suas condições químicas e biológicas. Logo de início o computador central identificou aquele grande sol branco como a estrela Próxima da Alfa do Centauro. Por outro lado, o computador do laboratório biológico, informava a Gendra que o espaço onde estavam estacionados, comparado com aquele conhecido e circundante do sistema solar, tinha pequenas diferenças que não afetariam a vida humana, mineral e vegetal.

Os trabalhos de identificação e levantamento de todos os dados até onde podiam alcançar as antenas e câmeras de infra vermelho, continuaram rotineiramente durante horas e horas. Quando Cidhar deu-se por satisfeito com todas as informações inseridas no computador central, passou a manipular o computador auxiliar, em busca de qualquer anomalia surgida durante e mesmo depois do transpasse da fenda. Como nada encontrou de anormal, dirigiu-se ao laboratório biológico onde Gendra continuava trabalhando.

— Pelo que diz respeito — disse Cidhar — à Temporal e a mim mesmo, estamos satisfeitos com as informações colhidas. Sabemos agora que temos diante de nós, a cerca de vinte milhões de quilômetros, um geóide com aproximadamente uns trinta e cinco mil quilômetros de diâmetro. Essa dimensão não ficou bem definida em virtude do seu envoltório atmosférico estar protegido por uma densa camada de gás.

Gendra, com um bonito sorriso nos lábios, disse:

— Creio que consegui uma informação sumamente importante sobre esse geóide que você identificou, pois, ao analisar o meio circundante, consegui determinar e isolar um esporo formado por uma célula haplóide. Essa descoberta nos leva à informação lógica de que o planeta a nossa frente tem vegetação muito semelhante à nossa velha Terra.

— Você não poderia ter feito uma descoberta melhor. Havendo vegetação nesse planeta, temos uma enorme possibilidade de encontrarmos vida muito semelhante ao do nosso planeta. E quanto à estrela Próxima, está produzindo alguma irradiação desconhecida?

— Nada encontrei que possa preocupar. Pelo contrário, os isótopos radioativos do carbono, formados sob a ação de radiações solares — o carbono 14 — devem estar presentes na atmosfera do planeta, de acordo com a análise espectral que acabei de fazer.

— Ótimo. Temos grandes possibilidades de que esse geóide seja muito semelhante à Terra e sendo assim, nosso trabalho de aproximação será muito facilitado. Se você já terminou seu relatório, vamos viajar esses vinte milhões de quilômetros e ver de perto o que vai acontecer.

Durante dois dias terrestres a Temporal varou o espaço a uma enorme velocidade, em direção ao planeta que nos últimos meses fora a meta da ciência da Terra. Esta seria a derradeira etapa da missão confiada à sua tripulação. Os resultados a serem obtidos, de uma certa forma eram menos importantes do

que a façanha quase impossível, de cruzar quatro anos luz, em um instante fugaz.

O tempo rolou a bordo da Temporal. Chegara o momento de Cidhar escolher a órbita mais adequada ao redor do planeta.

— Creio que se estabelecermos uma órbita a uma altura média de trinta mil quilômetros, estaremos a salvo de qualquer surpresa e defendidos por nossos detectores que não terão dificuldade de acusar qualquer tipo de abordagem. Por outro lado, o nosso pequeno módulo poderá empreender rápidas viagens ao planeta, sem qualquer dificuldade.

Gendra, repentinamente lembrou o seguinte:

— Você já pensou na nomeação a ser dada a este planeta?

— Sim. Creio que com a maior justiça, lhe daremos o nome de Karon.

— Assim, disse Gendra, o quarto planeta da estrela Próxima, já tem um nome para ser referido.

A tele-impressora do computador central, começou a determinar o plano de vôo que deveria ser adotado para entrar na órbita desejada por Cidhar. Logo depois de terminada a mensagem, iniciou a contagem regressiva. Os retrofoguetes entraram em ação. Os giroscópios garantiram a estabilidade do engenho. A velocidade, sob controle, obedeceu às coordenadas. O plano de vôo entrou em ação. Os propulsores após uma última arrancada entraram em repouso. Estava terminada a operação. A Temporal acabava de colocar-se em órbita, sobre o planeta Karon.

10

— Sintonizei, Cidhar. Eles transmitem numa frequência muito baixa, ou seja, no comprimento de onda de 103m. Você precisa construir com urgência um novo receptor heteródino nos moldes do passado século vinte, com frequência fixa a cristal, pois, com a balbúrdia que chega até nós, jamais poderemos estudar a linguagem do planeta. Devido à nossa posição, por cima do planeta, nós recebemos várias transmissões de pontos de diferentes, que usam a mesma frequência.

— Será um prazer brincar com esse tipo de eletrônica. Em menos de quinze minutos você terá o receptor e poderá fazer a gravação de vozes. Por outro lado, você precisa identificar quais os tipos de microorganismos que vamos encontrar no Karon e se têm possibilidade de crescimento dentro da Temporal.

A constante preocupação de evitar a poluição ambiental de um planeta, provocada por astronaves portadoras de microorganismos, elevava muito alto o nível tecnológico de instrumentos pesquisadores e detectores desse tipo de problema. A esterilização do interior da Temporal reduzira a um para dez bilhões as possibilidades de crescimento de microorganismos que poderiam ser letais em outros planetas. Reciprocamente, os microorganismos existentes no planeta Karon, poderiam ser fatais para Cidhar e Gendra.

Durante quinze minutos, ambos trabalharam com afinco em suas tarefas. Era preciso conhecer as condições ambientais do planeta Karon, como também conhecer sua língua e através dela seu estilo de vida. Essas eram as características iniciais para uma primeira tentativa de comunicação.

Após terminar a gravação de vozes, Gendra mostrava-se satisfeita com o trabalho que fizera. O receptor montado por Cidhar, fora usado com uma antena super direcional e assim foi possível isolar uma única transmissão, fazendo um árduo labor de equalização de sons.

Quanto ao nível de quantificação de microorganismos que seriam encontrados na superfície do planeta, não causaria preocupação, assim como sua periculosidade. Tudo indicava que a vida sobre aquele planeta, deveria ser muito semelhante à da Terra.

Cidhar e Gendra altura estavam recebendo a primeira aula de lingüística local, ministrada pelo computador central no qual havia sido inserida todas as informações sobre a ortografia do idioma, decifrada anteriormente pelo computador do observatório lunar. Agora, com a gravação feita por Gendra, todos os fonemas da linguagem estavam de posse do computador que usando a comparação com os fonemas da linguagem terrena, transmitia a ambos os primeiros conhecimentos fonéticos da língua do planeta Karon.

Após seu período de descanso, Cidhar estava disposto a tomar uma iniciativa:

— Gendra, creio que a melhor maneira de estabelecermos algumas normas para um primeiro contato com aquela civilização lá embaixo, será uma aproximação apenas da minha energia mental. Nós não podemos correr o risco de fazer um primeiro contato com alguém ou um grupo do lado errado. Pela mensagem deste planeta, sabemos que existe alguma forma de beligerância entre duas facções, sendo que a fonte emissora deve ser o lado certo.

— Na realidade, disse Gendra, o meio mais seguro será você visitá-los protegido por sua invisibilidade mental.

— Então, estamos combinados. Apenas como medida de segurança, no caso de qualquer abordagem alienígena, que venha a pôr em perigo a Temporal, imediatamente você deve retirar-se para o mesmo

ponto no espaço, onde estivemos estacionados, depois de transpassar a fenda. Aí você deverá esperar a minha volta.

— Mas Cidhar, eu poderia tentar...

— Essa é uma ordem, Gendra. Ademais, não temos eficientes meios de defesa na Temporal, que sendo de grandes proporções, será um alvo muito fácil para qualquer adversário.

— Combinado, disse Gendra. Aqui ou no primeiro estágio depois do transpasse.

Cidhar acomodou-se no seu módulo compensador onde seu corpo ficaria em descanso, até sua mente voltar. Estava começando a acostumar-se com a aproximação daquela angústia que antecipava aqueles momentos de verdadeiro inferno psíquico, grande mal estar, ondas de náuseas a envolvê-lo e aquela completa instabilidade emocional. Passado esse instante, Cidhar sentiu uma total paz mental seguida de uma etérea ausência de peso. Sua energia mental estava livre, libertando uma transbordante inteligência.

Mais uma vez. Cidhar visualizou a ponte de comando da Temporal, dando um silencioso adeus a Gendra e atirou-se ao espaço, em busca do planeta Karon e dos seus problemas, imprimindo a si mesmo uma grande velocidade que em pouco tempo o fez vencer aqueles trinta mil quilômetros.

Quando estava a menos de três mil metros da superfície de Karon, verificou que pairava sobre uma grande extensão de água. A cor do líquido era avermelhada, cruzada constantemente por riscas iridescentes que apareciam e desapareciam por todas as partes, sem formar qualquer simetria. Apenas aconteciam. O movimento daquele tipo de água era surpreendentemente lento, como se sua densidade fosse muito maior do que podemos imaginar.

Cidhar continuou evoluindo no espaço em direção ao norte do planeta, procurando encontrar qualquer tipo de vida. Após algum tempo visualizou o fim daquelas águas vermelhas e o começo do elemento sólido do planeta que se apresentava como uma extensa savana coberta por um elemento branco e ondulante. Cidhar pensou tratar-se de uma vegetação de pequena altura muito flexível, batida por ventos que se movimentavam em direção ao norte. Descendo à altura de três metros, Cidhar verificou tratar-se realmente de árvores brancas, com alturas que variavam de um a dois metros, guardando entre si distâncias diversas. Após esse rápido exame do terreno, elevou-se novamente no espaço e continuou rumo ao norte.

Uma hora depois Cidhar encontrou os primeiros vestígios de vida inteligente. Tratava-se de uma construção toda feita com pedras brancas, sendo arredondada na sua forma e nas aberturas. Cidhar entendeu imediatamente que estava diante de uma construção abandonada há muito tempo. Continuou evoluindo no espaço e pouco tempo depois encontrou a grande cidade. Toda branca. Construções de trinta metros de altura, dispostas assimetricamente e sem formar ruas convencionais, porém com distâncias de trinta e quarenta metros entre si, dando espaço suficiente para passagem de seres e de máquinas. A superfície daquelas pseudoruas tinha um capeamento de pedras que em algum tempo deviam ter sido brancas mas que com o uso estavam envelhecidas.

Minutos depois apareceram os primeiros humanóides daquele estranho planeta. Peso e estatura dentro dos limites máximos humanos; cabeça, tronco e membros dentro das proporções máximas normais. A pigmentação, essa sim, completamente diferente, pois, apresentava-se branca como giz e os olhos totalmente dourados. Cidhar pensou que aquele — por qualquer razão até agora inexplicável — basicamente existia em função do pigmento branco.

Cidhar perguntava-se como seriam os veículos utilizados por aquela civilização, quando o primeiro apareceu. Não eram assombrosamente diferentes dos carros usados na Terra, pois, eram dotados de rodas e tão pequenos que somente um indivíduo poderia viajar, perfeitamente acomodado. As quatro rodas, girando a grande velocidade, mantinham-se afastadas do solo, cerca de cinco centímetros — Cidhar não saberia dizer qual o sistema — imprimindo ao veículo uma média de dez a doze quilômetros horários.

Procurando qualquer tipo de orientação, Cidhar percebeu um maior fluxo de trânsito em direção à parte oeste da cidade e resolveu segui-lo em busca de alguma indicação. Poucos minutos depois, aquele

intrincado de construções cedeu lugar a um grande espaço vazio. No seu centro havia uma pequena aglomeração daquelas figuras humanóides brancas, o que o fez estacionar no espaço, chegando muito próximo daqueles que ocupavam o centro da reunião. Já que não tinha ouvidos, o homem da terra — como energia mental — procurava visualizar o movimento daquela boca sem lábios e assim obter qualquer tipo de informação.

A figura branca central era a única que movimentava a boca e Cidhar, pensosamente, traduzia:

— Nossas condições de sobrevivência diminuem mais a cada dia que passa, pois, nossas...

(repetições? Talvez a tradução seja inadequada...) já estão em vias de solucionar o problema da sua esterilidade genética e celular. A partir desse momento, em poucos anos, nós, as matrizes estaremos extintos ou escravizados. A nossa ciência será incapaz de detê-los apesar de todas as tentativas feitas nestes últimos anos.

Um outro humanóide, ao lado, continuou:

— As nossas tentativas de receber ajuda científica externa, ao cabo de todos esses anos só parecem provar que não temos vizinhos planetários, pois, nossos observatórios e postos de escuta não receberam qualquer sinal de vida, fora do nosso planeta.

Sem dúvida alguma, pensou Cidhar, estas eram as informações complementares que precisaria para agir. Restava tão somente voltar à Temporal, pois, o próximo passo deveria ser dado do espaço como medida de segurança. Elevou-se no espaço e desenvolvendo grande velocidade rumou para o Sul atento à localização da construção abandonada que logo depois foi ultrapassada. Evoluindo rapidamente por cima daquela vegetação branca, pouco tempo depois chegou às margens daquela água vermelha indicativa de que sua ascensão rumo à astronave, podia ser iniciada.

Quando a energia mental de Cidhar adentrou a ponte de comando da Temporal, verificou que Gendra estava ausente. Imediatamente acomodou-se dentro de si mesmo, procurando uma transcendental religação da sua mente com seus músculos, nervos e órgãos. Logo em seguida procurou sair do seu módulo compensador, sendo observado por Gendra que naquele momento voltava do laboratório.

— Quanto tempo estive fora, Gendra?

— Pela contagem terrestre, quatro horas e trinta e cinco minutos. Você traz alguma novidade?

— Sim. Creio que temos os elementos complementares nas mãos. Encontrei uma cidade habitada por humanóides...

Cidhar historiou todos os acontecimentos da sua missão no planeta Karon, descendo aos mínimos detalhes, pois, obviamente sabia que tudo estava sendo gravado. Gendra entendendo que a segunda fase daquela viagem começava a desenrolar-se, disse:

— Vou sintonizar nosso receptor na mesma faixa de frequência usada pelo Observatório Lunar, para receber aquela mensagem.

Operando o receptor na faixa requerida, imediatamente o computador central começou a impressão da mesma mensagem recebida na Terra, desde longos meses. Cidhar já estava operando o radiogoniômetro em busca do ponto emissor da mensagem. Segundos depois o computador por outro canal informava a posição da emissão, a posição da Temporal em função do ponto dado e a posição ideal que a astronave deveria tomar para poder cobrir um ângulo de 180° de recepção e transmissão.

Foi necessário operar a Temporal de modo a que ela entrasse em nova órbita exatamente por cima do ponto emissor, completando uma revolução em quatro minutos e trinta segundos. Dessa forma a Temporal teria um minuto e nove segundos de comunicação a cada revolução orbital. Terminada a operação, Gendra começou a fazer uma transmissão na mesma faixa de recepção, procurando desta forma chamar a atenção para o fato de que havia uma interferência proposital atuando sobre a transmissão. Durante quinze minutos terrestres essa interferência foi contínua. Terminado esse tempo, Gendra desligou a transmissão e ficou a escuta. Após alguns segundos a recepção silenciou.

— Chegou o momento Gendra! Vamos transmitir na língua deles, a mensagem gravada.

— Aperto esta tecla e pronto! Já estamos transmitindo.

A gravação dizia apenas que a mensagem fora recebida e que a escuta estava pronta a receber esclarecimentos.

Desse momento em diante estava estabelecido o contato entre o planeta Karon e a Temporal.

Os esclarecimentos vieram longos, exaustivos. Contavam a história de uma civilização que a cerca de trinta anos terrestres fizera importantes descobertas genéticas sobre a reprodução de indivíduos, a partir da célula cultivada em soros fisiológicos, extra-uterinamente. O resultado fora empolgante. A multiplicação celular fora um sucesso. O planeta poderia fazer repetições genéticas dos seus maiores sábios que após a sua morte, seriam substituídos por suas cópias que aportariam a ciência não só a sua inteligência, como a sua sabedoria e mocidade. As sucessivas repetições dessas cópias genéticas — cada vez mais desenvolvidas — trariam, para o planeta a indiscutível tranqüilidade para o futuro.

Mas, algo saíra errado. As repetições genéticas tinham sido filhos muito dóceis até completar vinte anos de idade. Por essa época também ficou definitivamente comprovada a sua esterilidade, isto é, suas células não se multiplicavam na presença de soros fisiológicos ou mesmo pelo método natural da ovulação. Por outro lado suas inteligências respondiam ao elevado coeficiente das suas matrizes ou pais, porém, com um agravante insólito: eram perversos e vingativos. Os biólogos do planeta asseguravam que ao longo do processo de multiplicação celular, acontecera um desvio genético, possivelmente dentro do núcleo da célula. Essa distorção poderia ser causada pela presença de alguma substância expúria, no soro fisiológico.

Resumindo, a situação do planeta era desesperadora, pois, contavam com cerca de cinco mil repetições genéticas que reivindicavam para si o direito de governar o planeta. Seus pais genéticos não lhes entregavam o poder porque sabiam que seriam praticados todos os tipos de perversidade e vingança. Porém não queriam eliminá-los porque eram seus próprios filhos. Obviamente que ao longo de mais de dez anos terrestres haviam sido cometidos cerca de duzentos assassinatos de ambos os lados. Essas mortes fizeram com que todas as repetições genéticas tomassem de assalto uma pequena cidade fortificada geograficamente, escravizando seus habitantes. Ao longo dos anos fizeram desse pequeno forte um inexpugnável quartel general de onde inexoravelmente partiriam para a conquista de todo o planeta.

Cidhar e Gendra estavam atônitos. Sabiam que uma população de quatro milhões, facilmente derrotaria os habitantes daquela pequena cidade fortificada. Imaginavam também a dúvida de milhares de pais, em tomar a decisão de guerrear e matar seus próprios filhos, tendo em contra partida, a obrigação de proteger milhões de habitantes, contra um governo déspota e cruel.

Terminada a transmissão dos humanóides, Gendra esclareceu que a mensagem havia sido recebida, que seria estudada e que mais tarde o ponto emissor seria novamente chamado. Para aplacar em parte, a ansiedade dos humanóides, Gendra explicou que a transmissão estava sendo feita por habitantes do Planeta Terra, pertencente ao sistema Sol, orbitando o espaço a cerca de quatro anos luz de distância. E desligou. Dirigindo-se a Cidhar, disse:

— Não poderia proceder de outra forma, pois, não sei se as tais repetições biológicas estão ou não à escuta. Não sei se fazem viagens espaciais ou não, apesar de que até este momento nossos instrumentos não detectaram, nenhum destroço, satélite ou lixo espacial. Parece ser uma civilização em estado de transição para voôs orbitais, ou talvez apenas para voôs dentro da atmosfera do planeta.

— Bem pensado, disse Cidhar; vamos deixar o computador varrendo a faixa de transmissão usada neste planeta, pois, se as repetições biológicas detectaram nossa presença, poderão fazer algum comentário pelo rádio.

Após ouvirem várias vezes o comunicado dos humanóides, discutindo ademais alguns pontos obscuros, Cidhar e Gendra começaram a esboçar um plano para anular a força daquela pequena minoria que estava prestes a dominar o planeta Karon.

— Uma coisa é certa, Gendra, não podemos liquidá-los porque seria contra nossos próprios princípios e também dos humanóides.

— Pelas informações recebidas, as repetições são superdotadas em relação a seus pais biológicos, disse Gendra.

Cidhar, parecendo pensar em voz alta, comentou:

— Sim, superdotados. . . inteligências avançadas... cidade fechada e humanóides escravizados... talvez se pudéssemos diminuir...

— Cidhar, você está divagando. Ponha em ordem seus pensamentos...

— Sim, Gendra. Creio que meus pensamentos oferecem um plano que poderá ser viável se encontrarmos a forma de aplicá-lo.

Gendra ouvia atentamente a explanação de Cidhar:

— Como não podemos eliminar essa super raça de humanóides que não deu certo, de alguma forma temos que reduzi-la, pelo menos, às condições de obediência aos dirigentes do planeta. Se usarmos a força, estaremos apenas adiando temporariamente o entrelaço final, criando até maiores desejos de vingança. Mas, se conseguirmos fazer com que as repetições deixem de ser superdotadas, teremos a obediência de cada até a sua morte natural.

Gendra interrompeu Cidhar, mais raciocinando em voz alta que propriamente comentando:

— Sim, seria uma bela vitória sem guerra, se pudéssemos ... sim... Cidhar, você é um gênio!

— Exatamente, você entendeu meu raciocínio, Gendra. A única forma, será reduzir o coeficiente de inteligência de todos os superdotados, acima do nível mínimo mental. Assim, continuarão vivendo e até sendo úteis a esta civilização.

— Mas, como e como? — Disse Gendra.

— Sim, entendi sua pergunta. Como reduzir um Q.I., sem levar a mente à debilidade mental e como conseguir fazê-lo simultaneamente em cinco mil repetições biológicas superdotadas.

— Bem, Gendra querida, creio que as tarefas estão divididas a partir deste momento. Você com sua tendência anímica e seu laboratório biológico, deverá isolar uma forma de conseguir a redução do coeficiente de inteligência sem determinar uma completa lavagem cerebral nos seus cinco mil pacientes.

— Quanto a mim, vou procurar encontrar essa tal cidade inexpugnável, dos superdotados, para armar um plano ou forma de usar o seu invento, nesses sujeitos maus.

Depois de algumas horas de trabalho que forçosamente aparecem numa astronave como a Temporal, Cidhar decidiu que chegara o momento de fazer uma visita aos humanóides resultantes de uma malfadada experiência biológica. As informações recebidas do planeta e guardadas em fita, determinavam o Leste daquele mar de águas vermelhas.

Já encasulado no seu módulo compensador, Cidhar entregava-se mais uma vez à experiência de separar sua energia mental do seu corpo físico, passando pelas mesmas náuseas, ansiedades e aquele brutal inferno psíquico que bruscamente se transformava numa verdadeira paz celestial. Repentinamente, do alto, passou a visualizar toda a ponte de comando da Temporal, com Gendra olhando fixamente seu corpo dentro do módulo, como se quisesse adivinhar o que estava acontecendo naquele momento.

Imaginando um sorriso mental, Cidhar atirou-se ao espaço, em busca da cidade das “repetições”, seguindo o roteiro indicado pelos humanóides. Durante quatro horas terrestres viajou para Leste, evoluindo sempre acima de cem metros daquelas águas vermelhas e a menos de mil metros da costa. Esta apresentava-se as vezes coberta daquela vegetação branca, mas durante quase o tempo todo o solo era formado de rochas brancas com alcantilados de mais de cento e cinquenta metros de altura, todos terminando em cumes ponteados.

Cidhar elevou-se no espaço e procurou aproximar-se um pouco mais da costa. Com essa modificação de posição, passou a visualizar um estreito caminho — cerca de cinco metros de largura — que seguia serpenteando pela costa, em direção a leste. Essa espécie de estrada era toda empedrada com lajes

simétricas. Apesar da velocidade que levava, a energia mental de Cidhar, procurou detectar algum transeunte, porém, estava tudo deserto e assim continuou até encontrar com as primeiras construções que davam sinal de estarem de há muito abandonadas. Para melhor visualizar o conjunto de construções ou cidade que obviamente iria logo depois encontrar, elevou-se rapidamente no espaço. Momentos depois, via aérea Cidhar Dim entrava nos domínios das repetições biológicas do planeta Karon.

Durante mais de dois dias terrestres, consecutivos, Gendra estudou e trabalhou no laboratório biológico da Temporal, ajudada constantemente pelo computador especialmente programado para tal fim. As memórias daquela máquina maravilhosa estavam repletas dos mais completos conhecimentos sobre a vida humana, animal e vegetal, estendendo-se a todos os tipos minerais conhecidos, dando suas características físicas e químicas. Movimentando-se nesse complexo científico, Gendra aplicava todos os seus conhecimentos biológicos a fim de resolver e vencer o maior desafio de toda sua vida de alfa-espacial, isto é, como reduzir o Q. I. de um humanóide sem levá-lo à escuridão da debilidade mental.

Ao iniciar sua pesquisa, antes de mais nada, Gendra criou um soro nutriente baseado em carboidratos, aminoácidos, gorduras, sais e vitaminas, que pudesse estabelecer condições de vida para um célula animal, criou uma linhagem de células mutantes nutricionais e isolou uma substância química que pudesse efetuar uma modificação controlada na chamada zona somatopsíquica de um cérebro semelhante ao do homem. E quando Gendra chegou ao seu segundo dia de trabalho, o computador do laboratório confirmava que teoricamente a substância isolada poderia controlar o Q. I. de uma inteligência semelhante à do ser humano.

A partir desse momento, levando em conta a credibilidade sobre os efeitos da substância, Gendra procurou determinar as qualidades que seriam necessárias para uma inoculação em massa, nos humanóides superdotados, e então, com todo o seu trabalho concluído, repentinamente, começou a preocupar-se com Cidhar, isto é, com o seu corpo, pois, a sua energia mental em missão de espionagem no planeta Karon, estava obviamente imune a qualquer surpresa desagradável. Sim, o corpo de Cidhar jazia imóvel dentro do módulo, há mais de dois dias, completamente sem alimento, e isso naturalmente preocupava Gendra. Dentro da Temporal, não havia nenhuma informação que pudesse indicar qualquer procedimento para alimentar o corpo do comandante, já que esse predicado de poder separar corpo e mente, fora mantido secretamente entre pouquíssimas pessoas.

Quando o terceiro dia chegava ao fim, o corpo de Cidhar começou a dar sinais de vida, no interior do módulo, do qual ao sair, ainda caminhando sem firmeza, foi logo amparado por Gendra que imediatamente o colocou diante de alimentos que foram literalmente devorados em poucos minutos.

— Meu corpo queimou muitas calorias durante esses três dias que estive no planeta. Minha energia mental ao penetrar no meu corpo, sentiu imediatamente o meu desfalecimento cerebral. No futuro, vamos providenciar uma injeção de soro na minha corrente sanguínea, para evitar qualquer contratempo.

— Na realidade pensei em alimentá-lo fisiologicamente, mas, como nada havíamos combinado, preferi esperá-lo com alimentos prontos. Na próxima vez já, estarei com tudo pronto para essa eventualidade. Mas, como foi a sua estadia entre as repetições biológicas?

— Não posso dizer que será fácil levar nossa tarefa até o fim, pois, aqueles superdotados estão perfeitamente fortificados e prontos para qualquer emergência. Tenho algumas idéias que poderão ser postas em prática, mas que dependerão das suas pesquisas biológicas.

— Na verdade, disse Gendra, com a competência do computador e os recursos do laboratório, consegui isolar uma substância que teoricamente deverá controlar o nível de uma inteligência semelhante à do homem.

— Ótimo Gendra! Qual a textura dessa substância?

— Bem; nas minhas experiências, produzi em forma líquida, porém, poderei fabricá-la em forma de

gás ou partículas de cristais.

— Você é formidável, menina! Assim, temos chance de vencer

aquelas “repetições”!

— Vejo que você tem algumas alternativas de sucesso. Com luta ou sem luta?

— A essa pergunta, só as “repetições” poderão responder. Mas, se for possível, sem guerra.

— Qual a melhor alternativa?

— Acredito na forma gasosa, desde que possamos controlar a eficiência em função do tempo de ação.

— Na forma gasosa — disse Gendra — poderemos controlar o tempo de eficiência da droga durante doze horas terrestres, apenas. Entretanto, a agressividade será maior porque a penetração no corpo dos humanóides será por via respiratória, cutânea e digestiva.

Cidhar, curioso, perguntou:

— Qual a faixa de inteligência, controlada pela droga?

— Qualquer coeficiente situado vinte pontos acima da faixa de debilidade mental superior, não será afetado. Por outro lado qualquer coeficiente acima desse nível, será rebaixado para esse padrão.

— Ótimo Gendra. Você oferece uma vida útil para o futuro desses humanóides superdotados, integrados na população do planeta.

— Cidhar, precisamos saber qual a área a ser atingida pela substância e como fazê-lo.

— A pequena cidadela das “repetições” humanóides, está situada sobre um promontório bem elevado que avança sobre essa água vermelha. Sua área é de dezesseis mil metros quadrados, obviamente muito pequena para a população que abriga. Os picos elevados da costa, formam um bolsão de ar sobre o promontório, havendo pouquíssima movimentação de ventos. Quanto à dispersão da substância gasosa, vamos fazê-la com o nosso módulo planetário, voando em círculo sobre o promontório, aspergindo a droga que você fabricou. Para tanto, precisamos rever os desenhos do módulo a fim de adaptá-lo a esse tipo de trabalho.

As horas que se seguiram foram longas e afanosas para os dois astronautas. Cidhar passou a trabalhar no pequeno hangar onde estava estacionado o não menos pequeno módulo planetário. Sua intenção era de fabricar e acoplar um sistema de aspersão de gás, embaixo do módulo, assim como dotar o engenho aéreo de um levíssimo reservatório onde seria estocada a substância isolada por Gendra. Os visiofones internos da Temporal foram várias vezes usados por ambos os cosmonautas para troca de informações imprescindíveis ao bom andamento do projeto.

Gendra por sua vez, com a ajuda que tinha daquele incrível laboratório cujos instrumentos respondiam positivamente a qualquer tipo de demanda, após horas de trabalho conseguiu armazenar a quantidade de droga que seria necessária para influir na psiqué das “repetições”.

Quando mais uma vez, os dois terrestres reuniram-se na ponte de comando da Temporal, Gendra, tomando a iniciativa, disse:

— Precisamos um gaseoduto para levar a droga do laboratório até o tanque de armazenamento do módulo. É perigoso a manipulação dessa substância em estado gasoso, pois, ela sofre uma certa instabilidade diante de vibrações a nível sonoro.

— Nós temos um gaseoduto ideal — disse Cidhar — nas tubulações de ar ligadas ao hangar. Faremos um corte em uma delas e ligaremos o reservatório do laboratório aos tanques da nossa pequena aeronave.

Quando a luz da estrela Próxima apareceu no horizonte do planeta Karon (evidentemente em relação a um observador postado no planeta), Cidhar e Gendra estavam prontos para descer com o módulo, até a superfície do planeta.

Aliás, prevendo um possível choque com as defesas das “repetições biológicas”, Cidhar instalara na aeronave planetária, um raio eletrônico que seria inofensivo à vida dos humanóides, mas destruidor de qualquer tipo de mineral que fosse por ele atingido. Essa era uma medida de segurança mínima, pois, quando a energia mental de Cidhar, estivera naquela cidadela, pudera identificar diversos tipos

lançadores de projéteis, estrategicamente distribuídos ao redor de todo o promontório. Não vira nenhum daqueles lançadores em ação, porém imaginava que poderiam ser perigosos se atingissem o módulo quando este estivesse operando em baixa altitude.

Já perfeitamente acomodados dentro da pequena aeronave, os dois terrestres estavam prontos para a ação. Cidhar, por controle remoto abriu as comportas do hangar e dirigiu lentamente o módulo, para fora do bojo da Temporal, passando a navegar em queda livre em direção ao planeta. Cidhar não tinha pressa, pois, os cálculos previam a entrada do módulo, na atmosfera do planeta para muitas horas depois e a baixa velocidade, pois, a densidade atmosférica de Karon era bem maior do que a da Terra. Entrar em grande velocidade naquela atmosfera seria o fim daquela operação. Por outro lado, como medida de segurança, o módulo deveria chegar à superfície do planeta, ao escurecer, pois, estaria oculto pelas trevas da noite, podendo elidir qualquer confronto com as defesas dos superdotados humanóides.

Por tratar-se de um engenho aéreo movido por eletricidade gerada por uma pequena pilha atômica, o módulo planetário era praticamente silencioso e por essa razão pode sobrevoar o promontório, ajudado ainda pela escuridão da noite. Imediatamente foi iniciada a operação de aspersão do gás sobre a cidadela. Enquanto Cidhar comandava o módulo em espirais concêntricas de forma a abranger todo o promontório, Gendra manipulava a saída do gás que aspergido com violência começava a formar uma neblina compacta que caía lentamente em direção ao solo.

Repentinamente algo explodiu muito próximo do módulo que devido ao deslocamento de ar, entrou em vibração. Imediatamente a voz desesperada de Gendra encheu os fones de Cidhar:

— Essas vibrações explodem o módulo! O gás não pode ser submetido a elas! Faça alguma coisa!

— Calma Gendra; já estamos a quinhentos metros daquela explosão. Suspenda o gás e dirija a luz infra vermelha para o solo. Temos que revidar o ataque ou não terminaremos o nosso trabalho.

— Tudo ligado. Veja! Lá estão os tais lançadores! Há um enxame de “repetições”, também! Pulverize esses brinquedinhos, Cidhar, ou nunca mais voltamos a ver o planeta Terra!

— Calma, menina, já os tenho nas coordenadas; veja o que acontece!

Realmente, os lançadores daquelas bombas explosivas começavam a desmanchar-se literalmente, sob os olhos atônitos dos humanóides. Porém, outra bomba explodiu perigosamente perto do módulo. Cidhar, por cautela elevou o módulo até uma altura que lhe pareceu estar em segurança. Entrando em contato com Gendra, disse:

— Dê uma idéia Gendra; não consigo atinar como esses humanóides conseguem ver o módulo nessa escuridão.

— Enquanto você manobrava o módulo para ganhar altura, enfoquei o solo com o infra vermelho e vi o que acontece. Eles ampliam várias vezes a brancura daquelas pedras, através de qualquer coisa parecida com uma poderosa lente de aumento e com isso produzem um fecho de luz mortífera, suficiente para provocar alguns reflexos de luz, emitidos pela fuselagem do módulo.

Cidhar, demonstrando verdadeira surpresa, respondeu:

— Maravilhoso! São realmente superdotadas essas “repetições”. Pelo que estou entendendo, éramos esperados, ficando confirmado que nossas transmissões foram interceptadas. Obviamente eles esperavam nossa visita, pelo ar e durante a noite; por isso, mostraram aqueles engenhosos holofotes. Assim, nossos próximos objetivos, não serão os lançadores e sim os holofotes.

— Mas Cidhar, os tais amplificadores de luz devem ser muitos e enquanto destruímos alguns, outros nos pegam e essa droga que temos armazenada nos fará explodir no ar, apenas por vibração.

— Por certo que não podemos simplesmente atacá-los. Vamos circunscrever a cidadela e abrigar-nos entre os picos elevados que rodeiam parte do promontório. Ali encontraremos um local para base de operações e vamos destruir todos aqueles malditos holofotes.

Realmente, os alcantilados que protegiam aquela parte da cidadela, ofereciam um ótimo abrigo para o módulo da Temporal. Cidhar encontrou um ponto estratégico para pousar, deixando apenas o tubo do raio

eletrônico e o foco da infra vermelho, visíveis e viabilizando o bombardeio da cidadela.

— Muito bem Gendra, vamos começar nossa caçada; você vai focando os brinquedinhos e eu os vou pulverizando.

Durante meia hora, a caçada continuou, febril e laboriosa. Foram destruídos mais de vinte holofotes. Como as “repetições”, ignoravam que o ataque vinha do solo, continuavam procurando inutilmente, seus inimigos, no espaço. A fortaleza dos superdotados fora impotente. O trabalho de Cidhar e Gendra continuou cerca de duas horas depois quando os humanóides deixaram de lançar ao ar e a esmo, suas bombas explosivas. Provavelmente pensaram que haviam rechaçado o inimigo sem sofrer uma baixa sequer. Pensavam na vitória. Nunca saberiam que houvera uma derrota. Suas mentes, com níveis normais de inteligência, procederiam também com ímpetos menos violentos e menor agressividade. Voltariam a seus pais genéticos com docilidade e espírito de colaboração.

Horas depois o módulo planetário encontrava a Temporal em pleno espaço e Cidhar muito lentamente operava o seu acoplamento dentro do hangar, fechando as comportas e estabelecendo níveis normais de pressurização. Em alguns instantes os cosmonautas deixaram o módulo e, suavemente evoluindo no espaço, chegaram à ponte de comando. Tudo parecia normal. Apenas na teleimpressora do computador estava registrada uma mensagem dos humanóides que operavam o ponto emissor, anteriormente captado.

Momentos depois, a Temporal na sua rota orbital entrava na faixa de recepção e a voz grave do operador do planeta Karon insistia mais uma vez em receber qualquer comunicação. Gendra transmitiu de forma velada e impessoal, dizendo que a tripulação da astronave Temporal estava satisfeita com os resultados obtidos, na missão que os trouxera do planeta Terra, para onde partiriam em alguns minutos. Que o comandante não poderia participar de um contato direto, pois, os dois planetas atravessavam um estágio de civilização completamente diferentes e as influências de uma inevitável troca de informações poderiam ser maléficas para ambos os lados. Talvez um dia a Temporal voltaria àquele sistema planetário. O adeus era inexorável.

12

Uma pequena ruga de preocupação aparecera na testa de Cidhar Dim que quanto mais examinava as respostas do computador da Temporal, menos entendia o que estava acontecendo, pois, por duas vezes pedira as coordenadas do ponto em que a Temporal iniciara sua viagem dentro do sistema Alfa do Centauro, e, as respostas do computador foram sempre as mesmas: “dados insuficientes”. Talvez a inquirição devesse ser de acordo com o espaço percorrido e o tempo passado dentro do sistema.

Com esse tipo de inquirição, o computador reagiu de forma normal, respondendo corretamente. Com o tempo e o espaço percorrido em órbita no planeta Karon, identificados com a simples leitura do instrumento apropriado, Cidhar entregou ao computador uma nova triangulação e conseguiu obter as coordenadas do ponto de partida da Temporal quando iniciara a viagem em direção à estrela Próxima. Movimentando as alavancas do painel de comando da Temporal, Cidhar deu os últimos ajustes mecânicos e pressionando um retângulo luminoso, entregou ao piloto automático, a direção da astronave.

— Sabe Gendra, temos uma longa viagem pela frente, até encontrarmos novamente a fenda de passagem para o sistema solar. Vou aproveitar parte desse tempo para fazer a vistoria de bordo, ajudado pelo computador auxiliar. Enquanto isso, seria bom termos o telescópio microeletrônico assestado para o ponto ao qual nos dirigimos, com lento movimento parabólico.

— Farei como você quer Cidhar, estaremos fazendo praticamente o mesmo trabalho do computador.

— Sei que estaremos fazendo serviço dobrado, no entanto, creio que o nosso computador tem alguma avaria, pois, somente invertendo a pergunta sobre nossas coordenadas, que ele deu a resposta adequada. Não sei o que está acontecendo...

Nas horas que se seguiram, Cidhar fez um metuculoso trabalho de inspeção ajudado por instrumentos ou pelo computador auxiliar. Satisfeito com os resultados obtidos, voltou para o setor vivencial da Temporal, dirigindo-se para a pequena sala de refeições, onde encontrou Gendra também a procura de alimentos.

— Tudo em ordem na nossa velha Temporal, disse Cidhar.

— O telescópio está funcionando. Esta parte do Universo tem uma miríade de estrelas que faria a felicidade de todos os astrônomos da Terra. Estou fotografando a abóboda celeste — pelo telescópio — a cada quinze minutos. Nossos cientistas levarão anos examinando essa coleção.

Durante dois dias a Temporal vagou pelo espaço a grande velocidade. A estrela Próxima diminuiu em tamanho e em sua intensidade de luz. O planeta Karon passou a ser apenas um pequeno ponto luminoso no espaço. A astronave deveria estar nas proximidades do seu ponto de partida, quando transpassara a fenda do tempo.

De fato, o computador estava avisando que dentro de dez minutos a nave estaria estacionada nas coordenadas indicadas pela programação de Cidhar.

Gendra interrompeu seu trabalho, para dizer:

— Nosso telescópio até agora não identificou nenhum espaço vazio nesta imensidão celeste. Até parece que perdemos o rumo.

— Precisamos da sua coleção de fotos das últimas duas horas. Vamos compará-las com as fotos tiradas quando da nossa chegada a este lugar, disse Cidhar com um pouco de preocupação.

Com certa precipitação, Gendra entregou ao equipamento de comparação, as fotos pedidas por

Cidhar e ambos ficaram durante longos segundos, a espera do processamento que lhes permitiria dizer se estavam ou não no ponto de partida.

Logo a seguir tiveram uma decepção. As fotos não eram semelhantes. Aquele pedaço de espaço não era igual àquele que procuravam. Ci dhar, com a preocupação estampada na sua fisionomia, disse:

— Vamos refazer todos os cálculos sem a ajuda do computador. Sei que levaremos horas trabalhando. Sei que o computador o faria em segundos, mas, acho que a nossa maquininha não está passando bem.

Gendra querendo demonstrar um otimismo que estava longe de sentir, respondeu:

— Refazer todos esses cálculos será um bom exercício mental. Vamos ao trabalho, meu caro comandante.

Em poucos minutos, a mesa de mapear e traçar triangulação, estava cheia de instrumentos eletrônicos para medir e calcular. A memória do computador central forneceu os dados iniciais e tabelas astronômicas juntamente com a paralaxe usada a partir da estrela Próxima e o raio do planeta Karon. Durante algumas horas os astronautas trabalharam com afinco, falando apenas quando era necessária alguma pergunta.

A situação era tensa, pois, somente aceitar o pensamento de que a Temporal estava perdida naquela imensidão de espaço, causava calafrios. Encontrar mais uma vez a ruptura do tempo, era a única forma de voltar para a Terra. Sendo assim, a esperança que alimentavam Gendra e Cidhar era de que o computador central, por qualquer razão ainda desconhecida, estava avariado em qualquer circuito do seu cérebro eletrônico. Essa esperança fez com que os dois trabalhassem com entusiasmo e aceleradamente por várias horas, até chegar a um resultado final.

O computador não estava avariado; os cálculos de ambos coincidiam com os cálculos recebidos da máquina. A Temporal estava perdida no espaço, a uma distância de quatro anos luz do sistema solar, aparentemente sem remissão.

Calma, porém demonstrando na voz o frio da fatalidade, Gendra disse:

— Deve haver alguma coisa que podemos fazer mas que momentaneamente não atinamos. Claro que independente de tudo o mais, podemos ficar estacionados no Planeta Karon durante oito anos, tempo necessário para pedirmos ajuda à Terra, e, recebermos o auxílio pedido. Logo a seguir, em três meses estaremos em casa.

Cidhar, sentindo-se um alfa espacial quase derrotado, disse:

— Pode ter certeza Gendra que essa não é a atitude que o Instituto Eclético espera dos seus astronautas. Como você disse, deve haver alguma coisa a ser feita. Não concordo em ficar aqui durante oito anos.

— De qualquer forma, cumprimos a missão que nos foi confiada. Conseguimos pacificar e restabelecer o equilíbrio em uma civilização que estava prestes a sucumbir; influímos sobre os humanóides do planeta Karon, sem quebrar o seu destino futuro e sua estrutura histórica; mesmo a ecologia do planeta não foi sequer tocada. Enfim, fizemos uma virtual aberração na vida do planeta, sem provocar efeitos secundários para a sua civilização.

Na realidade Gendra, foi um belo resultado, porém com um fim melancólico, pois, ocasionamos uma modificação no planeta sem aberração do seu futuro... sim... aberração... aberração...?... Gendra! Você é um gênio! Você encontrou a nossa saída! Vamos encontrar a ruptura do Tempo e tocar para casa o mais rapidamente possível!

— Calma Comandante! Não sou um gênio e não sei a que conclusão você chegou. Explique tudo isso, por favor!

— É o óbvio; o fenômeno chamado aberração da luz, neste sistema planetário é diferente do nosso sistema solar. É sabido que o raio luminoso muda de direção em virtude da distância percorrida e da sua entrada na atmosfera do planeta. Nestes dois casos temos diferenças com os parâmetros terrestres, pois, a distância percorrida pelo raio luminoso da estrela Próxima e a densidade atmosférica do planeta Karon,

são totalmente diferentes da Terra. Mais, o raio de Karon é diferente do raio terrestre o que modifica a paralaxe que estamos utilizando para a triangulação. O nosso computador tem na sua memória os dados da paralaxe e da aberração da luz, correspondentes ao nosso sistema solar e projetou nossa trajetória, de acordo com os elementos da sua memória. Por essa razão, quando pela primeira vez pedi nossa rota em direção à fenda, a nossa maquininha declarou-se com dados insuficientes.

Os dois cosmonautas atiraram-se ao trabalho. Fizeram todos os levantamentos de dados sobre as novas condições astronômicas. Logo a seguir fizeram a nova programação do computador. Dois dias terrestres de intenso trabalho, pertinácia e cautela, pois, ambos sabiam que um pequeno erro nos cálculos, retardaria ainda mais a viagem de volta ou mesmo levaria a Temporal aos confins do sistema Alfa do Centauro. Cidhar sabia que a nova programação deveria ser equacionada com as resultantes dos bancos de memória impressos da Terra, nos circuitos do computador. Tinha que confiar na máquina, pois, o trabalho consumiria uma vida de toda uma equipe de cientistas. Enfim, o trabalho chegara ao fim; ele e Gendra, em poucos minutos saberiam se tudo estava em ordem; o computador reclamaria por dados insuficientes ou erro de programação.

Instantes depois Cidhar, tenso, observava como a tele-impressora do computador despejava toda uma triangulação da posição atual da Temporal e a tão desejada posição da fenda, no espaço. Sem mais delongas, Cidhar transferiu para o piloto automático, as coordenadas recebidas e logo a seguir a astronave rasgou o espaço como o meteoro da vitória.

Alguns dias terrestres depois, a Temporal estacionava novamente no espaço, após percorrer alguns milhões de quilômetros. Porém, desta vez, estava diante da tão desejada descontinuidade do Tempo. Cidhar, pilotando manualmente a Temporal, levou-a ao correto posicionamento para a última corrida em direção à Terra; ajustou a contagem regressiva e o piloto automático, chamando Gendra para acomodarse no módulo compensador, transferindo para o seu próprio módulo, alguns comandos de emergência. Em alguns minutos a Temporal alcançaria quarenta e dois mil quilômetros horários e mais uma vez transpassaria a fenda do Tempo.

A contagem regressiva chegou a zero; a astronave rompeu aquele espaço, por última vez; transpassou a ruptura temporal e instantes depois o computador central informava a Cidhar que a distância a ser percorrida até o planeta Terra, era de vinte e nove unidades astronômicas.

Gendra preparou uma transmissão de TV, após sair do seu módulo compensador.

Cidhar Dim, diante da câmera, transmitiu para a Terra:

— Estamos de volta ao Sistema Solar. A Temporal completou sua missão.

[{1}](#) Nota do autor: a ciência Nexoeclética, por ser essencialmente monolítica no seu conceito filosófico, não permite especialização entre seus estudantes graduados. Entretanto, reconhece a vocação ou tendência psíquica de cada um; daí a expressão «referencial anímica».

[{2}](#) O projeto da astronave Temporal foi concebido antes de ser determinado quais os alfa-espaciais que comporam sua tripulação, daí a emergência de entregar o Comando, ao computador.

O PLANETA PROGRAMADO

Gerald C. Izaguirre

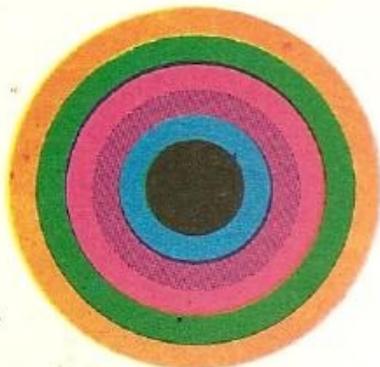
Aquele projeto transformara-se no maior empreendimento científico da Terra. Seria transcendental não somente na sua envergadura como também na passagem do tempo, pois, o seu desenvolvimento processar-se-ia durante cinco séculos.

Após uma batalha entre conceitos políticos, interesses econômicos de âmbito mundial e uma férrea determinação da elite científica da Terra, o Governo Central tomou a decisão de programar a vida de um Planeta, onde seria criado um perfeito ecossistema destinado a receber uma colonização humana que jamais teria qualquer tipo de problema com a natureza, flora ou fauna local, perfeitamente programadas para auxiliar a vida do Homem.

Na estrela Sírius, o planeta P.H.A.R.I.S., tinha sido escolhido para a grande experiência, cuja primeira etapa fora a instalação da Casa do Computador.

O arrojado projeto desenvolveu-se durante séculos sem um deslize sequer, pois, todos os segredos inerentes à experiência foram zelosamente guardados.

Quase cinco séculos transcorreram. E então... repentinamente... algo não deu certo. Um jovem programador científico da Casa do Computador, ao fazer uma ociosa e singela pergunta à grande máquina, disparou uma enxurrada de tenebrosos segredos...



MAIS UM GRANDE LANÇAMENTO

DA

Nova Época

Editorial